

UNIVERSIDADE ABERTA



**Do segredo à revelação: subsídios para o estudo
retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia**

Odília de Fátima Soares Silveira Machado

Mestrado em Estudos de Língua Portuguesa

Lisboa, 2020

UNIVERSIDADE ABERTA



**Do segredo à revelação: subsídios para o estudo
retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia**

Odília de Fátima Soares Silveira Machado

Dissertação de Mestrado orientada pela Professora Doutora Isabel Roboredo Seara

Lisboa, 2020

Resumo

“Do segredo à revelação: subsídios para o estudo retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia” é um trabalho que tem como objetivo contribuir para um alargamento continuado de estudos incidentes sobre a análise discursiva de cartas pessoais não publicadas de autores consagrados.

Neste estudo, a análise do texto epistolar recai sobre as sete cartas de amor que se encontram incluídas nos arquivos da correspondência de Natália Correia e de Dórdio Guimarães, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada: seis escritas pela autora cujo destinatário é Dórdio Guimarães, o seu quarto marido; uma redigida por ele, para a sua eterna amada. Também são consideradas as breves mensagens incluídas em três postais enviados por Natália para Dórdio.

A partir das memórias impressas na correspondência pessoal de Natália, que constitui o *corpus* textual da análise da superfície discursiva deste estudo, são revelados aspetos do seu relacionamento amoroso com Dórdio Guimarães, que importa serem considerados sobretudo à luz do discurso epistolar da autora.

Deste modo, procura-se evidenciar a importância que o texto epistolar pode ter no desvendamento dos sentimentos de Natália Correia em relação a Dórdio Guimarães, apesar das perceções que, muitas vezes, foram geradas e manifestadas, publicamente, por amigos que lhe eram mais próximos.

Palavras-chave: texto epistolar; cartas de amor; revelação; confiança; Natália Correia.

Abstract

“Do segredo à revelação: subsídios para o estudo retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia (From secrecy to revelation: subsidies for the rhetoric-discursive study of Natália Correia's unpublished epistolary)” is a work that aims to contribute to a continued widening of studies on the discursive analysis of unpublished personal letters by renowned authors.

In this study, the analysis of the epistolary text talks about the seven love letters that are included in the correspondence archive of Natália Correia and of Dórdio Guimarães, in the Ponta Delgada Public Library and Regional Archive: six written by the author to Dórdio Guimarães, her fourth husband; one written by him for his eternal beloved. Are also considered three short messages of postcards sent by Natália to Dórdio.

From the memories printed in these personal letters, which constitute the textual *corpus* of the discursive surface analysis of this study, are revealed aspects of Natália Correia's love relationship with Dórdio Guimarães. Those aspects should be considered above all in the author's epistolary discourse.

Thus, it is evident the importance that the epistolary text has in unveiling the feelings of Natália Correia about Dórdio Guimarães, despite the perceptions that were often generated and publicly expressed by friends who were closer to her.

Key words: epistolary text; love letters; revelation; confidentiality; Natália Correia.

Resumé

La dissertation «Do segredo à revelação: subsídios para o estudo retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia (Du secret à la révélation: contributions pour l'étude rhétorique-discursive de l'épistolaire non publié de Natália Correia)» a l'intention de contribuer à l'élargissement des études sur l'analyse discursive des lettres personnelles d'auteurs de renom qui n'ont pas été publiées.

Dans cette étude, l'analyse repose sur les sept lettres d'amour (six de Natália Correia adressées à Dórdio Guimarães, son quatrième mari, et une de Dórdio dirigée à sa femme, son éternelle bien-aimée), qui font partie des archives de correspondance de Natália Correia et de Dórdio Guimarães, déposés à la Bibliothèque Publique et Archive Régionale de Ponta Delgada. Les brefs messages inclus dans trois cartes postales envoyées par Natália à Dórdio sont également pris en considération.

Les routines verbales et les mémoires inscrites dans ces lettres personnelles, surtout dans le discours épistolaire de Natália Correia, révèlent des traits de la relation amoureuse de Natália et Dórdio qui nous amèneront à réfléchir sur l'importance du texte épistolaire dans le dévoilement de la profondeur des sentiments de Natália vis-à-vis de son mari, malgré les perceptions qui ont souvent été exprimées publiquement par des amis très proches du couple.

Mots-clefs: texte épistolaire; lettres d'amour; révélation; confidentialité; Natália Correia.

Dedicatória

A ti, PAPÁ,

Dedico-te este estudo, porque foste tu quem me ensinou a encontrar,
em todas as dificuldades, oportunidades. E, nesta dificuldade, que é a da
tua ausência terrena, a luz da tua memória dita o meu caminhar...

O teu ouro

Agradecimentos

Agradeço-te / lhe / vos, profundamente,

... meu adorado filho, Jaime,

Por me teres ajudado a ultrapassar aquelas que foram as maiores dificuldades associadas à realização desta especialização, pois, apesar de te ter privado, muitas vezes, da minha companhia, sempre soubeste que o sacrifício se traduziria numa mudança, que seria bastante mais benéfica para nós os dois, num futuro próximo. Desde 2017, que te ouço perguntar: “Ainda falta muito?”, pelo que, neste momento, já te posso dizer, meu anjo, que falta bastante pouco, para te levar para onde mais anseias estar... A conclusão desta dissertação representa, para nós, aquela que será a introdução!

... meus insubstituíveis pais, Hermínio e Maria (da Rosa),

Por me terem incentivado sempre a estudar e a dedicar-me àquilo que muito gosto de fazer – ensinar –, para que nunca me sujeitasse a estar distante daquilo que me dá prazer. Sem o vosso apoio, esforço e dedicação, não teria sido possível atingir, nem pessoal, nem profissionalmente, nada daquilo que define o caminho que construí até hoje. Nada do que já vos tenha dito, feito ou dado representará jamais o quanto estou agradecida por tudo o que me dissestes, fizestes e destes, porque, para além daquilo que fostes para mim, maior dádiva é o que significais para o meu filho, o nosso menino. Fostes a continuação de mim na vida dele, procurando que, nas minhas limitações, incluindo as ausências por deslocação em trabalho, nada deixasse de lhe ser assegurado, apesar do sacrifício implicado para todos nós.

...meu grande e querido irmão-padrinho, Manuel Hermínio,

Por me teres apoiado, incondicionalmente, durante o estado terminal de vida do nosso querido pai e após a sua morte, no sentido de eu me encher de coragem para redigir esta dissertação em tão pouco tempo. Zelaste para que eu tivesse todas as condições necessárias à consecução deste objetivo, que, por infortuna, foi continuamente adiado, devido a razões de ordem diversa, que sempre me foram ultrapassando, ao longo de cerca de catorze anos. Perante aquele que era o meu sofrimento, e quiçá o esquecimento de um sonho maior, logo te determinaste e me acompanhaste, sem me deixares desvanecer, em nenhum momento, daquela viagem que será a oportunidade de eu me reencontrar num mundo que acredito me estar predestinado. Guardarei para sempre as tuas palavras de anjo guardião, porque, num universo de ausências masculinas, és tu aquela presença única que se faz marcadamente protetora.

...minha queridíssima irmã-madrinha, Lina,

Por teres cuidado de mim, sobretudo durante o tempo em que, por consequência do acidente que tive em novembro de 2017, fiquei largamente limitada na minha capacidade de resposta a tarefas básicas do dia a dia e, conseqüentemente, sem possibilidades de prosseguir com a componente curricular da especialização deste Mestrado. Naquela altura, pareceu-me que o mundo desabava, novamente, sobre mim, e que as novas circunstâncias me afastariam, definitivamente, daquela que era a minha maior pretensão: redefinir o projeto de felicidade da minha família. Apesar das limitações da tua vida pessoal e profissional, procuraste que nada me faltasse e ao meu filho, para além de te teres esforçado, no sentido de passares a substituir-me, durante meses a fio, nas tarefas de cuidar do papá e da mamã. Apesar de todos os constrangimentos por que passei, em todos os momentos sempre me

incentivaste a prosseguir! E, assim, mesmo em silêncio, sempre pude descortinar que, para ti, um bem maior se afirmava: eu estava a aprender a cuidar de mim, deixando de me entregar exclusivamente à dita causa do bem comum.

... meus lindos sobrinhos, Heitor, Lia, Simão, Martim e Miguel,

Por me compreenderem nas minhas limitações desde tenra idade; por estarem sempre disponíveis para atender ao que vos peço, incluindo a realização de sessões fotográficas maravilhosas, que ficarão, para sempre, na nossa memória; por me acarinharem, desmedidamente, e cada qual com um jeito particular, que ainda mais vos engrandece. Ora, por me fazerem sentir que se orgulham de eu ser a vossa tia e/ou madrinha Odília, quando alguém se refere a mim em diferentes contextos...

... meu estimado amigo-irmão, António Couto,

Por me teres incentivado, permanentemente, a seguir o percurso desta especialização, após cinco anos de trabalho conjunto, num projeto que nos uniu profissionalmente, mas que, na verdade, se traduziria numa união também pessoal, pelo bem maior que descobrimos: o nosso amor de irmãos. Como um bom irmão, logo te apressaste a zelar para que se tornasse possível a frequência deste Curso de Mestrado, deixando-me saber que posso contar contigo em todas as ocasiões da minha vida. Sempre estarás presente, porque, para além da amizade, há um sentido de família entre nós, meu irmão.

... minha doce amiga-irmã, Eloísa Sousa,

Por me teres obrigado a olhar para mim mesma como pessoa e mulher! Por teres cuidado de mim como uma irmã em todos os momentos marcados por adversidades! Sempre me ouviste. Sempre me

compreendeste. Sempre me incentivaste a ser melhor, mas já não e apenas para os outros. Sorríste para este Curso, porque viste nele uma oportunidade de eu me realizar num projeto exclusivamente pessoal! Perante o meu entusiasmo permanente, foste-te rendendo também, porque quem ama também se satisfaz da felicidade dos irmãos, Elô.

... meu adorado confidente, Nuno,

Por te dedicares à compreensão de um ser cuja complexidade é tão imensa que se esbate em aparentes contradições! Por te esforçares no sentido de me distraíres dos dissabores do último biénio, para bem de eu prosseguir com a minha caminhada! Por me teres aberto a esperança, em outubro de 2019, de que, afinal, seria capaz de concluir este percurso, quando me ofereceste a minha primeira obra de Natália Correia. O livro *Eu descobri que era europeia. Impressões de uma viagem à América* acompanha-me desde então, porque, tendo sido a própria Natália o rosto da esperança, o objeto em si representa não só essa mensagem, mas, sobretudo, as mãos de quem cuidou para que Natália voltasse a inspirar-me: simplesmente tu sem nunca te aperceberes. Porque te quero guardar para sempre na minha memória, jamais me separarei de um livro cuja presença simbólica é, na verdade, o testemunho da tua passagem pela Odília.

... meu mais apaixonado dos admiradores, Frederico,

Por procurares fazer-te presente, no decorrer dos dias, desde que nos conhecemos em julho de 2019! Por me ajudares a perceber que, afinal, as entregas podem gerar-se de maneiras mil! Por me incentivares a não desistir de olhar o Sol, para que este, no seu calor imenso, me ilumine no escrevinhar das folhas brancas de um percurso em aberto! E, assim, no caderno que me deste em mão, neste fevereiro, vejo lugar para esboçar trilhos de imagens, com o mesmo gosto e empenho com que

escrevi esta dissertação! Prometo-te, assim, que continuarei a escrever, mantendo na memória um gesto cujo significado espelha a tua procura incessante de aprenderes a cuidar de mim.

... meu amigo-ouvinte virtual, Nuno Silva,

Por me ajudares a (re)acreditar que, afinal, existem bons homens! Que, afinal, existem melhores pais do que aqueles que eu conhecia! Neste biénio, a tua presença foi essencial para mim, devido à sinceridade imprimida na tua palavra e no teu gesto! Os teus conselhos abriram o meu olhar! Os teus modos surpreenderam a minha esperança! E, embora tu digas: “A presença também se faz na ausência, porque estou sempre aqui.”, anseio pelo dia em que te possa conhecer, pessoalmente, Nuno. Em breve, poderei dizer-te em viva voz: obrigada pela tua presença amiga!

... minhas queridas primas-irmãs, Ângela Soares e Melinda Soares,

Por me terem acompanhado, quase diariamente, via *Messenger*, durante a realização deste Curso. Movidas pela elevada consciência de que as minhas limitações físicas poderiam condenar-me a um desalento ainda maior, procurastes mostrar que nunca estaria sozinha na consecução deste objetivo. Lamentavelmente, sempre estivestes mais disponíveis para mim do que eu para vós; no entanto, a vossa compreensão é sempre um conforto que ameniza a turbulência das exigências que têm marcado o meu trajeto, pois sabem que sempre podem contar comigo. É na minha palavra que vos abraço sempre, minhas queridas.

... minha queridíssima amiga-afilhada, Diana Fragoso,

Por me ajudares a continuar a sorrir sempre que me elogias! Por te revelares sempre disponível para realizares qualquer tarefa, no sentido

de me auxiliares, para que eu, em nenhum momento, sinta que estou sozinha. Por me apoiares, incondicionalmente, neste projeto e nos próximos que se avizinham, fazendo-me acreditar que sou capaz! Por seres a amiga mais presente, de forma continuada no tempo, desde os nossos seis aninhos...

... minha amiga de longa data, Lúcia Machado,

Por seres uma das únicas presenças fiéis de um percurso profissional de quase duas décadas! Por sempre ficares feliz aquando das minhas conquistas profissionais! Por sempre me teres ouvido, compreendido, acompanhado e protegido durante este nosso segredo! Por sempre me teres incentivado a continuar a investir num percurso formativo que se faz, permanentemente, inacabado, minha verdadeira amiga!

... minhas colegas-amigas Cristina Ferreira e Karen Goulart,

Por me terem aconselhado a dedicar-me também à realização deste projeto pessoal, em detrimento de continuar a entregar-me, unicamente, aos objetivos de outros projetos da minha autoria, como é o caso do que se encontra em decurso: *Caminhos para aprender Português*. Sempre conscientes das condições de trabalho limitadas a que me sujeitei, como elementos da minha Equipa, revelastes o vosso apoio, dentro das vossas limitações, para que, em nenhum momento, eu viesse a desistir, novamente, daquele que era um propósito de longa data.

Cris, foste tu quem estive comigo na abertura e no fechamento do ciclo das idas à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, por isso sempre associarei o início e o fim deste trabalho à memória do teu esforço dedicado...

... minha leal amiga-seguidora, Maria Graça Borges,

Por te teres disponibilizado a apoiar-me, incondicionalmente, desde que nos reencontrámos no ano letivo 2017/2018! Por te teres dedicado ao Projeto *Caminhos para aprender português*, acreditando que, conjuntamente, todos podemos marcar uma diferença no percurso escolar de milhares de crianças! Por não te teres acobardado em substituir-me, para que eu pudesse dedicar-me, no final do percurso deste Curso, à redação desta dissertação, apesar das contrariedades impostas, quer pela doença e morte do meu adorado pai, quer pelo agravamento da minha situação clínica! Por nunca me teres dececionado, fazendo-me (re)acreditar que, afinal, é possível confiar-se, profissionalmente...

... meu adorado mano-amigo, Luís Paiva,

Por fazeres prova de que a tua presença se faz continuada no tempo há cerca vinte e quatro anos! Por te dedicares a expressar o sentimento que nos une das mais diversas maneiras possíveis! Por me teres aberto o olhar para o caminho que se abre! Um caminho por ti apontado quando nos voltamos a ver em 2012! Nessa altura, estava eu ainda inconsciente daquilo que já tu descortinavas... E tu, com as tuas palavras, obrigaste-me a levantar a ponta de um véu que, hoje, se abre rumo aos céus que me esperam! O teu apoio incondicional manifestou-se, durante os últimos dois anos, de várias maneiras. Todas elas reverteram para a confirmação de quem tu és: alguém que me abraça com a generosidade de um gigante! Porque, tu, Luís, és uma imensidão de bem-querer!

... minha doce e dedicada menina, Mariana Faiinha,

Por sempre mostrares vontade em aprender, revelando persistência e gosto! Por nunca hesitares em ajudar-me a fazer valer as minhas intenções no acompanhamento pedagógico! Por estares sempre

disponível para corresponderes ao apoio logístico subjacente às minhas funções! Por me teres confortado nos momentos de maior dor por que passei nestes últimos dois anos! Foste e és a força mais presente no espaço de trabalho onde está sedado o meu gabinete, por isso sempre te guardarei em mim...

... estimada cuidadora D. Lúcia,

Por ajudar nos cuidados a serem tidos com a minha mamã! Por colaborar nas tarefas domésticas das rotinas da família Machado! Graças à sua presença, a gestão da rotina diária tornou-se mais fácil, no último ano! E, nos últimos dois meses, o seu mimo ajudou-me imenso nas tarefas implicadas na redação desta dissertação! Que o Universo lhe devolva todo o Bem que tem procurado deixar na nossa família, revertendo-o para a sua...

... minha formanda-estrela, Helena Pinto,

Por me teres confundido como uma formanda entre todos os docentes-formandos que me aguardavam para uma nova formação! Ao fazê-lo, consolaste-me com aquele que é e sempre será o meu propósito! E, desta forma inconfundível, os nossos caminhos cruzaram-se, pois assim estava predestinado! O meu percurso foi irradiado e aquecido com a Luz que tu foste em 2016/2017, Helena. Abraçada no teu acreditar, debrucei-me na janela de julho de 2017. Esta, secretamente aberta, assim se mantém até hoje! E nós, Helena? Onde estivemos? Debruçadas sobre ela, sorrindo de mansinho, porque há segredos assim: simplesmente tão doces!

... minha mestre inspiradora, Maria de Lourdes Serpa,

Por me ter indicado um caminho há muito adiado como a única forma de tornar a nascer! E, assim, com Natália, propus-me a (re)nascer,

bebendo do significado do nome que ditou a existência da mulher que, tal como nós, se afirmou pela sua autenticidade! Por partilhar, sabiamente, comigo as suas experiências de vida, quer enquanto professora primária, na antiga escola da freguesia de Porto Martins, na ilha Terceira, quer como professora universitária, na *Lesley University*, nos Estados Unidos da América (EUA). Tudo o que já me contou são verdadeiras lições de inspiração e, por isso, minha mestre, com a sua palavra, foi-me devolvido o desejo de querer sonhar com uma realidade distinta daquela cuja profundidade mergulhada se afasta dos meus ideais educacionais. Daquela que se encontra fortemente ausente da visão desta filha da terra, que é uma simples professora do 1.º ciclo do ensino básico! Eis o motivo de a sentir, minha mestre, como o anjo que me estava predestinado a conhecer naquele exato mês de julho de 2017! E, quanto mais o tempo passa, mais certa estou de que a sua orientação e consequente proteção são uma bênção do Universo. É a revelação de que, afinal, o Santíssimo existe! Confirma-se, assim, que nenhuma entrega desinteressada é em vão, Deus meu.

... minha sábia professora-amiga, Iolanda Ribeiro,

Por me fazer sentir que, afinal, não estou só em ideais e em maneiras de atuar! Por me ter compreendido em todas as angústias decorrentes do contexto profissional em que me encontro, prontificando-se a ajudar-me... Por me ter acarinhado com a sua serenidade encantadora! Esta sua maneira de ser fez com que rejuvenescesse em mim a vontade de prosseguir com este e muitos mais projetos! Ouvi-la dizer isto: “Que coisa maravilhosa, Odília!” foi uma das maiores bênçãos a mim chegadas, porque me deu a tenacidade necessária para me dedicar, afincadamente, ao estudo das cartas de amor da “minha” Natália!

... minha querida professora e grande mestre, Isabel Seara,

Por me ter ajudado em todos os momentos de dificuldades por que passei, durante este Curso, entre os quais destaco o acidente que sofri, no primeiro ano da especialização, e a doença de câncer do meu pai, durante o segundo ano. Sem a sua sensibilidade jamais teria sido capaz de perfazer este percurso, porque, muitas vezes, não nos basta ter capacidade. É preciso ter, sobretudo, uma conjuntura de condições que nos sirvam de base, entre as quais, a existência de abraços amigos, que nos ajudem a criar a disponibilidade que o nosso espírito tanto precisa para se fortalecer. Com a sua perspicácia, em tão pouco tempo, soube ler-me, profundamente, reconhecendo-me enquanto pessoa. Entre as minhas paixões, descortinou o gosto que sinto pelo texto epistolar, desde tenra idade, e, deste modo, ajudou-me na oportunidade de me dedicar a uma atividade que me é tão prazerosa. Esta, por sua vez, não só me ajudou a aceitar, gradualmente, a limitação física que adveio do acidente sofrido, como também me amparou, grandemente, na superação da dor relativa à perda de duas pessoas que me eram muitíssimo significativas: em fevereiro de 2018, a minha melhor amiga, prima-irmã, Dina Soares; em dezembro de 2019, o meu papá, Hermínio Alvalade. Graças à sua boa vontade, esta primeira etapa do sonho maior está a concretizar-se! Definitivamente, penso e sinto que também a professora estava predestinada a cruzar-se no meu caminho, precisamente nesta etapa da minha vida, por isso anseio pelo momento em que a poderei conhecer pessoalmente, para poder agradecer, em viva voz, tudo o que fez por mim. Abraçá-la-ei interminavelmente...

Muitíssimo obrigada a TODOS, por terem estado presentes, durante este tempo em que eu fui aprendendo a olhar PARA e POR mim.

Guardo na memória todo o esforço realizado para que este projeto vincasse!

Odília M.

Índice

Introdução	1
Parte I – Enquadramento teórico	
Capítulo I	
1. Aspetos biográficos e da história de vida da epistológrafa Natália Correia	
1.1. A vida familiar e estudantil: do nascimento à conclusão dos estudos	9
1.2. A vida amorosa e obra de Natália: dos amores a algumas publicações	14
Capítulo II	
2. Do género epistolar ao subgénero amoroso: testemunhos de vida privada e íntima	
2.1. O epistolar: conceitos e traços distintivos	46
2.2. Teorias do epistolar em obras de referência: contributos para a pragmática ...	58
2.3. O epistolário amoroso: traços singulares de privacidade intimista	65
2.4. Estratégias discursivas para a intimidade: marcas do epistolar amoroso	71
Parte II – Opções metodológicas	
Capítulo III	
3. Os procedimentos da investigação: da descoberta do <i>corpus</i> textual à análise pragmática	
3.1. A relevância da carta na obra completa de Natália	79
3.2. O epistolário inédito de Natália Correia: a escolha da correspondência amorosa.....	80

3.3. A correspondência amorosa de Natália Correia com Dórdio Guimarães: metodologia de leitura analítica	81
3.4. O Modelo Teórico AICE de Seara (2006): justificação da seleção e aplicação ...	86

Parte III – Análise de peças epistolares inéditas

Capítulo IV

4. A correspondência amorosa de Natália Correia e Dórdio Guimarães: testemunhos de um amor de longa data	
4.1. As cartas e os postais do <i>corpus</i> textual: o desvendamento de retalhos espácio-temporais	91
4.2. Os <i>topoi</i> das cartas endereçadas a Dórdio: a ausência no desembocar do discurso epistolar de Natália	104
4.3. A natureza do amor de Natália por Dórdio: as rotinas verbais na base da confirmação?.....	118
4.4. O desamor de Natália estampado no discurso epistolar de Dórdio: um hiato temporal no <i>corpus</i> textual	146
Considerações finais	159
Referências bibliográficas	
1. Género epistolar	169
2. Natália Correia	
2.1. Sobre a autora	174
2.2. Da autora	176
3. Dórdio Guimarães	176

4. Correspondência de e para Natália Correia	177
5. Linguística	177
6. Webgrafia	179
Anexos	
Anexos – <i>Corpus</i> textual: correspondência amorosa de Natália Correia e Dórdio Guimarães	
Anexo A	183
Anexo B	187
Anexo C	189
Anexo D	191
Anexo E	193
Anexo F	197
Anexo G	201
Anexo H	205
Anexo I	207
Anexo J	209
Anexos – Ofícios: autorização da publicação do <i>corpus</i> textual	
Anexo K	213
Anexo L	217

Índice de quadros

Quadro 3.1	83
Quadro 3.2	84
Quadro 4.1	93
Quadro 4.2	119
Quadro 4.3	120
Quadro 4.4	121
Quadro 4.5	125
Quadro 4.6	126
Quadro 4.7	130
Quadro 4.8	131

Índice de figuras

Figura 4.1	99
Figura 4.2	100
Figura 4.3	101
Figura 4.4	101
Figura 4.5	102
Figura 4.6	103
Figura 4.7	136
Figura 4.8	137
Figura 4.9	138
Figura 4.10	139
Figura 4.11	140
Figura 4.12	141
Figura 4.13	142
Figura 4.14	143
Figura 4.15	144
Figura 4.16	145
Figura 4.17	153
Figura 4.18	154
Figura 4.19	155
Figura 4.20	156
Figura 4.21	157

Abreviaturas e acrónimos

AICE (Modelo de Análise Interacional da Comunicação Epistolar)

CCS (Conselho da Comunicação Social)

DT (Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa)

EUA (Estados Unidos da América)

MUD (Movimento de Unidade Democrática)

PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado)

RTP (Rádio e Televisão Portuguesas)

INTRODUÇÃO

1. Justificação do objeto de estudo

O estudo “Do segredo à revelação: subsídios para o estudo do epistolário inédito de Natália Correia” constitui, sobretudo, uma oportunidade de realização pessoal, pelo facto de esta experiência proporcionar o contacto com uma prática que me aproxima da vivência de um hábito privado de longa data: a escrita de cartas pessoais. Encontrando, no discurso epistolar, a revelação de sentires interiores e privados, que decorrem da ausência do Outro, torna-se desafiante o desvendamento dos sentimentos daqueles que, tal como eu, encontram na palavra escrita um meio de expressão.

Por influência do meu pai, homem interessado em política, Natália Correia, pelo seu percurso de vida pessoal e, sobretudo, profissional, marcou-me desde tenra idade, enquanto mulher cujo valor de referência é incalculável. Neste sentido, este estudo é uma forma pessoal de prestar homenagem a uma mulher que entendo ser uma inspiração, devido ao testemunho vivo de autenticidade que singulariza a sua vida e obra.

Assim, procuro contribuir, humildemente, para um alargamento do conhecimento de aspetos da sua vida privada e íntima, considerando, em particular, aqueles que precisam de ser melhor descortinados relativamente à relação amorosa que construiu, ao longo do tempo, com Dórdio Guimarães, o seu quarto e último marido.

Aventurando-me sobre a única correspondência amorosa de Natália disponível na Biblioteca Pública e Arquivo Municipal de Ponta Delgada, procuro seguir o conselho impresso nas obras biográficas das autoras cujos nomes são os mais marcantes dos estudos natalianos: Ângela Almeida, Ana Paula Costa e Maria Amélia Campos (Almeida, 1994; Costa, 2005; Campos, 2006). Estas investigadoras e especialistas, nos livros que escreveram, após a morte de Natália, num intervalo de tempo bastante curto, para além de procurarem manter viva a sua memória, deixaram transparecer a riqueza ainda não explorada ao nível da correspondência arquivada no espólio da autora (Cunha, 2003; Pimentel, 2010).

David Mourão-Ferreira, Urbano Bettencourt e Eduíno de Jesus (s/d, mencionados por Almeida e Costa, 2005) sugerem, por seu turno, a valorização da obra nataliana sob outros planos. Nesta mesma ótica, Fagundes (s/d, referenciado por Pimentel, 2010) propõe

que seja considerado, em particular, o plano enunciativo-pragmático, que corresponde ao plano de incidência do estudo da superfície discursiva do *corpus* textual desta investigação, porque, para os últimos autores mencionados, tem sido colocada uma tónica excessiva no estudo da vida pública e privada de Natália Correia, em detrimento da valorização da pragmática, entre outros aspetos também pertinentes (Pimentel, 2010).

Modestamente, pretendo relembrar a pertinência de se investir no alargamento de práticas investigativas incidentes sobre a análise discursiva de cartas pessoais, atendendo ao estatuto subalterno a que tem sido resignado o género epistolar (Seara, 2008_a), não podendo, todavia, deixar de considerar, previamente, aspetos da vida e obra da autora, que permitem, certamente, compreender melhor o que as memórias das cartas revelam.

Lamentavelmente, apesar de o género epistolar ser uma das práticas discursivas mais generalizadas (Rougeot, 1978; Altman, 1982; Duchêne, 1990; Kaufmann, 1990; Bray, 1992; Haroche-Bouzinac, 1995, citados por Seara, 2006_a), não se tem afirmado como um objeto de investigação no âmbito da análise pragmática, porque continua a ser-lhe associado o estigma de “[...] um género menor e secundário” (Seara, 2008_a: 122).

Neste sentido, como é na comunicação epistolar que, muitas vezes, se torna possível subsidiarmos o conhecimento que temos de aspetos biográficos da vida e obra de personalidades, porque, de facto, os textos epistolares reúnem informações que permitem a construção de saberes de ordem diversa, a análise discursiva das cartas pessoais de cariz amoroso, que se referem ao epistolário inédito de Natália Correia, constitui uma oportunidade de também ser considerado outro tipo de produções escritas realizadas pela autora, atendendo que, até ao presente, não foram realizados estudos incidentes sobre os níveis pragmático-discursivo e pragmático-argumentativo do material escrito que se propõe como *corpus* textual deste estudo, em confluência com a dimensão retórica-discursiva patente nas peças epistolares selecionadas.

As peças que integram o *corpus* textual constituído reportam-se, assim, a um conjunto de dez documentos – cartas e postais – ainda não estudados, mas que se apresentam como testemunhos do relacionamento amoroso de longa data de Natália Correia com Dórdio Guimarães. Como tal, está-se perante um epistolário inédito que se

apresenta como uma mais-valia no desvendamento de um mundo privado e íntimo até então não considerado à luz do discurso epistolar de Natália Correia.

2. Definição do problema e dos objetivos do estudo

Decorrente do recenseamento da correspondência pessoal existente, na qual se destacam cerca de oitenta cartas redigidas por Natália Correia, elege-se, como *corpus* textual deste estudo, as únicas seis cartas de amor que existem disponíveis no epistolário inédito da autora e, cumulativamente, uma carta, também de amor, que lhe foi endereçada por Dórdio Guimarães. Para além disso, são consideradas três breves mensagens incluídas em postais enviados, por Natália, aquando de viagens realizadas por ela ao estrangeiro.

A delimitação realizada deve-se, sobretudo, ao facto de que, aquando da revisão da literatura publicada acerca da sua vida e obra (Almeida, 1994; Vaz, 2003; Almeida e Costa, 2005; Costa, 2005; Campos, 2006; Pimentel, 2010; Gameiro, 2016), foi possível constatar dois aspetos: (1) a vida amorosa de Natália Correia sempre constituiu um foco de interesse público, tal como Dacosta refere muitíssimas vezes (2001, 2003, 2013_b); (2) a existência de um notável inconformismo generalizado, entre os amigos de maior proximidade afetiva de Natália, no que diz respeito ao relacionamento que cultivou, ao longo da sua vida, com Dórdio Guimarães, conforme faz prova o artigo “O amor louco de Natália Correia”, publicado na *Revista Expresso*, da autoria de Inês Pedrosa (1997).

Atendendo que, entre a correspondência pessoal arquivada da autora, a que encerra uma índole amorosa corresponde unicamente às cartas pessoais catalogadas como escritas por Natália Correia para Dórdio Guimarães e, cumulativamente, uma das cartas redigidas por ele e alguns textos poéticos, é pertinente a realização de uma análise incidente sobre o discurso epistolar utilizado pela autora, dado que as memórias impressas nesses documentos resultam de situações específicas de comunicação marcadas pela privacidade, nas quais a escrita é utilizada como um meio de suprimir uma ausência que decorre de um “[...] afastamento físico, real e efetivo entre correspondentes [...]” (Seara, 2008_a: 124).

Tendo em conta a justificação do objeto e a definição do problema em estudo, apresento, abaixo, em primeiro lugar, os objetivos gerais e, seguidamente, os específicos deste trabalho:

- objetivos gerais – contribuir para
 - um alargamento continuado de estudos incidentes sobre a análise discursiva de correspondência pessoal não publicada;
 - o aprofundamento de aspetos biográficos relativos à autora Natália Correia suscetíveis de serem descortinados a partir das memórias impressas na correspondência pessoal arquivada;
 - uma categorização das cartas pessoais incluídas no arquivo de Natália Correia;
- específicos – analisar, no discurso epistolar, em termos de:
 - conteúdo, as temáticas – os *topoi* – tratada(o)s na correspondência pessoal, considerando-se os dados que remetem para a identificação do contexto em que ocorreram as diferentes situações de escrita epistolar;
 - forma, os mecanismos de dinâmica textual presentes e a superfície discursiva, tendo em conta, neste âmbito, os níveis pragmático-discursivo e pragmático-argumentativo, em confluência com a dimensão retórico-discursiva patente nos textos epistolares incluídos no *corpus* textual.

3. Metodologia de investigação

Tendo como referência o Modelo de Análise da Comunicação Interacional da Comunicação Epistolar (AICE), que foi conceptualizado por Seara (2006_a), a análise do discurso epistolar, pelas características comunicacionais específicas do género, deve de ser complementada por diferentes pontos de vista teóricos, que, por sua vez, decorrem do contributo dado, nas últimas décadas, por vários autores de referência.

Neste sentido, no presente estudo, ao nível da análise da superfície discursiva são contempladas duas vertentes: (a) nível pragmático-enunciativo, que trata do reconhecimento das marcas idiossincráticas da interação epistolar (as formas de: abertura, pré-fecho, fecho; de delicadeza e o dispositivo deítico); (b) nível pragmático-

argumentativo, que incide sobre: os atos de fala mais utilizados no *corpus*; a diafonia; os *topoi* presentes, não se descurando, no entanto, a consideração complementar das coordenadas correspondentes aos níveis superior e intermédio do modelo de análise supramencionado. No âmbito da linguagem expressiva utilizada, em confluência com os níveis pragmáticos enunciados, são observadas e interpretadas as figuras de retórica (de nível fónico, sintático e semântico) incluídas no discurso epistolar.

4. Organização da dissertação

A estrutura da dissertação contempla três partes: *Parte I, Enquadramento teórico*, com dois capítulos; *Parte II, Opções metodológicas*, um capítulo; *Parte III, Análise das peças epistolares*, um capítulo.

Na primeira parte, constam dois capítulos:

- (a) no *Capítulo I*, são tratados aspetos biográficos e da obra da autora Natália Correia. Começam por ser abordados aspetos relativos à sua vida familiar e estudantil, seguindo-se os que dizem respeito à vida amorosa da autora. Os cinco relacionamentos de que há conhecimento que teve são tratados, mediante uma lógica que se pretende contextualizada nas janelas temporais em que decorreram, estabelecendo-se, complementarmente, referências à obra que realizou durante esses mesmos intervalos de tempo. Considerando, particularmente, o plano de incidência de análise pragmática deste estudo, dá-se também lugar ao tratamento dos aspetos que subsidiam a interpretação do nome de poesia *Cynthia*, que foi atribuído a Natália, por parte de Dórdio Guimarães;
- (b) no *Capítulo II*, é apresentado, primeiramente, o conceito epistolar e os traços distintivos que singularizam o género; em seguida, é realizada uma breve revisão bibliográfica incidente sobre alguns dos contributos mais significativos de teorias e estudos epistolares realizados no âmbito da pragmática; posteriormente, dá-se a abordagem específica do subgénero cartas de amor, procurando-se evidenciar as marcas de privacidade intimista que lhe são inerentes; no final do capítulo, são consideradas estratégias discursivas

específicas do epistolar amoroso, por forma a sustentar-se a sua observação no *corpus* textual constituído.

Na segunda parte, no *Capítulo III*, são considerados quatro pontos: primeiramente, a relevância que o género epistolar pode assumir na obra completa da autora; em segundo lugar, a descrição dos passos da investigação, que conduziram à escolha da correspondência amorosa de Natália Correia; em terceiro lugar, os procedimentos seguidos durante a recolha dos dados e também os utilizados na análise dos documentos selecionados, tendo como base o Modelo de Análise AICE de Seara (2006_a); em último lugar, a justificação da escolha do modelo de análise em causa para aplicação neste estudo.

Por sua vez, na terceira parte, no *Capítulo IV*, realiza-se a interpretação dos dados, tendo presente o quadro teórico, previamente apresentado na *Parte I*, e os dados analisados mediante o Modelo de Análise AICE. Atendendo à característica de omissão do ato de localização espaço-temporal, que singulariza todas as peças do *corpus* textual do estudo, realiza-se, primeiramente, uma análise das pistas linguísticas passíveis de identificação em todos os documentos, por forma a serem apuradas as referências espaciais e temporais necessárias à contextualização dos atos de escrita em análise; em segundo lugar, são tratados, de forma contextualizada, os *topoi* presentes nas seis cartas de Natália Correia endereçadas a Dórdio Guimarães, seguindo-se, em terceiro lugar, uma análise pragmática incidente sobre as rotinas verbais de abertura e de fechamento das mesmas seis cartas; em quarto e último lugar, é realizada a análise pragmática da carta de amor de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia. Nos últimos três pontos referidos, dá-se lugar à observação dos recursos expressivos empregues no discurso epistolar, por forma a sustentar-se a interpretação realizada em torno dos conteúdos impressos na correspondência em análise.

Nas considerações finais, é realizada uma reflexão incidente na interpretação dos dados tratados, tendo como referência a informação constante na *Parte I – Enquadramento teórico* –, para além de se procurar atender às limitações inerentes ao estudo e às perspetivas abertas pelo mesmo.

PARTE I – ENQUADRAMENTO TEÓRICO

CAPÍTULO I

ASPETOS BIOGRÁFICOS E DA HISTÓRIA DE VIDA DA EPISTOLÓGRAFA NATÁLIA CORREIA

1. Aspetos biográficos e da história de vida da epistológrafa Natália Correia

1.1. A vida familiar e estudantil: do nascimento à conclusão dos estudos

Natália Oliveira Correia veio ao mundo num ano marcado pelo nascimento de grandes figuras públicas da cultura do nosso país: António Quadros, Eduardo Lourenço, Eugénio de Andrade, Mário Cesariny e Urbano Tavares Rodrigues. No dia treze de setembro de 1923, Maria José de Oliveira deu à luz à segunda filha do casamento com Manuel Medeiros Correia, na Rua Direita da freguesia da Fajã de Baixo, em Ponta Delgada, na ilha de São Miguel (Almeida, 1994; Vaz, 2003; Almeida e Costa, 2005; Costa, 2005; Campos, 2006; Pimentel, 2010; Gameiro, 2016).

Deste modo, num dia que, ao longo da vida de Natália, viria a ser marcado, por ela própria, por bastante misticismo, nasceu, na maior das ilhas açorianas, aquela mulher cujo nome vale por si mesmo apenas quando dito assim: a Natália (Pedrosa, 2005) e que, segundo Letria (1992: 8), “é um dos grandes nomes da cultura portuguesa” do século passado.

Fagundes (2003: 5), por sua vez, salienta que Natália não se restringe apenas a ser uma escritora açoriana e, como tal, portuguesa, mas antes se trata de “[...] uma escritora do mundo, mesmo que o mundo a desconheça”. Por sua vez, Dacosta (2013_b) ainda a engrandece mais quando refere que, na sua obra, se descortina a sua capacidade de antecipação de futuros.

Natália já dizia que o nome escolhido pela mãe, “[...] que era fada lá sabia.” (Correia, 1990 *apud* Campos, 2006: 23), já estava carregado do sentido que ditou a sua vida: estar sempre a nascer. No entanto, apesar de não ter ocupado um lugar pacífico na literatura, na cultura e na política do seu tempo, tal como tem acontecido ao longo da História em relação à maioria dos génios, acontece que o seu nome ainda permanece na memória, pela sua vida e obra, fazendo-se, assim, jus à previsão da sua imortalidade (Nunes, 2001, citado por Vaz, 2003; Campos, 2006).

As duas filhas do casal Maria José de Oliveira e Manuel Medeiros Correia viveram com ambos os progenitores apenas até 1929, data em que o pai de Natália Correia partiu para o Brasil. Tendo como referência os dados mencionados em *A Senhora da Rosa. Biografia de Natália Correia: poeta portuguesa* (Campos, 2006), deduz-se que a viagem se

deveu, sobretudo, à situação de instabilidade económica em que vivia a família nuclear de Natália.

Em 1926, a situação de dependência do ofício da mãe de Natália traduz-se na necessidade de mudança de residência, quando o edifício da escola onde ela exercia funções de professora foi encerrado, por a Câmara Municipal não regularizar o pagamento da renda por que era responsável (Campos, 2006).

A pobreza em que se encontravam decorria das dívidas amontoadas, por um lado, devido aos baixos rendimentos que o pai auferia da sua atividade de comerciante – negócio de estufas – e, por outro lado, por consequência dos gastos que advinham do alcoolismo proveniente da vida de boémio que levava (Costa, 2005). Era, pois, o humilde ordenado de professora da mãe que sustentava, praticamente, a família, não havendo sequer a possibilidade de se fazerem valer das pequenas propriedades que o pai herdara, porque ele próprio já as vendera nessa altura (Campos, 2006).

Com a partida do pai para o Brasil, a vida familiar de Natália Correia ficou ainda mais marcada pela presença de um universo feminino: as avós paterna – Ana Ermelinda de Souza – e materna – Ana Isabel do Rego –, a mãe – Maria José de Oliveira –, as tias – Amância, Hortênsia e Santo Cristo – e a irmã – Cármen, todas elas mencionadas ao longo da obra de Natália. Mais tarde, nesse mesmo universo, é incluída a presença da grande amiga da adolescência, Gabriela Ferreira Rodrigues, que já conheceu em Lisboa, por ser filha de uma amiga chegada da mãe de Natália (Almeida, 1994; Campos, 2006).

Entre todas as referências femininas da autora, destaca-se sempre a da mãe, uma mulher culta e de mentalidade aberta cuja influência se fez sentir até 1956, data em que morre (Marques, 1988; Vaz, 2003; Costa, 2005; Campos, 2006). Em entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, Natália afirma que a mãe era “[...] tudo o que então era moderno [...]”, devido à atitude “[...] beata e ultraconservadora [...]” da família micaelense (Correia *apud* Marques, 1988: 8). Certamente que este facto esteve na génese daquilo que terá motivado Maria José de Oliveira a sair da ilha, conjuntamente com as duas filhas, quando Natália tinha apenas 11 anos.

Desde cedo, Maria José investiu grandemente na educação das filhas, tendo sido ela própria professora de ambas. Incutiu-lhes o gosto pela música e pela leitura, em particular

pela poesia, proporcionando-lhes, assim, desde tenra idade, um contacto com autores clássicos gregos e latinos, um aspeto que se reflete também na própria obra de Natália Correia (Lucas, 2006; Gameiro, 2016).

Entre essas referências, a própria autora destaca, na entrevista referenciada, a influência dos deuses gregos, enquanto mentores do seu pensamento infantil, e de Fourier, inspirador do idealismo libertário, que norteou a sua oposição ao poder (Marques, 1988).

Quando Maria José de Oliveira tomou a decisão de ir para Lisboa, pode ter contribuído, de forma decisiva, para uma abertura de oportunidades, que se traduziu, mais tarde, quer na publicação de obras de que é autora (*Almas inquietas*, *Plano inclinado*, entre outras), quer no percurso que Natália Correia seguiu, provavelmente por se encontrar num meio culturalmente mais rico e, como tal, preferentemente estimulante em relação à realidade do arquipélago açoriano.

Lisboa tornou-se, então, no lugar eleito de Natália Correia, para viver até ao último dos seus dias, apesar de ter viajado, ao longo da sua vida, com alguma frequência, no âmbito das atividades literária e jornalística que realizou, mas muito mais a nível da sua carreira política (Almeida, 1994). Só regressou a São Miguel vinte e cinco anos depois, em 1969, embora sempre tenha deixado transparecer na sua obra a saudade que sentia da Ilha (Costa, 2005).

Em outubro de 1934, consta um pedido de transferência, das filhas de Maria José de Oliveira, do Liceu Antero Quental, em Ponta Delgada, para o Liceu D. Filipa de Lencastre, em Lisboa, passando este a ser frequentado pelas mesmas já em janeiro do ano seguinte (Almeida, 1994; Costa, 2005).

Então, já na capital, Natália Correia pareceu beneficiar, economicamente, de uma maior estabilidade, dado que a mãe continuou a lecionar, no ensino público primário, nomeadamente na Escola n.º 23 da 10.ª Zona Escolar de Lisboa (Almeida, 1994; Campos, 2006).

No entanto, o baixo salário da mãe – 699\$70 – condicionava, certamente, a sua capacidade de resposta a todos os encargos, constituindo evidência disso o requerimento que apresenta à Direção do Liceu D. Filipa de Lencastre a solicitar a isenção do pagamento de propinas pela sua inscrição (Almeida, 1994; Vaz, 2003). Perante a situação em que

viviam, em 1938, a mãe decidiu fundar, particularmente, o seu próprio colégio, a Escola Lusitânia Feminina (Almeida, 1994; Campos, 2006).

Não obstante a condição financeira da família ter evoluído favoravelmente, a vida de Natália Correia foi marcada por um percurso escolar irregular, no qual se distinguem dois acontecimentos que evidenciam o facto de que, desde muito nova, era alguém que não se resignava às convenções institucionalizadas, conforme consta em *Entrevistas a Natália Correia*: “Descobri mais tarde [...] que não podia vergar-me a regras que me fossem impostas de fora. Eu é que as tinha de criar.” (Correia *apud* Guimarães *et al.*, 2004: 56).

Natália Correia, em entrevista ao *Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Marques, 1988), partilhou que se recusou a fazer o caderno diário, uma prática que ainda hoje é recorrente nas escolas, e a pertencer à Mocidade Portuguesa, movimento que, na altura, segundo a doutrina salazarista, orientava as mulheres para a assunção do papel de esposas e mães de família. Este princípio era grandemente rejeitado pela própria mãe de Natália (Campos, 2006).

Segundo a autora, os dois factos suprarreferenciados estiveram na génese da sua expulsão do Liceu D. Filipa de Lencastre, embora, no seu registo escolar, não conste nenhuma alusão às situações em causa (Marques, 1998; Vaz, 2003).

Mais tarde, concluiu o Curso Geral dos Liceus com boa classificação. Na revisão bibliográfica realizada, constata-se que chegou a frequentar a Escola Machado de Castro (Vaz, 2003; Campos, 2006), mas que acabou por usufruir das orientações da mãe, no Colégio Lusitânia, e da ajuda dos intelectuais que frequentavam a casa onde viviam (Vaz, 2003).

Maria José e ambas as filhas, em Lisboa, conviveram, frequentemente, com importantes figuras da vida cultural, entre as quais se destaca, por exemplo, Manuel Cardoso Marta, com quem Natália manteve sempre uma estreita relação de amizade. Ele chegou até a viver, nos últimos anos da sua vida, como hóspede de Natália, na casa situada na Rua Rodrigues Sampaio (Gameiro, 2016). Decorrente dessa proximidade, ela decidiu comprar-lhe a biblioteca de elevado valor que tinha, tendo sido a mesma, posteriormente, também doada à Biblioteca Nacional, após a sua morte (Roseta, 2000; Gameiro, 2018).

Natália Correia não estudou no ensino superior, conforme a vontade de um dos tios, que, atendendo aos escassos recursos da mãe, até estava disposto a custear-lhe parte do curso de medicina (Campos, 2006). Apesar das limitações económicas em que viviam, não foi, pois, esse o motivo para que não ingressasse no sistema de ensino que, desde aquela época, já era bastante valorizado, socialmente, no nosso país. Segundo a própria autora, foi salva pela sua vocação genuína: “[...] os deuses libertários defenderam-me de cair nessa armadilha.” (Correia *apud* Marques, 1988: 8).

António Sérgio chegou mesmo a aconselhar Natália a seguir Direito. Ela preparou-se para realizar a admissão no referido curso, mas, como já vimos, segundo o seu entendimento, desistiu atempadamente. Natália não foi convencida por ninguém. Nem este seu grande mestre a conseguiu mover para esse propósito, sabendo-se que foi ele quem a iniciou na ação de oposição ao regime salazarista, que veio a traduzir-se, mais tarde, na abertura a uma participação efetivamente ativa, por parte de Natália, na vida política portuguesa (Vaz, 2003; Campos, 2006).

Deste modo, depreende-se que, quando Natália resolveu seguir um percurso formativo construído por ela mesma, assumiu, ao invés, uma perspetiva que contrariou a valorização do ensino superior que já era vigente na época. Natália decidiu antes eleger os seus próprios mestres, que, para além de indicados por ela própria, são os mais referenciados na revisão bibliográfica realizada: Cardoso Marta, bibliógrafo; António Sérgio, artista multifacetado; Almada Negreiros e Vitorino Nemésio, ambos escritores (Vaz, 2003; Costa, 2005; Campos, 2006; Gameiro, 2016).

A opção educacional realizada na época desperta para uma realidade que se tem vindo a evidenciar ao longo dos tempos relativamente a grandes vultos cujo pensamento e obra já marcaram a Humanidade. Isto é, os moldes do ensino de outrora e, segundo o conhecimento empírico que temos do sistema educativo atual, também os vigentes, não se ajustam convenientemente à genialidade daqueles que têm vindo a entoar uma diferença em campos de intervenção diversos, como é o caso de Natália, que se afirma cada vez mais como uma referência do século XX, a nível literário, cultural e político (Dacosta, 2013_a).

Natália Correia fez o seu próprio percurso, investindo, largamente, numa aprendizagem autodidata. Marcada pela vida e obra de quem a inspirou, deixou-se nortear pela vocação poética que a singulariza e eterniza, pois, tal como ela própria o dizia, a única coisa que, de facto, sabia fazer, e bem, era escrever (Guimarães *et al.*, 2004).

1.2. A vida amorosa e obra de Natália: dos amores a algumas publicações

Decorrente da sensibilidade de Maria José de Oliveira, no que toca à estética literária da filha, foi publicado o primeiro livro de poemas de Natália Correia quando ainda era bastante nova (Costa, 2005). No entanto, foi retirado das livrarias, por vontade desta, tendo sido reutilizado o conteúdo impresso apenas em 1946, aquando da publicação do seu primeiro romance: *Anoiteceu no Bairro* (Campos, 2006).

Segundo Campos, na altura, ou Natália não reconhecia a qualidade literária dos versos que escrevia ou, então, pretendia esconder factos acerca do seu primeiro amor, visto que, na obra supramencionada, muito é revelado ao leitor desde que este descortine o que é expressado. Por sua vez, Natália entendeu a publicação em causa como uma situação ilustrativa da elevada exigência a que esteve sujeita desde tenra idade (Costa, 2005).

Em entrevista ao *Semanário*, Natália Correia (1986, citada por Campos, 2006) deu a saber que teve o seu primeiro namorado aos cinco anos e que se tratava de um menino que era seu vizinho, não constando, de facto, a declaração de que se tratou do seu primeiro amor. Contou que, como lhe oferecia bugigangas, ficou embeijada por ele, embora tenha descoberto, posteriormente, que as roubava a uma senhora que emigrara para a Califórnia. Deste modo, acabou por se desgostar dele. Bateu-lhe e ainda o obrigou a devolver todas as peças à mulher.

Esta história do primeiro namorado de Natália Correia pode assemelhar-se, na verdade, a muitas já vivenciadas, durante a infância, por outras mulheres; no entanto, a questão que se coloca prende-se com o facto de que Natália não era uma mulher comum.

Durante a sua vida, a beleza física de que era detentora atraía, intensamente, os homens daquela época, apesar de ela própria não apreciar que sobrevalorizassem essa

qualidade em detrimento da sua inteligência (Almeida, 1994; Dacosta, 2001, 2003; Vaz, 2003; Campos, 2006).

No testemunho de Mário Cesariny, que consta no artigo intitulado: “Natália Correia. A mulher que cruzou todos os mares”, no Jornal *Público*, podemos ler:

“A primeira vez que vi a Natália Correia foi no São Carlos. [...] Quando? Ui! Aí pelos anos 50. Apesar de já não ter muito afecto a senhoras, ia caindo para o lado do espectáculo de beleza que ela representava. Era quase extrahumana, era muito mais linda que a mais bela estátua feminina do Miguel Ângelo. Era uma coisa impressionante. Mas era também uma mulher de um desdém muito grande. Cheguei a julgá-la assexuada ou frígida mas parece que não era bem isso...”

(Cesariny *apud* Cunha, 2003: 40)

Perante tal constatação, percebe-se que Natália era reconhecida pela beleza física que tinha, sendo esta o motor da curiosidade gerada, ao longo do tempo, em torno da sua vida amorosa. O empolgamento era de tal ordem que até chegaram a ser inventadas histórias de arrebatamento de corações provocados por ela (Dacosta, citado por Pedrosa, 1997), porque era entendida por muitos como uma sedutora (Campos, 2006).

Na época em que viveu, Natália Correia foi, pois, reconhecida como uma das mulheres mais bonitas de Lisboa. A 11 de setembro de 2003, em entrevista à *Visão*, um amigo muito próximo de Natália Correia – Fernando Dacosta –, reafirma o poder da sua feminilidade quando conta: “Manuel da Fonseca dizia que, quando a Natália e a irmã desciam a Morais Soares, as árvores afastavam-se para elas passarem.” (Dacosta, 2003 *apud* Campos, 2006).

No entanto, apesar da irreverência que a caracterizava, e que se traduziu, por exemplo, na ousadia em publicar, em 1966, a obra *Antologia de poesia erótica e satírica: dos cancioneros medievais à actualidade*, na verdade, no que se refere à sua intimidade, Natália era bastante reservada e sempre procurou manter a máxima discrição, segundo o testemunho da amiga íntima Helena Cantos, conforme consta no artigo “O amor louco de Natália Correia”, que se encontra incluído na *Revista Expresso* n.º 1298 (Pedrosa, 1997).

Na entrevista mencionada, Helena Cantos refere, por exemplo, que Natália chegava a preocupar-se com os comentários que pudessem proferir se saísse sozinha com o amigo Dórdio Leal Guimarães ou se a vissem a receber as cartas que lhe eram endereçadas, pelo primo José António Correia, quando estava ausente, em serviço militar (Pedrosa, 1997).

Por sua vez, num testemunho incluído na obra *Natália Correia. Fotobiografia*, outra amiga bastante próxima, Branca Miranda Rodrigues, evidencia partilhar do mesmo entendimento quando diz: “[...] era muito mais preconceituosa do que as pessoas possam pensar. Preocupava-se com o que os outros dissessem.” (Rodrigues *apud* Costa, 2005: 112).

Independentemente de o tal menino ter sido ou não o primeiro namorado de Natália, um facto incontornável é que era dotada de uma formosura singular e que, desde tenra idade, sempre chamou muitíssima atenção dos rapazes. Ao longo do tempo, a sua figura tornou-se num verdadeiro encantamento tanto para homens mais novos como para mais velhos (Dacosta, 2001, 2003; Campos, 2006).

Como evidências dessa realidade, constam os três relacionamentos que teve cuja diferença de idade entre ela e os companheiros era significativa: (1) Alfredo Luís Machado Lage, mais velho do que Natália vinte e muitos anos; (2) Dórdio Leal Guimarães, mais novo quinze anos; (3) José António Correia, que também era mais novo, mas vinte e cinco anos.

Perante os aspetos mencionados até ao momento, pode tornar-se, então, mais fácil compreender a razão por que alguns entendem que Natália Correia arrebatou corações. Tenha sido essa uma realidade efetiva ou não, torna-se difícil documentar sem a consideração dos testemunhos daqueles que com ela se relacionaram diretamente. Como tal, é muito importante que se valorize as informações incluídas nas obras biográficas já publicadas, dado que foram, substancialmente, recolhidas a partir da realização de entrevistas.

No âmbito da sua vida amorosa, independentemente de testemunhos já recolhidos ou não, existe um facto que a distingue da maioria das mulheres da época: casou-se e divorciou-se mais do que uma vez, notando-se que apreciava estar sempre acompanhada, ao mesmo tempo que valorizava o casamento.

Natália Correia contraiu, assim, matrimónio quatro vezes: pela primeira vez, em 1942, na cidade de Lisboa, com Álvaro dos Santos Dias Pereira, quando tinha apenas

dezanove anos; no entanto, divorciou-se e, pela segunda vez, voltou a casar, em 1949, com o americano William Creighton Hylan, mas desta vez no estrangeiro, em Marrocos; estiveram casados durante muito pouco tempo, pelo que se casou, pela terceira vez, logo no ano seguinte, com Alfredo Luís Machado Lage, que era conhecido por Senhor Machado, embora não conste, biograficamente, nenhum esclarecimento acerca do motivo de assim ser chamado. Esteve casada com ele até à morte dele, em 1989; após ter enviuvado, no ano seguinte, uniu-se, maritalmente, pela quarta vez, em Lisboa, com Dórdio Leal Guimarães, sendo este, então, o último dos maridos que teve (Almeida, 1994; Vaz, 2003; Costa, 2005; Campos, 2006; Gameiro, 2016).

A vida amorosa de Natália Correia podia, porventura, resumir-se à enumeração dos maridos que teve, conforme apresentado no parágrafo anterior. Todavia, pelo facto de se tratar, cumulativamente, de uma figura pública cuja atitude marcou literária, cultural e politicamente o século em que viveu, muito foi dito e escrito sobre os seus relacionamentos amorosos: “Era uma deusa rodeada de sacerdotes ou veneradores. Isso levou que se tivessem formado muitas lendas sobre o seu comportamento amoroso e sexual.” (Dacosta *apud* Pedrosa, 1997: 39).

Natália tentava, pois, rebater a má fama que alguns geraram em torno dela, por entender que os boatos não correspondiam àquilo que era (Marques, 1988; Vaz, 2003). Essa realidade para além de a enfurecer, também a entristecia (Campos, 2006).

Apesar de a sua vida amorosa ter constituído sempre motivo de curiosidade, e até de tentativa de difamação, por parte daqueles que a viam como uma ameaça aos bons costumes ou até mesmo nos campos em que mais interveio (por exemplo, no literário, segundo Dacosta (2001), os escritores Jorge de Sena, Sofia de Mello Breyner e Augustina Bessa Luís detestavam-na), percebe-se, claramente, pelo material disponível, no espólio de Natália Correia, que procurou suprimir testemunhos dessa vida, havendo, por exemplo, em relação aos dois primeiros maridos, pouquíssima informação. É como se Álvaro dos Santos Dias Pereira e William Creighton Hylan não tivessem quase existido na vida dela, tratando-se meramente de duas passagens brevíssimas (Vaz, 2003; Gameiro, 2016, 2018).

Segundo Gameiro (2016, 2018), no arquivo de Natália, constam apenas os documentos seguintes: duas provas fotográficas com dedicatória para o primeiro marido;

uma reportagem da lua de mel realizada em Tânger e algumas provas com legenda realizada pelo segundo marido. Por sua vez, em relação aos últimos dois maridos, existem dados que nos ajudam a entender melhor o relacionamento que manteve com os mesmos, mas que se baseiam, fundamentalmente, nas obras de cariz biográfico já publicadas acerca de Natália Correia (Almeida, 1994; Vaz, 2003; Almeida e Costa, 2005; Costa, 2005; Campos, 2006).

Excepcionalmente, sobre Dórdio Leal Guimarães, recai uma maior disponibilidade de informação. Isto porque, por um lado, publicou e dedicou obra a Natália, elegendo-a como amada, e, por outro lado, prestou-se, no final da sua vida, à organização e ao arquivo da documentação que está incluída, neste momento, no seu espólio e no de Natália Correia. Estão ambos disponíveis na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, para consulta e análise por parte de quem se interessar pelo seu estudo (Gameiro, 2018).

Entre essa documentação, existe correspondência de Natália para Dórdio e vice-versa, que testemunha a existência passada de uma vida íntima partilhada, ao passo que nenhuma outra se encontra arquivada em relação aos restantes três maridos.

Relativamente a José António, também existe alguma informação incluída nas obras biográficas sobre a autora (Almeida, 1994; Vaz, 2003; Costa, 2005; Campos, 2006). Para além dos livros existentes, entre os artigos já publicados, destaca-se, pois, o redigido por Inês Pedrosa, em 1997, na Revista *Expresso*: “O amor louco de Natália Correia”, porque nele consta a transcrição do discurso do próprio José António enquanto um dos entrevistados.

No plano amoroso, o foco da atenção sempre recaiu muitíssimo mais sobre o primo, o único com quem não casou. Este, para além de ser bastante mais novo do que Natália, relacionou-se com ela, amorosamente, durante o seu terceiro casamento, nomeadamente sob o mesmo teto da casa onde vivia com o marido Alfredo Luís Machado Lage, na Rua Rodrigues Sampaio.

Decorrente da ausência do primo para o Ultramar, sabe-se que Natália lhe escrevia, frequentemente, cartas de amor, estando as mesmas ainda e apenas na posse dele (Pedrosa, 1997; Dacosta, 2001, 2003). Talvez seja este o grande motivo de até hoje continuar a ser mantido *suspense* relativamente à relação de ambos, pois, uma análise da

superfície discursiva dessas cartas pode, porventura, desencadear a revelação de aspetos ainda não desvendados.

Adianta-se que, segundo revelações realizadas, as cartas que Natália recebeu de José António foram integralmente destruídas, para que nenhum conteúdo inscrito nas mesmas fosse revelado (Gameiro, 2016), conforme se explicita, mais adiante, neste *Capítulo I*. Como tal, no arquivo da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, consta apenas correspondência pessoal trocada entre Natália Correia e Dórdio Guimarães e nenhuma outra respetiva aos restantes maridos.

A partir deste momento, são apresentados aspetos de ordem mais específica relacionados com as janelas temporais em que decorreram os quatro casamentos de Natália Correia e também com o relacionamento amoroso que teve com o primo micalense José António Correia. Procura-se, sempre que possível, o estabelecimento de conexões pertinentes entre os relacionamentos vividos e os acontecimentos que marcaram a vida e obra da autora. Relativamente a Dórdio Guimarães, dá-se também lugar a uma tentativa de explicitação do motivo de *Cynthia* ter sido o nome de poesia que deu a Natália, dado tratar-se do nome de substituição também incluído nas trocas epistolares de ambos, conforme é abordado na *Parte III*, no *Capítulo IV*, deste estudo.

Natália Correia casou-se com Álvaro dos Santos Dias Pereira e passou a morar na Rua Rodrigo da Fonseca. Passados dois anos de ter casado, começou a trabalhar, na comunicação social, enquanto jornalista na Rádio Clube Português (Almeida, 1994; Costa, 2005).

Em 1945, alargou o trabalho jornalístico à colaboração com o Jornal *Portugal, Madeira e Açores*, para além de publicar o romance infantil *As aventuras de um pequeno herói*. O mesmo ano é marcado, diplomaticamente, por dois factos determinantes para o percurso político que iniciou: (1) travou conhecimento com Mário Soares, que sempre a admirou pelas qualidades físicas e intelectuais que reunia. A este propósito, conta-se que, quando homenageou Natália, com a condecoração do Grau de Mestre da Ordem da Liberdade, realizou, primeiramente, um elogio à sua beleza física, sendo, deste modo, logo

criticado por ela (Pedrosa, 1997); (2) assinou as listas do Movimento de Unidade Democrática (MUD), que foram organizadas em oposição ao regime de Salazar. Desta maneira, assumiu, publicamente, a sua posição quanto à opressão que caracterizava a ditadura vigente na época (Vaz, 2003).

No ano seguinte, realizou duas publicações: o seu primeiro poema *Manhã Cinzenta*, nomeadamente no jornal em que colaborava e o tal romance que, segundo Campos (2006), inclui partilhas respeitantes ao seu primeiro amor – *Anoiteceu no Bairro*.

Em 1947, alargou a sua colaboração ao *Jornal Sol* e publicou poesia com *Rio de Nuvens*. Nos dois anos posteriores, continuou a colaborar com o último jornal mencionado e, na qualidade de jornalista, participou em atividades que a aproximaram do general Norton de Matos, que confluíram, mais tarde, no apoio que deu, conjuntamente com Mário Soares e José Augusto França, à sua candidatura à Presidência da República (Almeida, 1994; Vaz, 2003).

Natália Correia iniciou a carreira jornalística após o primeiro casamento, assim como passou a desempenhar um papel mais consciente e ativo em questões políticas. Estas duas atividades estenderam-se largamente no tempo, marcando a sua vida e obra até morrer, em 1990, embora a de parlamentar, enquanto deputada, a tenha projetado muitíssimo mais junto da opinião pública.

O segundo marido de Natália Correia foi William Creighton Hylan. Depois de casarem, em Tânger, regressaram a Lisboa e viveram, inicialmente, na Avenida Duque de Loulé, na Residência América, mudando-se, posteriormente, para a Rua da Lapa, onde ficaram por muito pouco tempo. Logo depois, William Creighton Hylan, meteorologista do Serviço Nacional de Meteorologia, decidiu levar Natália para conhecer o seu país de origem, pelo que a autora realizou, pela primeira vez, uma viagem aos EUA (Estados Unidos da América), visitando a costa leste (Almeida, 1994; 2018; Costa, 2005).

A autora escreveu, assim, o livro *Descobri que era europeia. Impressões de uma viagem à América*, que foi publicado apenas dois anos mais tarde, em 1951, quando já era casada com Alfredo Luís Machado de Lage. Esta produção decorreu da experiência de contacto direto com as gentes e os lugares do país visitado, deixando, deste modo, o

testemunho de que não gostou do que conheceu, apesar de ter cultivado, durante a infância, um fascínio por aquela terra (Vaz, 2003; Costa, 2005; Campos, 2006).

O deslumbramento sentido na meninice deveu-se, grandemente, ao contacto, quer com emigrantes que regressavam, de visita, a São Miguel, quer com o mundo do cinema que, naquela altura, chegava aos ecrãs. Todavia, em pouco tempo, transformou-se numa grande desilusão para Natália (Campos, 2006).

Apesar do desapontamento, a verdade é que foi graças à experiência tida que conseguiu retratar o país visitado, mobilizando, por um lado, a cultura que tinha e, por outro lado, o talento artístico e a perspicácia intelectual que já a distinguiam no início de carreira (Mesquita, 2002).

Segundo o testemunho da amiga Helena Cantos (citada por Costa, 2005), Natália casara-se com William Creighton Hylan, que era mais conhecido por Bill, apenas para fazer ciúmes a Alfredo Luís Machado Lage, pelo que, para além do desagrado manifestado pelos EUA, pode ter sido esse um dos motivos que a ajudou a desprender-se do enlace matrimonial e a regressar a Lisboa tão rapidamente.

Independentemente das razões que determinaram, efetivamente, a decisão do divórcio, o que é facto é que o casamento com Bill lhe indicou o caminho para a valorização das suas raízes enquanto europeia, conforme consta na brilhante obra que criou: “Mas a visão de contrastes e de agressivos antagonismos trouxe-me à consciência os ramos gerados na profundidade das minhas raízes. Descobri então com deslumbramento a minha posição no mundo: era EUROPEIA.” (Correia, 2018: 21-22).

Desta forma, a autora construiu a sua identidade europeia, tendo por base o observado no quotidiano dos EUA (Mesquita, 2002). Desmistificou uma ideia gerada na infância acerca de um país que, afinal, desconhecia, ao mesmo tempo que beneficiou de uma oportunidade para se expandir num género de escrita que não o poético.

Natália Correia esteve casada com Alfredo Luís Machado de Lage, durante 39 anos, isto é, grande parte da sua vida. O enlace com um homem bastante mais velho foi, de facto, muitíssimo duradouro, podendo ter alguma legitimidade o entendimento de que “[...]”

procurava nos homens a figura do pai que a abandonara – a ela, à mãe e à irmã – na infância, fugindo para a aventura no Brasil.” (Pedrosa, 1997: 36).

Moraram, inicialmente, na Rua Marquês da Fronteira, mudando-se, três anos depois, para aquela que seria a casa onde viveriam até falecerem. Esta habitação situava-se no n.º 52 – 5.º Andar, na Rua Rodrigues Sampaio. Durante a infância e a adolescência, Natália Correia teve uma vida marcada por bastantes mudanças de residência, pelo que, a partir do momento em que recebeu estabilidade quanto à casa onde ia viver, passou a revelar em que medida valorizava esse espaço como o lugar que exteriorizava a sua interioridade (Campos, 2006).

Nessa casa de dezassete divisões, o quarto de Natália era o espaço eleito para a escrita e, em particular, ou a mesa ou a cama onde se encontrava documentação dispersa, que servia de suporte à redação dos seus livros. Dormia num quarto separado do marido e, como uma espécie de ritual, só se deitava por volta das 4h00, isto é, depois de terminarem as tertúlias literárias realizadas em sua casa (Pedrosa, 1997).

Mais tarde, as tertúlias passaram a ser feitas no célebre Botequim, um bar e restaurante que foi aberto, no final de 1971, por Natália, em sociedade com a amiga poetisa Isabel Meyrelles, para o marido gerir, após ter falido o Hotel Império de que era proprietário e gerente (Pedrosa, 1997).

De acordo com o testemunho da amiga supramencionada (citada por Cunha, 2003), o Botequim transformou-se, por assim dizer, naquilo que tinha sido a casa de Natália: um salão de tertúlias literárias. Como tertúlia literária, também se singularizou, na altura, por ter sido o primeiro bar e restaurante em que as mulheres podiam estar sem serem incomodadas.

Era um ponto de paragem para aqueles que se opunham ao regime político da época e que, cumulativamente, para defenderem os ideais de uma democracia pluralista, privilegiavam um lugar frequentado por artistas, escritores e outras figuras públicas, tais como: Almeida Santos, Mário Soares... Em consequência disso, foi um dos espaços identificados pelo regime salazarista, por meio da Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), sendo reconhecido até hoje como o lugar que mais marcou política e culturalmente o século XX (Lello, 1993; Dacosta, 2003, 2013_b).

Natália acordava ao fim da manhã e tomava a primeira refeição no quarto, pois só tinha o hábito de jantar na companhia do marido e/ou de amigos. Durante o terceiro casamento, nesse espaço de criação literária, escreveu à mão, pelas tardes fora, a maioria da sua obra, apoiando-se, muitas vezes, nas pesquisas realizadas por estudantes universitárias. Estas, geralmente, faziam *part-times*, entre as 14h00 e as 17h00, para a secretariarem (Pedrosa, 1997).

Então, no final da tarde, por volta das 19h00, recebia as amigas mais próximas, enquanto gozava de um banho de imersão, que era, por vezes, preparado por elas. Entre as amigas, segredavam-se confidências respeitantes a assuntos diversos, entre os quais deveriam caber, certamente, partilhas relacionadas com a vida amorosa da autora (Pedrosa, 1997).

Natália não se enquadrava no modelo de mulher da época, pelo que, para além de nunca ter sequer equacionado a possibilidade de ser mãe, por razões até hoje desconhecidas, também não se dedicava a nenhuma das tarefas domésticas, não só por se sentir horrorizada perante panelas e esfregonas, mas, sobretudo, por incapacidade de as realizar. Tinha, assim, o apoio permanente ou de uma empregada ou de amigas mais chegadas, mas, sobretudo, do próprio marido, que até lhe realizava as compras mais íntimas (roupa, produtos de maquilhagem...) (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

Alfredo Luís Machado de Lage preocupava-se com a esposa e cuidava dela como se tratasse de uma menina, pois tinha uma elevada consciência das suas dificuldades relativamente à gestão dos aspetos mais simples de uma vida prática: “Não sei tratar de nada [...] não sei assinar um cheque, sou perfeitamente desastrada. Só sei escrever.” (Correia *apud* Guimarães *et al.*, 2004: 58).

Na entrevista de Pedrosa (1997), a amiga Helena Cantos expressa que se tratava de um zelo de pai para filha, tendo chegado mesmo a pedir-lhe que cuidasse dela, na sua ausência, durante uma viagem que ambas realizaram ao Norte. Por sua vez, numa entrevista realizada por Cunha (2003), outra amiga, Helena Roseta, vem reforçar a fragilidade de Natália e, ao qualificá-la como absoluta, deixa transparecer que a mesma sempre foi sentida pelo marido. Esta realidade opõe-se, pois, à percepção que a maioria das

pessoas tinha em relação à autora, visto que a sentiam como uma força da natureza viva e imponente em todas as dimensões (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

Independentemente de se ter deixado instalar ou não nas rotinas proporcionadas pelo terceiro casamento, encontrou, certamente, nessa relação, a estabilidade que lhe permitiu ser autora das inúmeras produções escritas que publicou enquanto poeta e escritora, mesmo que o relacionamento se tenha baseado sobretudo num respeito de filha para pai: “Sou casada há 30 anos, calmamente, burguesmente casada, sinto-me bem... gosto muito do meu marido, respeito-o muito, ele é um homem extraordinário.” (Correia, 1986 *apud* Campos, 2006: 56).

Conhecendo muitíssimo bem Natália, Helena Cantos testemunha que ela nunca foi uma mulher que apreciasse, largamente, uma vida ativa sexualmente: “não gostava de cama” (Cantos *apud* Pedrosa, 1997: 40). No entanto, essa característica não a diminuía enquanto mulher romântica que cultivava a arte da sedução, conforme nos deixa subentender o próprio objeto boquilha que usava para se afirmar (Campos, 2006).

Manteve-se casada até à morte de Alfredo Luís Machado Lage, fazendo prova do respeito que sentia pelo homem que a protegeu e acompanhou, de maneira compreensiva, durante quase quatro décadas (Pedrosa, 1997). No soneto que dedica ao terceiro marido, quando escreveu “Alfredo / Esposo-Mãe”, deixou transparecer uma dimensão do relacionamento de ambos, ficando clara a elevada consciência de que ele cuidava dela como é habitual as mães fazerem. Nesse poema, descortina-se o medo que sentia da solidão que decorresse da morte do marido:

“Morte, ladra dos amantes, não me leves / O ombro em que de insónias repousava. / Nesse abrigo o amor com dedos leves / Fazia a concha que me agasalhava. / O doce amigo que os remorsos breves / De muitas culpas, mais abreviava. / Isenta, ó morte, do poder que atreves / Em amores que nos dão a estrela d’alva. / De meus caprichos, ficções e fantasia / o firme tronco, a tua foice fria / Que tem no tempo a crua lei, não corte. / Da fútil fama o custo já conheço. A anónima glória apenas peço / De roubar com meu pranto o amigo à morte.”

(em Costa, 2005: 201)

Todavia, apesar de não sobrevalorizar os imperativos subjacentes às necessidades comuns de todo e qualquer ser sexuado, existem testemunhos que comprovam que se relacionou amorosa e sexualmente com outro homem, durante o casamento com Alfredo Luís Machado Lage: o primo José António Correia.

Na entrevista realizada, por Inês Pedrosa (1997), a José António, ele confirma que, para além de se terem apaixonado um pelo outro, mantiveram um relacionamento amoroso durante anos. Perante a intensidade da relação vivida com o primo, persistem dúvidas até hoje se Alfredo Luís Machado de Lage foi, de facto, o único homem que Natália verdadeiramente amou e, cumulativamente, se chegou a tomar conhecimento ou não da relação extraconjugal mantida com o primo, embora Dacosta sintetize assim: “[...] o grande amor dela foi o Senhor Machado, mas a grande paixão foi o primo, José António Correia.” (Dacosta *apud* Pedrosa, 1997: 36).

Por sua vez, Campos diz-nos que, apesar de Natália ter perpetuado o seu pensamento na célebre afirmação: “Quem não é capaz de enfrentar um escândalo por amor, não é capaz de amar” (Correia, *s/d apud* Campos, 2006: 56), não teve a ousadia de enfrentar um escândalo por amor a José António. Isto porque, Campos toma como referência o facto de que, na obra *A mosca iluminada*, Natália refere que, se alguém quiser conhecer um amor impossível, deve casar-se.

No entanto, a consideração da autenticidade que singularizava Natália obriga a considerar-se que a permanência no casamento com Alfredo Luís Machado Lage só se pode ter traduzido na afirmação de um amor genuíno, tratando-se, certamente, José António apenas da grande paixão que teve.

Perante todas as suposições levantadas até ao momento, apenas Natália é que as poderia precisar melhor, tendo por base os sentimentos que, ao longo do tempo, reinaram dentro de si. A voz de quem sente é sempre garantidamente mais fiel, mas, como Natália já não se encontra entre nós, só nos resta considerar esta questão com base nos testemunhos dela própria e daqueles que lhe eram mais próximos, como é o caso dos amigos Fernando Dacosta, Helena Cantos, Helena Roseta e Branca Miranda Rodrigues, deixando, todavia, bastante claro que a verdade sentimental de Natália talvez e apenas só ela é que a vivenciou e conheceu.

Natália Correia casou-se com Dórdio Leal Guimarães três anos antes do seu falecimento, apesar de já se conhecerem há cerca de três décadas. Dórdio Guimarães, em entrevista a Sarah Adamopoulos (citada por Costa, 2005), conta que, em 1952, quando tinha apenas 14 anos, viu Natália Correia, pela primeira vez, numa sessão de cinema do filme “O Sangue do Poeta”, no Ateneu Comercial de Lisboa:

“Foi a primeira vez que a vi, eu era um adolescente e fiquei terrivelmente impressionado. Não quer dizer que fosse já um sentimento de paixão, porque nessa idade isso ainda é uma coisa um pouco confusa. Foi um fascínio imperecível. Não a conheci pessoalmente. Apenas a vi. Dez anos mais tarde, eu era sócio da Sociedade Portuguesa de Autores e tinha acabado de chegar ao Porto. Foi aí que a conheci, durante as várias sessões que lá ocorriam e aí apaixonei-me. O nosso relacionamento começou, pois, nessa altura (...)”

(Guimarães *apud* Adamopoulos *apud* Costa, 2005: 110)

Por sua vez, Natália, da memória do primeiro encontro com Dórdio, que viria a acontecer dez anos mais tarde, dedicou-lhe o soneto “O Beijo de Antikonie”:

“Foi no mês alumbrado dos bruxedos / O ardente encontro. Estava eu nos trinta. / Abrasavam-te vinte chamas verdes / E enluarado me chamaste Cynthia. / Como uma puma pelos meus vinhedos / sedoso e hábil me laçaste a cinta / e encantaste-me em sala de brinquedos / da tua boca bárbara e faminta. / Mas declino e o Anjo de alabastro / tatua-me na fronte o frio astro / que a tormenta do sangue anestesia. / Ó trémula beleza sem apoio! / Fiz-te pássaro e mato-te no voo. / Não me culpes, amor. Foi bruxaria.”.

(em Almeida, 1994: 111)

De acordo com Dacosta (citado por Pedrosa, 1997), Dórdio Leal Guimarães criou uma imagem ficcional de Natália enquanto mulher amada à qual atribuiu o nome *Cynthia*. Pelo seu comodismo, procurava, nas mulheres, a mãe, tendo encontrado na característica maternal de Natália a base para a criação de uma imagem que até hoje prevalece. Ela, devido à postura de segurança que tinha, reunia características maternais, apesar de nunca

ter sido mãe e de criticar, abertamente, a função da mulher quando entendida como mera reprodutora (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

Segundo o testemunho do mesmo amigo entrevistado (citado por Pedrosa, 1997), ao longo do tempo, a boa imagem criada por Dórdio Leal Guimarães deu-lhe a oportunidade de ocupar um lugar no mundo social e cultural em que Natália circulava. Perante essa realidade, a paixão de Dórdio tratou-se, desde o início, de uma ficção cuja ação foi determinada pelos interesses individuais que tinha, atendendo ao elevado protagonismo das vidas pública e privada de Natália e que ele tanto ambicionava alcançar:

“Como esta imagem sempre foi bem vista, afagou-lhe o ego, a carteira. Teve acesso a personalidades, acontecimentos, viagens e estatutos que de outra maneira nunca teria. Foi tornando pouco a pouco verdade essa ficção que construíra.”

(Dacosta *apud* Pedrosa, 1997: 38).

Por sua vez, a amiga íntima Helena Cantos, também entrevistada por Pedrosa (1997), partilhou que Dórdio Leal Guimarães se apaixonou, efetivamente, por Natália Correia, devido ao encanto que lhe era inato. Como ele ainda era um jovem, ao passo que ela já era uma mulher, essa diferença de idade pode ter contribuído para o deslumbramento gerado em torno de Natália. Esta amiga entende que, durante o casamento com Alfredo Luís Machado Lage, se relacionaram, sobretudo, amorosamente, e que, no plano sexual, apenas esporadicamente: “Estou convencida que terá ido umas vezes com o Dórdio, até por obrigação, para manter o fogo.” (Cantos *apud* Pedrosa, 1997: 40).

Helena Cantos (citada por Pedrosa, 1997) evidencia partilhar, parcialmente, da opinião do amigo Fernando Dacosta, quando refere que, com o tempo, Dórdio Leal Guimarães ficou antes mais apaixonado pela ideia de realizar publicações e de ele ser também uma celebridade do que pela própria Natália, daí que tenha usado a imagem que criou dela como sua amada para se autopromover.

Se forem consideradas meramente as duas opiniões anteriormente referenciadas, deduz-se que, na adoração feita a Natália, Dórdio encontrou um meio para atingir os objetivos que tanto visava, atendendo ao protagonismo que ganhou depois da publicação

das duas obras poéticas que lhe dedicou no início da sua carreira de escritor (Braga, citada por Costa, 2005).

No início da atividade literária de Dórdio Leal Guimarães, as duas primeiras obras poéticas de que é autor foram publicadas em 1961, precisamente um ano antes de travar conhecimento efetivo com Natália Correia. Logo depois de a conhecer, deu, então, lugar às duas publicações de poesia que, num intervalo de três anos, foram dedicadas à amada: *Cynthia* (1963) e *Cynthia Livro Segundo* (1965). O nome *Cynthia* não é escolhido ao acaso, mas, certamente, pelos traços que Dórdio reconhece em comum entre a sua situação e aquela que foi a do poeta Propércio, conforme o conteúdo alargado mais adiante.

A partir de uma consulta da listagem de obras publicadas pelo autor, ao longo da sua vida, percebe-se que só volta a publicar obras dedicadas a Natália Correia cerca de vinte e cinco anos depois, isto é, no final da sua atividade literária, na década de 90: *Cynthia em Viagem* (1992), dois anos depois de se ter casado com a amada; *Cynthia e a Absoluta Viagem* (1994), um ano após o falecimento dela, completando, deste modo, um conjunto de quatro obras a ela dedicadas.

Durante esse interregno, realizou várias publicações, maioritariamente poéticas, mas nenhuma outra dedicada a Natália. Dedicou-se, sobretudo, a atividades diversas, mas sempre muito relacionadas com a imprensa e o cinema, conforme se procura evidenciar nos parágrafos seguintes.

A referência à obra de Dórdio Leal Guimarães, que teve lugar neste texto até ao momento, relacionou-se, intimamente, com a necessidade de se procurar entender em que medida os juízos partilhados por amigos mais chegados de Natália, que nos remontam para o reconhecimento de um amor interesseiro, têm ou não uma maior ou menor sustentabilidade, fazendo-se notar que as publicações literárias dedicadas a Natália marcaram, substancialmente, o início da sua obra poética, aparecendo, posteriormente, apenas nos últimos anos da sua vida como se tratasse de uma espécie de fecho de um ciclo aberto há cerca de três décadas.

Deste modo, procurou-se evidenciar que, ao contrário do que aconteceu em relação aos maridos anteriores, não houve, de facto, uma boa aceitação relativamente ao casamento com Dórdio Guimarães, ao mesmo tempo que se tentou compreender em que

medida a imagem de amada criada lhe trouxe ou não benefícios, tal como refere Dacosta (citado por Pedrosa, 1997).

Posto isto, urge dizer que, no plano literário, a criação da imagem de Natália enquanto amada pode ter servido para projetar o nome Dórdio Guimarães, mais especificamente no início da sua atividade literária, mas, que, ao longo do tempo, não pode ter constituído por si só a garantia das publicações que decorreram nas décadas seguintes, pelo que outros factos hão de ter determinado a manutenção da sua atividade de escritor.

Independentemente da opinião manifestada, publicamente, por parte de amigos, entre os quais o primo, Natália decidiu unir-se, maritalmente, com o homem cuja presença, segundo Helena Cantos (citada por Pedrosa, 1997), se fez continuada, ao longo da sua vida, desde que o conheceu em julho de 1962.

Tendo em conta as características pessoais de Natália Correia e, cumulativamente, a situação em que se encontrava após a morte de Alfredo Luís Machado Lage, a decisão que tomou pode ter sido desencadeada pelas necessidades de ter uma companhia permanente, devido ao medo que sempre sentiu da solidão, e/ou de ter alguém que cuidasse dela, devido às limitações que tinha no desempenho de tarefas relacionadas com a gestão da sua vida prática (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

No entanto, em conversações prévias ao casamento com Dórdio Leal Guimarães, nomeadamente com José António Correia e com Helena Cantos, Natália não destacou nenhum dos motivos anteriormente mencionados, mas antes realçou que lhe interessava estar com ele, porque contava com a sua ajuda para organizar e catalogar a sua obra, atendendo que a conhecia com bastante profundidade comparativamente a outra pessoa qualquer (Pedrosa, 1997).

Todas as razões apontadas acima reúnem legitimidade se considerarmos a idade avançada de Natália (67 anos) quando contraiu matrimónio; todavia, com base na revisão bibliográfica realizada, constata-se que nunca é sequer ponderado que Natália possa ter decidido casar-se movida por um sentimento ou de gratidão, pela imagem de amada criada por Dórdio, ou ainda mais profundo: o amor.

É, assim, apenas ponderado que foi impelida pela necessidade de companhia no final da sua vida: “A organização dos papéis seria talvez um pretexto para mascarar a necessidade absoluta de uma companhia permanente.” (Cantos *apud* Pedrosa, 1997: 45).

Neste sentido, as memórias impressas nas cartas, que fazem parte do *corpus* textual deste estudo, podem ajudar a desvendar, afinal, que sentimentos foram ou não nutridos por Natália em relação a Dórdio Leal Guimarães, tendo-se em conta que se tratou de um relacionamento que se estendeu no tempo até serem separados pela morte.

Escutar-se a voz da autora, na correspondência existente, a partir do uso que deu à palavra escrita, em contextos específicos de ausência, apresenta-se como um contexto de acesso a informação privada cuja revelação pode ajudar a descortinar um olhar que até hoje pode nunca ter sido devidamente ponderado relativamente aos sentimentos que nutria por Dórdio Leal Guimarães.

Apesar das opiniões manifestadas em relação à figura do quarto marido, o que se faz notar no percurso que seguiu é que foi um homem que, depois de conhecer e de se apaixonar por Natália, se manteve fiel à imagem de amada criada, para além de, ao longo dos anos, ter partilhado com ela experiências pessoais e profissionais (por exemplo, viagens), que marcaram o percurso individual de ambos, conforme constata as biografias retratadas em Almeida (1994), Costa (2005) e Campos (2006).

Dórdio Leal Guimarães, desde bastante novo, realizou várias atividades, entre as quais se destacou como: jornalista, diretor e executivo literário editorial; realizador de televisão e cinema; escritor e poeta (Guimarães, 1992). Pelos campos profissionais em que se movimentou, consegue-se perceber como encontrou facilmente afinidades com o percurso de Natália, pois também ela foi jornalista, escritora e poeta (Costa, 2005). Profissionalmente, partilhavam muitos aspetos de interesse comum, ao contrário dos outros maridos com quem Natália se casou, o que pode ter sido o motor de um reconhecimento mútuo.

Quando Dórdio conheceu Natália Correia, ela já tinha dado, na década de 40, os primeiros passos no campo jornalístico, não obstante as duas publicações literárias que fez nessa década, conforme já constatado anteriormente. No entanto, é na década de 50 que Natália começou a afirmar-se no campo literário, com obras poéticas, às quais, enquanto

proponente a escritor, Dórdio Guimarães não terá ficado, certamente, indiferente (Almeida, 1994; Anacleto-Matias, 2013): *Poemas* (1955); *Dimensão encontrada* (1957); *Passaporte* (1958); *Comunicação* (1958). Também publicou, nessa década, as obras de teatro seguintes: *Dois reis e um sono* e *Sucubina ou a teoria do chapéu*, ambas em coautoria com Manuel de Lima (1952); *O progresso do Édipo* (1957); *D. João e D. Julieta* (1957).

Torna-se, pois, bastante claro que, quando se conheceram, na década de 60, Natália já construía um percurso literário e na imprensa, enquanto Dórdio Guimarães inicia o seu no domínio da literatura, tratando-se, cumulativamente, da altura em que ambos realizaram um número considerável de publicações, fazendo-se notar, em comum, nestes dois escritores, a preferência pela obra poética:

- Dórdio Guimarães publicou sete obras poéticas – *Mar de verão*, em 1961; *Tempo imediato*, em 1962; *Poesia e tempo*, em 1962; *Cynthia*, em 1963; *Cynthia segundo livro*, em 1965; *Canto psicadélico*, em 1968; *A Idade dos lilases*, em 1969) e uma novela – *O homem das batalhas*, em 1967. Tratou-se da década em que deu à estampa um maior número de publicações literárias;
- Natália Correia publicou três obras poéticas – *O cântico do país emerso*, em 1961; *Mátria*, em 1968; *O vinho e a lira*, em 1969 –, três de teatro – *O homúnculo*, em 1965; *O encoberto*, em 1969; *A Pécora*, em 1967 –, uma antologia – *Poesia portuguesa erótica e satírica*, em 1965 –, um romance – *A Madona*, em 1968 –, e um ensaio – *A questão académica de 1907*, em 1962 (Almeida, 1994; Anacleto-Matias, 2013).

Entre as obras poéticas publicadas de Natália, é de destacar *Mátria*, dado tratar-se do título que deu nome, posteriormente, à série televisiva de sucesso da RTP cuja autoria é também de Natália Correia e a realização de Dórdio Guimarães. Esta série foi gravada, conjuntamente, entre 1984 e 1987, apesar de a emissão ter sido iniciada apenas nos dois últimos anos de gravação (Almeida, 1994; Costa, 2005). A este propósito, partilha-se que, no epistolário inédito de Natália, consta uma carta dirigida a Dórdio Guimarães, enquanto realizador, na qual lhe é pedido que interceda junto da Direção dos Programas da Rádio e Televisão Portuguesa (RTP), para que a dita série não seja transmitida antes das eleições presidenciais. Natália argumenta que a transmissão poderia constituir um meio de

influência sobre a opinião pública e que, sendo ela membro do Conselho de Comunicação Social (CCS), não tencionava perder a sua autoridade moral (Correia, 1985, texto inédito, cota 244).

No que toca ao trajeto profissional de Dórdio, a década de 80 foi, por sua vez, bastante mais marcada por séries televisivas da autoria e apresentação de Natália Correia, cuja realização coube sempre a ele próprio (no biénio 1981-1982, *Neste lugar onde*, cuja filmagem é realizada em São Miguel, viajando os dois para a ilha; em 1983, *Aí vai Lisboa e O Natal Português*; entre 1984 e 1987, *Mátria*), comparativamente à de 70, dado que só iniciou a sua carreira de cineasta em 1975, após ter tido a oportunidade de concluir um trabalho inacabado – o *Cântico Final* (Costa, 2005).

Assim, na década de 70, em que Dórdio deu início a uma nova carreira, na maioria do tempo com programas para a RTP, sentiu-se um decréscimo de publicações literárias comparativamente à década de 60, tendo sido assim publicadas apenas as quatro obras seguintes: *Os cinco sentidos de Lisboa*, em 1970; *Alexandre Nevski*, em 1972; *Paicina*, em 1976; *Ubéria e Orfeu em férias*, em 1978 (Costa, 2005). A nível dos trabalhos televisivos realizados, destacam-se estes dois: a série “Marânus”, em 1978, e a longa-metragem “Santo Antero”, respeitante à biografia de Antero de Quental, cujo texto é da autoria de Natália Correia (Campos, 2006).

Por sua vez, no que se refere à década de 80, verificou-se mesmo uma total ausência de publicações, certamente, devido ao maior comprometimento com projetos enquanto cineasta, entre os quais se destacam, como exemplos, em 1981, *Soror saudade (Vida e obra de Florbela e Espanca)* e, em 1985, *Todas as cartas de amor são ridículas* (Costa, 2005; Campos, 2006).

Relativamente a Natália Correia, entre as décadas de 70 e 80, intensificou as atividades de tertúlia literária, após a inauguração do Botequim, e a sua intervenção cívica e política, com especial destaque para a Revolução de Abril, a par de ter continuado a afirmar-se no plano literário, registando-se, assim, sempre uma média de publicações semelhante à da década de 60 (Almeida, 1994; Anacleto-Matias, 2013).

É de realçar que, enquanto a década de 70 foi bastante marcada por obras poéticas (sete) e por antologias (três), entre as quais se destacam, em 1973, *O Surrealismo na Poesia*

Portuguesa e A Mulher, por terem contribuído para o entendimento da alma de Natália (Almeida 1994), a década de 80 caracterizou-se por uma maior diversidade de gêneros: uma poética; duas de ficção (romance e contos); uma de teatro; dois ensaios; duas antologias. Estes aspetos remetem-nos para a constatação de que Natália, para além de poeta, se destacou também por ser uma escritora multifacetada, conforme é passível de ser verificado na panorâmica da sua obra realizada por Anacleto-Matias (2013).

Importa, pois, salientar que Dórdio Guimarães praticamente só retomou a atividade da escrita literária, com lugar a publicações, na década de 90, quando se casou com Natália Correia. Entre 1990 e 1995, realizou, então, cinco publicações, predominando, entre elas, a obra poética, ao mesmo tempo que se faz notar o afastamento da carreira de cineasta. Ora, após a oportunidade que lhe foi dada no cinema, dedicou-se com maior intensidade às atividades de direção e realização televisiva e cinematográfica, seguindo os passos do seu pai, Manuel Guimarães, um famoso cineasta.

No entanto, é notório que sempre procurou incluir Natália tanto quanto possível nas produções por que ficava responsável, pois, durante o tempo em que esteve implicado nesses campos, esteve grandemente envolvido em projetos que contaram com a sua participação enquanto autora e apresentadora.

Reconhece-se, assim, outra afinidade entre ambos, para além da poética – o campo da imprensa –, apesar de haver o entendimento de que esse esforço se traduziu antes numa sombra no trajeto de Natália Correia (Dacosta, 2001). Se for considerado que o envolvimento de Natália em projetos partilhados também contribuiu para que se afirmasse, profissionalmente, no campo supramencionado, não podemos apenas supor que a presença continuada de Dórdio Guimarães se resuma a uma sombra.

Se Natália ainda é conhecida hoje por ter sido uma mulher autêntica, não se descortina que se sujeitasse à inconveniência da presença efetiva de Dórdio se a entendesse como desapropriada ao seu bem-estar; assim, presume-se que gostava dessa presença e, na verdade, de ser adorada por ele, tal como qualquer mulher que aprecie ser minimamente lisonjeada.

Perante a situação de Natália Correia ter enviuvado e de ambos se encontrarem disponíveis para estarem juntos durante os últimos anos das suas vidas,

independentemente dos motivos que terão movido ou não aquela que foi a vontade de Natália, a realidade é que celebraram o casamento, em ambiente modestamente festivo, num espaço muito significativo: o Botequim. Fizeram-se acompanhar de amigos, entre os quais Helena Roseta, tendo sido a mesma testemunha deste enlace (Dacosta, 2001; Costa, 2005).

Segundo o testemunho da empregada de Natália dos últimos anos, Maria de Fátima Jesus, durante o tempo de casamento com Dórdio Guimarães, foram mantidos todos os hábitos do casamento anterior, isto é, os rituais de escrita da autora, das refeições e das saídas para o Botequim, embora refira que: “A senhora fazia a vida dela, o senhor Dórdio a dele.” (Jesus *apud* Pedrosa, 1997: 46).

As duas únicas alterações prenderam-se com o facto de que Dórdio passou a dormir, na casa da Rua Rodrigues Sampaio, mais precisamente no quarto de hóspedes, em vez de utilizar o do Senhor Machado, e o escritório passou a ser usado também por ele, enquanto escrevia durante o dia (Pedrosa, 1997). A descrição da empregada remete-nos, assim, para a constatação de que viviam num casamento casto, tal como refere Dacosta (2001) baseado nas partilhas de Natália.

Para Helena Cantos (citada por Pedrosa, 1997), durante o tempo em que permaneceram casados, Natália Correia não beneficiou da companhia efetiva de Dórdio Guimarães, atendendo às lamúrias que lhe foram confidenciais, chegando a dizer-lhe desesperada:

“Para que é que me casei, afinal? Este homem levanta-se da cama, vai para a televisão, levanta-se da mesa, vai para a televisão, levanta-se da televisão vai para a mesa, levanta-se da mesa vai para o Botequim, e nem me faz companhia.”

(Cantos *apud* Pedrosa, 1997: 46)

Perante o relato da amiga supramencionada, percebe-se que o fantasma de Natália Correia sempre foi, certamente, o da solidão, conforme constata Campos (2006). Como tal, levanta-se a hipótese de ter sido mesmo esse o real motivo da decisão de se ter casado com Dórdio Guimarães, tal como referenciam alguns dos amigos mais chegados dela.

No entanto, mesmo que Dórdio não tenha sabido acompanhar Natália, nos últimos anos da sua vida, de acordo com aquelas que eram as suas necessidades, quando a empregada Fátima se refere ao facto de que, após a sua morte, todos os objetos e documentos da autora permaneceram intocáveis na desordem deixada, porque ele nunca autorizou que ninguém tivesse semelhante ousadia (Pedrosa, 1997; Roseta, 2000), percebe-se que, de facto, sempre a idolatrou e, como tal, procurou preservar na memória todos os aspetos da sua casa como se tratasse do templo de uma deusa. Já a própria Natália tinha o entendimento de que a casa onde vivia era o seu templo do dia, ao passo que o Botequim era o seu templo da noite (Almeida, 1994).

Quando Natália faleceu na manhã do dia 16 de março de 1990, encontrava-se na companhia de Dórdio Guimarães. Decorrente do episódio por que passou, também foi criticado por Helena Cantos (mencionada por Pedrosa, 1997), nomeadamente por não ter reagido em função da falta de ar sentida pela autora.

Descortina-se, assim, que, em nenhum ou em poucos momentos, Dórdio agradou aqueles que eram mais próximos de Natália Correia, tendo, porventura, apenas satisfeito a ela própria durante parte da sua vida.

Até morrer foi acompanhado pela fiel empregada, embora a tenha deixado totalmente desprovida economicamente. Organizou e participou em inúmeras iniciativas (conferências, lançamentos de livros, homenagens), no sentido de fazer prevalecer a memória de Natália, e também tratou de realizar as doações do seu espólio e do de Natália Correia às Bibliotecas Nacional e de Ponta Delgada (Pedrosa, 1997; Roseta, 2000; Gameiro, 2016).

A par disso, deixou definida a pretensão de as suas cinzas virem a ser reunidas às de Natália, nomeadamente no lugar onde ela nasceu (Pedrosa, 1997). O desejo de as cinzas serem trasladadas do Panteão dos Escritores do Cemitério dos Prazeres, para a ilha de São Miguel, só se realizou em 2016. Segundo notícia publicada pela *Agência Lusa*, no dia 27 de maio desse mesmo ano, foi inaugurado, no jardim interior da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, um mausoléu com as cinzas de Natália Correia e de Dórdio Guimarães.

Entretanto, Dórdio Guimarães descuroou-se cada vez mais de si mesmo, ficando totalmente dependente dos cuidados da empregada Fátima. Com o decorrer do tempo, a entrega ao álcool intensificou a gravidade da doença, condenando-o a uma debilidade que o arrastou para o mesmo destino da sua eterna amada *Cynthia*: a morte, em 1997, quando estava internado no Hospital do Desterro, em Lisboa (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

O nome de poesia escolhido por Dórdio Guimarães para Natália Correia foi *Cynthia*. Trata-se do mesmo nome escolhido pelo poeta romano Propércio para a amada cujo nome de nascimento anunciava mau agouro: Hóstia (Medeiros, 1984).

Propércio nasceu em Assis, Úmbria, em Itália, entre 43 a.c. e 17, na época de Augusto. Como era oriundo de uma família nobre, ainda beneficiou de uma educação formal junto da elite romana, embora, mais tarde, tenha empobrecido, por ter perdido parte das propriedades confiscadas no contexto das guerras civis. Dedicou-se ainda muito jovem à poesia, sendo considerado até hoje um dos três poetas elegíacos mais consagrados de Roma (Medeiros, 1984).

Tal como existe a Diana dos Latinos, também existe a *Cynthia* de Propércio. Foi a primeira e única mulher por quem se apaixonou quando ainda era adolescente, passando a ser a sua deusa. Era detentora de uma beleza igualável à da Deusa Diana. Para além da formosura, reunia qualidades que a aproximavam da arte de Apolo: sabia dançar, cantar e também escrever em verso (Medeiros, 1984).

Ao considerar-se este conjunto de informações, percebe-se, de forma imediata, semelhanças entre a descrição da *Cynthia* de Propércio e aquela que foi a *Cynthia* de Dórdio, atendendo às qualidades que singularizavam Natália Correia, para além da própria idade de enamoramento de Dórdio por Natália ser aproximada da de Propércio quando se apaixonou.

Segundo Medeiros (1984), *Cynthia* de Propércio tinha duas faces: uma de deusa casta e outra de deusa noturna. Nesta explanação, importa mais uma abordagem incidente sobre a face que a eternizou, isto é, a de deusa da noite, não só por se tratar daquela que é focalizada pelo já referido autor, mas também porque Natália apresentava características aproximadas às da deusa de Propércio, conforme é abordado nos parágrafos seguintes.

Tendo em conta alguns dos hábitos de Natália, sabe-se que se relacionava social, literária e politicamente sobretudo em jantares e em serões, deitando-se sempre muito tarde. Paralelamente, era fascinada pela vida que se passava nas ruas à noite, pelo que, segundo Dacosta (2003), até era conhecida e respeitada por vadios, prostitutas, chulos..., por se dedicar a ouvi-los pela madrugada, para além de entender que eram uma fértil fonte de informação útil. Com este conjunto de características, percebe-se que era uma mulher com uma vida noturna ativa, constituindo por si só a iniciativa de abertura do Botequim a evidência de uma necessidade de estar permanentemente acompanhada e, preferencialmente, pela noite dentro (Mota, 2014).

Por sua vez, *Cynthia* de Propércio, durante a noite, era livre e indomável no amor, porque era detentora da arte de sedução. Assim, para além de ter dominado Endimião, um pastor que apenas viveu para ela, também subjuguou Propércio aos seus encantos, apesar dos esforços que este realizou para se libertar da paixão que sentia pela amada. Ele tentou esquecer *Cynthia* e até pensou ou em matá-la ou em suicidar-se, mas todos os planos que fazia duravam muito pouco tempo, porque era, novamente, cativado pelos seus encantos (Medeiros, 1984).

Em estreita relação com Natália, encontra-se a característica de que também ela era reconhecida como uma mulher sedutora, pois atraía, naturalmente, os homens de quaisquer faixas etárias. No entanto, apesar de gostar de ser o centro das atenções, se tivermos em conta alguns dos relatos de homens que a conheceram, percebe-se que não alimentava o fascínio que sentiam por ela, sendo considerada, por vezes, como assexuada (Cunha, 2003; Campos, 2006).

Quanto a Dórdio, após ter ficado enamorado por Natália, tal como Propércio, manteve-se sempre preso a esse amor, embora ela estivesse casada com Alfredo Machado Lage e se tenha relacionado, posteriormente, na década de 70, com o primo José António Correia. Não se conhecem episódios até ao momento em que tenha procurado distanciar-se da amada, constando, assim, que Natália foi a única mulher por quem se apaixonou e a quem se dedicou.

O poeta romano, com apenas dezoito anos, publicou a obra que lhe abriu as portas para a fama: *Cynthia Monobiblos* (*Cynthia*, livro único), mas que, a médio e a longo prazos,

não se traduziu numa oportunidade para a construção da sua felicidade, visto que nunca sentiu certezas relativamente ao amor que viveu com a amada (Medeiros, 1984).

Comparando com Dórdio, verifica-se que ele também era bastante jovem quando realizou as primeiras obras poéticas, embora os livros *Cynthia* e *Cynthia segundo livro* tenham sido, respetivamente, as terceira e quarta obras publicadas e não as suas primeira e segunda obras, conforme aconteceu com Propércio. Existem, pois, semelhanças nos títulos dados e, se recordarmos as opiniões dos amigos de Natália, que foram apresentadas neste capítulo, percebe-se outro aspeto em comum entre os dois poetas: as duas obras dedicadas a Natália Correia foram determinantes para a abertura de oportunidades, por parte de Dórdio, valendo-lhe a fama e, conseqüentemente, a entrada no círculo de relações da amada (Dacosta, citado por Pedrosa, 1997; Fraga, citada por Costa, 2005).

Como *Cynthia* de Propércio amava ser adorada por ele, manteve sempre o relacionamento entre ambos. Por ser muitíssimo possessiva, apesar de não lhe ser fiel, exigia-lhe fidelidade total. Assim, como forma de se vingar dela, quando o poeta lhe descobriu as infidelidades, decidiu envolver-se com outras mulheres. No entanto, não conseguiu estar com nenhuma, porque não se sentia atraído por elas (Medeiros, 1984).

Relativamente a Natália, sabe-se que, ao longo da sua vida, sempre manteve um relacionamento com Dórdio Guimarães, marcado, substancialmente, por uma amizade duradoura, pelo que se descortina que lhe agradava a veneração que ele lhe fazia; caso contrário, muito dificilmente teria construído um percurso pessoal e profissional ao lado do mesmo e, posteriormente, optado por se casar com ele.

Quanto a Dórdio Guimarães, durante a sua vida, manteve-se fiel à imagem de amada criada, dado que não constam dados que se tenha envolvido com nenhuma outra mulher. No entanto, a amiga íntima de Natália, Helena Cantos (citada por Pedrosa, 1997), refere-se ao facto de que, após se terem casado, Dórdio passou a ser-lhe desagradável num registo nunca antes utilizado. Deu assim a saber que, por vezes, enquanto não eram casados, Natália o tratava mal, chegando a esbofeteá-lo, mas que tal situação não justificava que, após a formalização da união, tivesse mudado a sua forma de ser e de estar com a amada, soando antes a uma vingança pelos anos passados.

Perante a dor sentida naquela que era a sorte da sua vida, Propércio começou a refugiar-se na bebida, amaldiçoando a beleza de *Cynthia*. Esta acabou por morrer ainda antes de perder essa qualidade, aparecendo ao poeta após a sua morte, para lhe pedir perdão (Medeiros, 1984).

Relativamente a Natália, também ela própria morreu antes de Dórdio, mas não existem quaisquer alusões de que tenha sido visitado pelo seu espírito, após a sua morte. No entanto, é sabido que também Dórdio se afundou, progressivamente, no vício do álcool, em destaque depois da morte da amada *Cynthia* (Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

A partir desta breve comparação, procurou-se evidenciar, sobretudo, que entre a *Cynthia* de Propércio e a *Cynthia* de Dórdio existem aspetos que as aproximam, ao mesmo tempo que se evidenciam parecenças entre as sortes de ambos os poetas. Como o poeta elegíaco é anterior a Dórdio Guimarães, torna-se claro que, com base no conhecimento que tinha dos poetas da antiguidade, se inspirou na *Cynthia* de Propércio aquando daquela que pode ter sido a sua maior criação ficcional enquanto ficcionista.

Percebe-se, afinal, que a constatação de Dacosta não pode ser entendida como totalmente descabida à luz dos aspetos analisados, não sendo, assim, descartável a percepção efetiva de que houve uma premeditação inspirada no poeta Propércio. Se assim aconteceu, urge questionar: Dórdio Guimarães viveu uma vida determinada pela criação de uma ficção?

No início da década de 70, com cerca de vinte e dois anos, José António Correia deslocou-se dos Açores para Portugal Continental, para cumprir serviço militar. Como o cunhado foi colocado, na altura, em Angola, os familiares deram-lhe o contacto da prima Natália Correia, para quem telefonou, de modo a evitar ficar completamente sozinho em Moscavide. José António foi convidado para comparecer na casa onde Natália vivia com o marido Alfredo Machado, mais precisamente por volta da hora do jantar. Quando lá chegou, deparou-se com um ambiente festivo, que caracterizava as tertúlias literárias daquela casa (Pedrosa, 1997).

Era comum serem servidos jantares na casa da Rua Rodrigues Sampaio, nos quais compareciam os intelectuais que eram chegados a Natália Correia. Também decorriam

atividades culturais diversas, tais como: exposições de filmes, representações de peças de teatro, declamações e atuações de cantores, entre os quais ela própria, pois, para além de dançar nos serões, também declamava e cantava, porque tinha uma excelente voz de contralto (Cunha, 2003; Campos, 2006).

Natália, em situações de convívio, era muito alegre, o que tornava os ambientes aprazíveis. Há relatos de Dacosta (2001) de que até realizava sessões de espiritismo, pois sempre foi muitíssimo voltada para crenças em torno das forças oriundas do oculto, chegando, por vezes, até a pensar que era bruxa, justificando com episódios vivenciados conjuntamente.

No ambiente encontrado, o primo açoriano interessou-se sobre os assuntos falados, percebendo que o regime político de Salazar era o foco da discussão. As figuras presentes seriam as mesmas que passaram a frequentar o Botequim depois da sua abertura (Cunha, 2003).

Simultaneamente, José António Correia deparou-se com dois factos que o cativaram: o acolhimento de Natália e a luz da beleza ímpar que a destacava entre os demais. Em entrevista à *Revista Expresso*, leu as notas que ainda constam na sua agenda de 1971: “linda, e foi muito simpática comigo” (Correia *apud* Pedrosa, 1997: 40).

Depois ter sido tão bem recebido em casa de Natália, foi convidado para ficar lá hospedado, pelo que, para além de ter convivido, diariamente, com ela e com o marido, também passou a estar presente em eventos comuns. Com a relação de proximidade criada, apaixonou-se pela prima, apesar de esta ser casada com outro homem. Na entrevista dada a Pedrosa (1997), para além de ter elogiado Alfredo Luís Machado Lage, como sendo o homem que verdadeiramente compreendeu Natália, questionou a sua capacidade de compreensão relativamente à poetisa.

Durante o tempo em que viveram na mesma casa, para além de criarem, secretamente, uma espécie de ritual de marido e mulher, que chega a ser referido numa das cartas de amor publicadas, pela primeira vez, no artigo da *Revista Expresso* já referenciado neste capítulo, tiveram de superar os ciúmes que advinham do interesse manifestado ou por outros homens em relação a Natália Correia ou por outras mulheres relativamente a José António (Pedrosa, 1997).

José António refere-se ao olhar fuzileiro da amante quando esta se deparava com a situação de ele estar a olhar para outra mulher, embora fosse ela quem tinha “[...] um grupo de homens lindíssimos todos à espera de ter uma oportunidade” (Seixas, citado por Cunha, 2003: 41). Desta maneira, é-nos revelada a faceta de mulher ciumenta, e quiçá possessiva de Natália, relativamente ao primo, que nos remete para uma das características de *Cynthia* de Propércio.

Entre esse grupo de homens, poderiam estar incluídos aqueles que mais frequentavam a casa de Natália: John de Passos, Henry Miller, Claude Roy, Michaux ou Kevtouchenko (Cunha, 2003), não havendo, no entanto, na revisão bibliográfica realizada, nenhuma referência em relação a algum interesse de índole amorosa e/ou sexual manifestado por eles.

Segundo José António (citado por Pedrosa, 1997), as piores crises de ciúmes eram de Dórdio Guimarães, por ela apaixonado desde a década de 60, e de Alfredo Madureira, que, apesar de ser um sobrinho do marido, até o desafiou para um duelo, descartando ele rapidamente a hipótese, por se tratar de uma situação totalmente descabida.

No cumprimento de serviço militar, o primo de Natália foi mandado para a Guiné. Ficou, assim, fisicamente separado dela, durante dois anos, embora os contactos entre ambos tenham sido bastante frequentes: ele telefonava-lhe uma média de duas vezes por semana, para além de lhe escrever cartas, endereçando-as para as casas das amigas íntimas de Natália, entre as quais se destaca Branca Miranda Rodrigues, para que, assim, fossem evitados falatórios (Costa, 2005).

No arquivo de Natália Correia, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, consta apenas um telegrama enviado, para José Correia, para a Guiné-Bissau, no dia 11 de março de 1973, no qual se pode ler: “Tristíssima não poder estar nos teus anos e Branca regresso domingo beijos” (Correia, 1973, texto inédito, cota 191). No conteúdo da mensagem, pode constatar-se a referência à amiga intermediária, isto é, que ajudava na troca da correspondência entre ambos.

A pedido de Natália, as cartas enviadas por José António foram todas queimadas por essa amiga, precisamente quando ele regressou da guerra colonial. Este facto configura malgradadamente uma enorme perda, embora se saiba que esse é o fim comum de muitas

correspondências amorosas, no sentido de ser destruído o vínculo amoroso que as mesmas suportam (Parreira da Silva, 1998). Nessa altura, a relação perdeu o encanto, apesar de Natália ter revelado mais cedo, nas cartas que lhe escrevia, vontade de terminarem (Pedrosa, 1997; Campos, 2006). De acordo com o primo, o relacionamento que mantinham representava um problema para ela quando regressasse, daí entender o seu posicionamento (Pedrosa, 1997).

Posto isto, depois de chegar da Guerra Colonial, José António seguiu a sua vida, embora tenham mantido fortes laços de amizade. Natália sabia que podia contar com a sua ajuda em qualquer situação, tendo-o até procurado para aconselhamento quando decidiu casar-se com Dórdio Guimarães. No entanto, devido a um episódio menos feliz, passado no Botequim, quando Natália Correia faleceu, já não se falavam há algum tempo (Pedrosa, 1997; Campos, 2006), assemelhando-se a situação quiçá a um arrufo de namorados, tal como acontecia quando estavam apaixonados.

As 218 cartas escritas, apaixonadamente, por Natália Correia ainda são guardadas por José António, numa caixa de madeira, que se destina exclusivamente ao arquivo das recordações desta amada do passado (Pedrosa, 1997). Entre essas cartas de amor, apenas se conhece o conteúdo de três, duas delas publicadas, pela primeira vez, na *Revista Expresso*, graças à coragem de Inês Pedrosa, que deu os primeiros passos nesse sentido (Dacosta, 2003), nomeadamente após a devida autorização do destinatário, que lhe deu inclusive a escolher, para publicação, uma das duas cartas divulgadas no seu famoso artigo.

A carta escolhida remonta ao dia 13 de julho de 1971, ao passo que a outra partilhada por José António se trata da última que lhe foi enviada para a Guiné antes do seu regresso. No entanto, nenhuma destas duas cartas corresponde àquela que já foi publicada, entretanto, em duas das obras biográficas de nomes marcantes dos estudos natalianos: *Natália Correia. Escritora do Amor e da Liberdade* (Vaz, 2003) e *A Senhora da Rosa. Biografia Natália Correia: poeta portuguesa* (Campos, 2006).

A carta de amor de Natália Correia mais vezes publicada é a que inclui o célebre poema, datado de 13 de fevereiro de 1971, que é dedicado a José António:

“Tu és o meu regato o meu vulcão, / eu sou a tua pomba, a tua cobra / e os nossos gestos são a proporção / de um sentimento de fogo e solidão / em que nada nos falta e nada sobra. / A nossa estrela é estarmos condenados / pela perfeição que os ossos nos reclama / a morrer um no outro extasiados, / anjos gravados na pedra de uma cama.”

(em Vaz, 2003: 18-19)

Da leitura do conteúdo das três cartas já publicadas, comprova-se que a relação amorosa de ambos encerrava em si uma dimensão sexual, chegando Natália a assinar conforme consta na transcrição da última carta enviada a José António, para a Guiné: “Tua prima e amante Natália.” (em Pedrosa, 1997: 44). Todavia, apesar da revelação de que eram amantes, sente-se o peso do grau de parentesco mencionado na assinatura. Segundo Campos (2006), pode dever-se ao parecer de primo-irmão que Natália tinha em relação a José António, tratando-se de uma ideia que já a perseguia há algum tempo.

Constata-se também que, em relação aos outros dois poemas escritos por Natália, para os últimos dois maridos – Alfredo Luís Machado Lage e Dórdio Leal Guimarães –, também há a inclusão de referências a graus de parentesco, nomeadamente o de mãe, para o terceiro marido, e o de irmão, para o quarto marido, pelo que se pode deduzir que, as menções constantes nas dedicatórias, podem ser sempre indicativas da dimensão mais valorizada por ela em cada um dos relacionamentos.

O que é certo é que, para além da escrita poética, Natália também se dedicou à escrita de outros tipos de textos, entre eles o epistolar, embora sem intencionalidade de criação literária. Como tal, as cartas por ela escritas encerram em si um elevado valor documental, pois, a partir do seu estudo, torna-se possível o alargamento do conhecimento relativamente ao indivíduo que, na verdade, existe por detrás da autora literária (Ceia, 2009).

De acordo com Dacosta (2001, 2003), a correspondência endereçada a José António coloca Natália como uma grande autora amorosa da literatura portuguesa. Perante tal consideração, as cartas em causa deveriam ser publicadas, para que a sua obra fosse continuamente considerada no plano pragmático.

Lamentavelmente, a não publicação dessas cartas não permite que, por um lado, se comprove a qualidade estética literária imprimida nessa correspondência apaixonada e que, por outro lado, se reconheça Natália Correia não só como poeta, dramaturga, ..., mas também como uma epistológrafa portuguesa do século XX.

Num futuro marcado pela ausência de preconceitos (Dacosta, 2003), fica a esperança de que as tais 218 cartas sejam, porventura, consideradas, para inclusão na correspondência do espólio de Natália Correia, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, visto que, geralmente, as cartas escritas por um determinado autor são incluídas na sua obra completa, mesmo que não tenha havido intenção artística na génese da sua redação (Vasconcellos, 2008).

No entanto, apesar de se ter consciência da importância da correspondência como uma fonte documental (Andrade, 1994, citado por Vasconcellos, 2008), que permite a consecução do direito da sociedade à informação, é de realçar que não é menos relevante ter-se presente o Código de Ética existente, que salvaguarda não só os direitos autorais dos signatários – os correspondentes –, mas também dos destinatários e de terceiros que sejam mencionados em cartas, porque qualquer cidadão tem direito à privacidade (Vasconcellos, 2008).

Tendo José António Correia seguido a sua própria vida, construindo uma família como projeto de felicidade, é, pois, necessário ter-se em conta em que medida a revelação do conteúdo das cartas recebidas, no passado, poderia ou não comprometer aquele que é o direito à sua vida privada. Este direito implica que haja sempre a devida autorização prévia daquilo que é publicado, pelo simples facto de que a correspondência é, incontornavelmente, um espaço de intimidade e/ou confidencialidade de todos os envolvidos (Vasconcellos, 2008). Como tal, a opção de não divulgação até ao momento tem de ser devidamente compreendida e respeitada, pois as cartas de amor escritas por Natália Correia constituem testemunhos da vida privada e íntima construída com José António Correia.

CAPÍTULO II
DO GÉNERO EPISTOLAR AO SUBGÉNERO AMOROSO:
TESTEMUNHOS DE VIDA PRIVADA E ÍNTIMA

2. Do género epistolar ao subgénero amoroso: testemunhos de vida privada e íntima

2.1. O epistolar: conceito e traços distintivos

Apesar de o género epistolar se tratar de uma das práticas discursivas mais generalizadas (Rougeot, 1978; Altman, 1982; Duchêne, 1990; Kaufman, 1990; Bray, 1992; Haroche-Bouzinac, 1995, citados por Seara, 2006_a, 2008_a), é sentida uma necessidade de se afirmar, continuamente, na literatura, enquanto género discursivo.

A meados do século XX, Lanson (1965), um dos teóricos do género em apreço, já despertava para o facto de ser conferido ao epistolar um estatuto de marginalidade. Nas últimas décadas, a situação em causa parece persistir, atendendo que, comparativamente aos restantes géneros da literatura, continua a ser encarado como um género menor, por parte dos teorizadores contemporâneos, conforme constatado pelos autores Haroche-Bouzinac (1995) e Seara (2006_a, 2008_a).

A questão do reconhecimento do epistolar como um género discursivo é abordada por Seara (2006_a), nomeadamente na tese de doutoramento da sua autoria, cujo título é *Da epístola à mensagem eletrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. Com base numa exaustiva revisão da literatura, a autora contribui, teoricamente, para o esclarecimento do epistolar como um género discursivo, percebendo-se que toma como referência duas condições basilares:

- (1) se é adotada a aceção de género enquanto “[...] categoria distintiva de discurso de algum tipo, falado ou escrito, com ou sem propósitos literários” (Swales, 1990 *apud* Seara, 2006_a: 27), o epistolar consagra-se como tal, dado que se trata de um discurso escrito cuja variação prototípica assegura o propósito comunicativo que lhe subjaz. Como meio de comunicação, possui: (a) um conteúdo variável, que nos remete para uma consideração de vários subgéneros e (b) uma forma singular, que é delimitada por convenções que regem a sua estruturação. Para além destes aspetos fulcrais, tem uma nomeação própria, que agiliza a sua imediata identificação entre os demais géneros. Todos estes aspetos revertem, assim, para o reconhecimento do estatuto do epistolar como género discursivo;

(2) se todo e qualquer texto epistolar é escrito, reunindo os sete fatores de textualidade indicados pelos teorizadores Baeugrand e Dressler (1981, citados por Seara, 2006_a), isto é, se apresentam: coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, situacionalidade e intertextualidade, estão reunidos os pré-requisitos necessários à sua validação enquanto unidade textual do género em estudo.

Após esta breve referência à problemática da assunção do epistolar como género discursivo, urge abraçar-se uma definição que conduza, de imediato, à identificação da sua singularidade; no entanto, após uma revisão bibliográfica, que se pretende sustentada, percebe-se que o cenário identificado é o de incompletude quando se toma como referência uma única definição.

Os contributos dados pelos teóricos do epistolar filiam-se em estudos de naturezas distintas: histórica-literária; sociológica e antropológica; complementaridade pragmática-linguística, conforme comprova a recensão crítica realizada por Seara (2006_a), na *Parte I* da tese anteriormente mencionada.

Entre os estudiosos do epistolar, destacam-se alguns dos autores de referência cujos contributos revertem para a definição do conceito: Viana (1940), Benveniste (1966), Duchêne (1973), Rougeot (1978), Altman (1982), Rocha (1985), Landwoski (1988), Violi (1988), Melançon (1990), Roulet (1995), Haroche-Bouzinac (1995), Kerbrat-Orecchioni (1998), Maingueneau (1998), Parreira da Silva (2003) e Seara (2006_a).

Perante um cenário de imprecisão na definição do conceito epistolar, é determinante a adoção de uma lógica de complementaridade relativamente à sua abordagem, conforme propõe Seara (2006_a). É, pois, necessário compreender-se que esta situação se deve, diretamente, ao facto de que os diferentes teorizadores incluem, nas aceções que apresentam, os aspetos que melhor refletem os estudos que realizam. Daí que seja difícil a localização de uma definição rigorosamente completa.

Face à realidade exposta, neste estudo, para tratamento do conceito epistolar, considera-se a definição de Rocha, pelo facto de que a mesma lança pistas acerca daquela que é a condição basilar do epistolar:

“A carta é um meio de comunicar por escrito com o semelhante. Compartilhado por todos os homens, quer sejam ou não escritores, corresponde a uma necessidade profunda do ser humano. *Communicare* não implica apenas uma intenção noticiosa: significa ainda “pôr em comum”, “comungar-se”. Escreve-se, pois, ou para *não estar só*, ou para *não deixar só*.”

(Rocha, 1985: 13)

Na definição de Rocha, descortina-se o apontar da condição primeira que motiva o uso do epistolar como meio de comunicação: a existência de uma ausência. Esta condição reporta-nos para a constatação de uma distância (1) espacial e (2) temporal caracterizadora da situação dos correspondentes:

- (1) espacialmente, encontram-se em localizações geográficas diferentes (Parreira da Silva, 2003);
- (2) temporalmente, deparam-se com hiatos intervalares, que decorrem de uma situação de separação. Deste modo, durante a troca epistolar, as diferentes ações inerentes ao processo de correspondência (a emissão, o envio, a recepção, a leitura e a releitura da carta) decorrem, de forma espaçada, no tempo (Duchêne, 1995).

Face à especificidade da situação dos correspondentes, o objeto carta constitui-se como o dispositivo externo que possibilita a tão desejada interação epistolar (Landowski, 1988), cumprindo-se, assim, o objetivo de comunicação, embora com características de diferimento, atendendo aos procedimentos inerentes ao processo (Violi, 1988; Roulet, 1995).

A carta, que começa por ser uma atividade de carácter individual e privado, torna-se, efetivamente, numa atividade partilhada, visto que os conteúdos nela impressos, por parte do remetente – quem escreve –, são sempre mobilizados por uma intencionalidade: fazer chegar uma mensagem a um destinatário que é efetivamente real – quem recebe (Seara, 2006_a, 2008_a).

Os temas – *topoi* – abordados na carta podem ser de ordem variável: “[...] dizer da nossa existência, da nossa saúde, das nossas notícias e sobretudo da suposta ou pretensa exigência de reciprocidade” (Seara, 2008_a: 124), mas a sua comunhão é norteadada ou pela

necessidade de não se estar sozinho ou pela vontade de não se deixar o outro sozinho (Rocha, 1985).

Constatando-se que o objeto carta materializa uma presença em ausência (Landwoski, 1988), para além das partilhas que são incluídas no seu conteúdo, dá-se a expressão de um desejo de resposta cuja regularidade acusa o cumprimento ou não de um pacto estabelecido entre os correspondentes. O pacto epistolar refere-se, assim, à expectativa que é gerada em relação à resposta que decorre da última carta escrita e enviada, descortinando-se, deste modo, uma reciprocidade que é inerente ao processo (Altman, 1982; Cornille, 1983).

Pelas características de abertura da carta, dá-se, então, uma alternância de papéis, durante a correspondência, que se traduz numa transitividade intrínseca ao processo: o destinatário, que ora lê e relê a carta, passa a constituir-se como o remetente, escrevendo e enviando também ele uma carta (Altman, 1982; Seara, 2006_b, 2012).

Pode ser dado cumprimento ou não ao pacto epistolar, tendo-se presente que, quando é dada uma resposta, se está perante um gesto de delicadeza positivo, quer pela partilha gerada quer pelo consolo que é suscitado no destinatário (Seara, 2006_b); por sua vez, as situações de silêncio indicam antes a ausência de resposta, podendo traduzir-se numa situação de negatividade, que pode levar até à rutura do pacto estabelecido (Seara, 2008_a).

Relativamente às situações de atraso na resposta, constituem-se como uma das temáticas mais abordadas – *topois* mais regulares –, em destaque nas cartas pessoais, conforme é abordado no final deste texto. Socialmente, há a necessidade de se justificar as regras infringidas ou quebradas no pacto estabelecido, pelo que é recorrente a menção a atrasos na posta da carta ou dos próprios serviços de correio, aparecendo também referências, por exemplo, ao estado de saúde, entre outros motivos (Seara, 2006_a, 2008_a).

As duas entidades participantes no pacto epistolar – remetente e destinatário – são identificadas, na carta, a partir de elementos (1) peritextuais e (2) textuais:

- (1) no que toca aos peritextuais, constata-se a identificação do remetente, a partir da assinatura, que é apresentada, no final da carta. A assinatura confirma não só a autoria do texto epistolar, mas, e sobretudo, a responsabilização jurídica, moral

e/ou literária de quem escreve, pelo que, segundo as convenções sociais, não é aceitável a ausência da assinatura numa carta: a assinatura significa que se assume o que se escreve (Rocha, 1985). Remontando ao século XVIII, Siess (1998_b) dá conta que, na altura, a assinatura era omissa, atendendo que o seu registo era percebido apenas como uma forma de delicadeza;

(2) por sua vez, no que toca aos textuais, nestes incluem-se todos os aspetos que possibilitam o reconhecimento, quer do remetente, enquanto emissor da mensagem, quer do destinatário, enquanto recetor da mesma:

a. quanto ao remetente, a informação que lhe possa dizer respeito é expressa, neste tipo de texto, de forma explícita ou implícita. A particularidade a ser destacada prende-se com o facto de que a carta é marcada, sobretudo, por uma escrita cuja expressão de carácter espontâneo lhe garante uma manifestação autêntica do “eu” de quem escreve (Ferreyrolles, 2010). É neste âmbito que se consagra o entendimento de que a escrita de uma carta acaba por refletir traços da maneira de ser do emissor (Melançon, 1990; Diaz, 2002). Por sua vez, o autor Siess alarga este parecer, pois entende que, no texto epistolar, para além de se identificar um “eu”, que fala de si mesmo, reconhecem-se traços do “tu” para quem o “eu” se dirige – o destinatário: “*Le je epistolair parle de lui-même et de son allocutaire soit directement, soit indirectement*” (Siess, 1998_b: 112). Como se traduz num enunciado que espelha pensamentos e sentimentos do remetente, produz, de uma forma natural, um efeito positivo no destinatário, que culmina no desenvolvimento de uma maior proximidade entre ambos (Beugnot, 1990, citado por Ferreyrolles, 2010). Trata-se, pois, de um processo de mútua influência, atendendo à troca de papéis que decorre da dinâmica inerente ao pacto epistolar;

b. no que diz respeito ao destinatário, surge mencionado, na maioria das vezes, na estrutura prototípica das rotinas verbais de abertura da carta, por meio de uma expressão apelativa conjuntiva, embora esta seja

usualmente conhecida por saudação (Seara, 2006_a, 2008_a). Dado que o ato de escrita se faz dirigido a um leitor, singular ou coletivo, previamente definido (Rocha, 1985), percebe-se por que razão a informação relativa ao destinatário é incluída no texto epistolar. Ou seja, quem redige – o emissor –, fá-lo em função da imagem que tem de quem recebe – o recetor (Landowski, 1988; Amossy, 1998) –, pelo que se dirige ao destinatário, com bastante frequência, fazendo-se sentir, nesta interação, o emprego dos verbos *dicendi*, cujo emprego é característico no texto do tipo dialogal. Desta forma, sobressai a dimensão dialógica da comunicação inerente à carta (Seara, 2006_b);

- c. na interação discursiva estabelecida entre o remetente e o destinatário, reconhece-se o emprego de pronomes pessoais enquanto um traço sintático bastante recorrente, porque se está numa situação dialógica que pressupõe uma relação dinâmica entre os correspondentes (Siess, 1998_b; Seara, 2006_a). Trata-se, pois, de um mecanismo da *deixis* pessoal, que se integra no dispositivo deítico. Este corresponde às marcas linguísticas – palavras e expressões da língua –, que possibilitam uma contextualização da situação enunciativa dos correspondentes, pelo que a sua mobilização promove a eficácia comunicativa da interação (Cf. *Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa*).

Como os elementos (1) peritextuais e (2) textuais da carta não se restringem a indicações relativas ao remetente e ao destinatário, passam a ser abordados os elementos espaço-temporais que, em conjunto com aquelas informações, também revertem para a modelização da organização textual da carta:

- (1) a indicação da data e do local, quando apresentada sob a forma anteposta, também integra a estrutura prototípica das rotinas verbais de abertura da carta, não sendo, atualmente, muito frequente o uso da forma posposta em cartas pessoais. Excepcionalmente, no século XVIII, na correspondência amorosa, era recorrente a omissão dos dados respeitantes à indicação do local de emissão da carta (Siess, 1998_b). No entanto, apesar de essa prática ter constituído uma

realidade do subgênero mencionado, o ato de localização da situação enunciativa permite que o recetor da carta aceda a dados respeitantes às coordenadas temporais e espaciais do ato de escrita do emissor, favorecendo-se, assim, o seu posicionamento relativamente ao conteúdo rececionado. Isto é, como a carta se trata de um objeto cujas mensagens impressas podem ser lidas e relidas em múltiplas referências espácio-temporais, aquilo que é plasmado, numa determinada altura, por parte do emissor, não implica que se estenda, em termos de significado, de uma forma ininterrupta, daí a pertinência da consagração temporal e espacial do ato de escrita. A este propósito, o autor Altman (1982) reflete sobre a ausência do tempo presente no epistolar, em destaque no que se reporta aos sentimentos e emoções, dado que o momento de leitura de uma carta se faz desfasado, temporalmente, do momento da sua escrita. Neste âmbito, percebe-se, então, a sustentação de as referências espácio-temporais da situação enunciativa do texto epistolar corresponderem, obrigatoriamente, ao lugar e ao tempo expressos na emissão da carta (Goffman, 1974). Funcionam como elementos estruturantes da interação, porque contribuem para uma ancoragem deítica da enunciação a nível espácio-temporal. Tratando-se a troca epistolar de uma situação de comunicação diferida e de afastamento espácio-temporal, a carta carece do recurso a elementos linguísticos da *deixis* temporal e espacial, para que se torne explícita a situação dos correspondentes (Seara, 2006_a);

- (2) as referências espaciais e cénicas surgem também integradas, textualmente, fazendo até parte dos *topoi* abordados. São de uma importância extrema porque possibilitam que o leitor imagine a cena onde se inscreveu o ato de escrita (Seara, 2006_a, 2008_a). Para além disso, a estratégia de detalhe incluída, por vezes, nos conteúdos narrados, permite desencadear o mesmo processo, suscitando um maior envolvimento por parte do leitor.

Perante os aspetos abordados até ao momento, percebe-se em que medida a situação de distância espácio-temporal reverte para a própria modelização da organização

do texto epistolar, obrigando à inclusão de elementos cujas referências são essenciais para o recetor – o leitor – contextualizar o ato de escrita do emissor.

Para além dos elementos já tratados, que se fazem incluir na própria estruturação da carta, a partir deste momento, passam a ser consideradas outras marcas idiossincráticas da interação epistolar. Nestas marcas, reconhecem-se traços que reforçam a natureza dialógica inerente ao texto epistolar, daí a congruência de se ter presente que, na base da macroestrutura do texto epistolar de Adam (1998), é considerada a tipologia dialogal.

Perante o exposto, é deveras pertinente continuar a ser realizada uma abordagem que visa pôr em evidência em que medida o texto epistolar se traduz numa conversação em ausência, reconhecendo-se, assim, traços que o aproximam do texto dialogal, apesar da situação de diferimento inerente à interação discursiva.

Neste âmbito, passam a ser ponderados, em primeiro lugar, os dois aspetos seguintes: (1) as rotinas verbais de abertura, pré-fecho e fecho, que correspondem a formas ritualizadas da carta, que se aproximam das lógicas de abertura e de fechamento características de uma interação discursiva dialogal; (2) as formas de tratamento e de delicadeza, que são mobilizadas ao longo da carta, por espelharem especificidades da interação discursiva dialogal, visto que a cortesia verbal se deve fazer presente ao longo de toda e qualquer conversação, segundo as convenções sociais institucionalizadas. Por fim, é dado lugar à abordagem (3) dos *topoi* mais recorrentes no género epistolar, por se tratar também de uma marca idiossincrática.

Passa-se, assim, a considerar cada um dos aspetos, tomando-se, sobretudo como referência, os contributos dados, neste campo, por Seara (2006_a, 2008_a):

(1) rotinas verbais de

1. abertura – começam por corresponder à apresentação do (1) ato de localização espaço-temporal já abordado, anteriormente, enquanto elemento peritextual. Sucede-lhe uma (2) espécie de saudação, que traduz, normalmente, o vínculo existente entre os correspondentes; como tal, pode indicar: (1) intimidade, amizade, confirmação da relação afetiva já existente; (2) deferência, respeito, cortesia; (3) ironia, malícia, sarcasmo; (4) invocação, com valores de ênfase ou criatividade (Seara,

2006_a, 2008_a). A utilização desta marca, no texto epistolar, reflete a lógica de abertura de uma conversa que subjaz a um texto dialogal. Pode até incluir um cumprimento, com a especificação do nome da pessoa para quem a carta é dirigida (por exemplo: Como estás, meu amigo?), embora não seja uma prática recorrente no texto epistolar. Para além da consideração do (1) ato de localização da interação discursiva e da dita (2) expressão apelativa conjuntiva, Seara apresenta, na estrutura prototípica das rotinas verbais de abertura, a sequência seguinte: (3) comentário sobre o quadro espaço-temporal; atos de: (4) acusação de receção da carta; (5) pedido de desculpas e (6) justificação (pelo atraso da resposta); (7.a) agradecimento ou (7.b) reprovação (pela demora ou ausência de resposta). Percebe-se, pois, que o discurso das rotinas verbais de abertura é marcado pela presença de atos de fala cuja natureza se relaciona intimamente com a situação de troca epistolar. O vaivém de cartas traduz o pacto epistolar estabelecido e, como tal, obriga ao recurso de mecanismos – atos de fala – que servem para atenuar a situação de separação espaço-temporal dos correspondentes: os pedidos de desculpas, as justificações e os agradecimentos. Para além disso, os atos de fala referenciados contribuem para a diafonia inerente à troca epistolar, porque possibilitam, por um lado, que seja retomado o discurso do outro, a partir do ato de acusação, e, por outro lado, que se subordine o discurso da carta em função das temáticas abordadas anteriormente, promovendo-se a coesão textual num diálogo que se faz distanciado no tempo (Roulet, Berne e Lang, 1985, citados por Seara, 2006_a). Esta retoma temática é apoiada no dispositivo deítico, nomeadamente a partir de vocabulário e/ou expressões respeitantes à *deixis* textual, que, quando incluídos, permitem que se perceba, claramente, que o emissor se refere aos conteúdos abordados noutra ou na última interação discursiva epistolar (Cf. *Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa*);

2. pré-fecho – anunciam a aproximação do fecho da carta, por meio de um (1) enunciado performativo, que pode incluir ou não um modalizador deôntico; em seguida, podem integrar um (2) ato de justificação relativo ao término da carta, no qual é referida a necessidade súbita de a carta ser terminada. Por vezes, é criada uma situação de algum *suspense*, por forma a ser amenizada a separação causada pela descontinuidade da conversação. As justificações dadas para o encerramento do ato de escrita podem, pois, remontar a situações diversas; posteriormente, prevê-se a inclusão de um (3) ato de promessa, que nos reporta para o pacto epistolar estabelecido entre os correspondentes (Seara, 2006_a, 2008_a), por forma a garantir-se a transitividade inerente à troca epistolar. Tendo em conta o observado, esta rotina verbal de pré-fecho também reúne traços suscetíveis de serem comparados aos procedimentos tidos num texto dialogal, visto que, antes de os interlocutores se despedirem, costumam declarar, implícita ou explicitamente, que a interação se aproxima do fim, por uma questão de delicadeza;
3. fecho – compreendem formas estereotipadas que anunciam uma despedida; como tal, espelham uma prática social bastante enraizada no final de toda e qualquer conversação, pois não é aceitável que a interação discursiva decorrente de um diálogo iniciado não seja fechada. A partir da redação da rotina de fecho, percebe-se o tipo de relacionamento existente entre os correspondentes, tratando-se, assim, de um (1) ato confirmativo (Siess, 1998_b). Segundo Seara (2006_a, 2008_a), para além deste ato, dá-se a inclusão dos aspetos seguintes: (2) saudação disjuntiva de despedida, que remonta para questões impossíveis de serem realizadas, atendendo à distância (por exemplo: beijos, abraços...); (3) euforizantes, traduzidos em: expressões de agradecimento; votos prospetivos; transmissão de cumprimentos; (4) reiteração (manifestação de desejo, por exemplo, da troca epistolar ser continuada); (5) solicitação (formulada a partir de um(a): pedido; enunciado imperativo; questão;

formulação de esperança); (6) invocação divina (como bênção); (7) subscrição. Por fim, na rotina de fecho, pode ainda estar incluído um *Post Scriptum* (P. S.), que prevê informação não abrangida na carta até ao fechamento;

- (2) formas de tratamento e de delicadeza – reportam-se a manifestações linguístico-discursivas, que também se fazem valer do dispositivo deíctico, mas a nível da *deixis* social, para refletirem cortesia (ou delicadeza) verbal. Estas formas para serem entendidas como tal, têm de se enquadrar nas normas, regras e princípios convencionais respetivos a uma determinada comunidade, dado que, apesar de a cortesia se tratar de um fenómeno socialmente universal, as manifestações linguísticas não são forçosamente universais. Dependem, pois, de especificidades contextuais de ordem sociocultural (Zerva, 2013). Perante o exposto, percebe-se que a gestão dessas manifestações concorre para a competência comunicativa do texto epistolar, constituindo as rotinas verbais anteriormente explicitadas práticas cuja ritualização espelha convenções quanto à abertura e ao fechamento de uma interação discursiva (Seara, 2004, 2011_a). Neste sentido, percebe-se que a inclusão da cortesia verbal, no texto epistolar, se trata de um ato de racionalidade, que decorre da inclusão, por parte do emissor, dos princípios por que devem ser regidos os seus próprios comportamentos verbais e também os do recetor (Rodrigues, 2003). Esta lógica surge sustentada num dos três eixos do sistema de cortesia organizado por Kerbart-Orecchioni (1996), que, por sua vez, assenta na incorporação das bases teóricas de Brown e Levinson e também de Leech. Considerando a referência anterior à marca idiossincrática de espontaneidade do discurso epistolar, convém, pois, esclarecer que a intencionalidade subjacente à incorporação de manifestações linguístico-discursivas de cortesia verbal não anula o traço distintivo supramencionado, que se faz sentir nas sequências transacionais da macroestrutura do texto epistolar, isto é, sobretudo no corpo da carta.

A partir da abordagem realizada até ao momento, percebe-se, claramente, que: (a) o epistolar é um género discursivo cujos traços distintivos lhe conferem uma identidade

própria, apesar de continuar sujeito a um quadro de abordagem secundária; (b) na base da definição do conceito está uma situação de ausência, que desencadeia uma necessidade de comunicação. Esta faz-se, assim, apoiada numa vertente discursiva e dialógica que, por sua vez, se sustenta de uma situação de disjunção espaço-temporal.

Apesar de o discurso utilizado ser marcado por circunstâncias ritualizadas, os mecanismos retóricos interacionais utilizados servem o propósito de uma aproximação entre os correspondentes, atenuando as vicissitudes decorrentes da situação contextual em que se encontram.

Face ao exposto, urge tratar, por fim, a marca idiossincrática do género em apreço, que contribui para o dialogismo intrínseco à natureza do género, isto é, (3) os *topoi* no epistolar. Estes elementos estereotipados, que se reportam às temáticas tratadas com maior frequência na interação discursiva, servem a própria caracterização do género, conforme se procura mostrar seguidamente:

(3) *topoi* no epistolar – ocorrem, fundamentalmente, no corpo da carta, embora também sejam identificáveis nos atos de fala incluídos nas rotinas de abertura, pré-fecho e fecho já abordadas nas alíneas (a), (b) e (c) do ponto (1). Segundo Seara (2008_a), são mais frequentes aqueles que se reportam: (a) às imagens de conversação *in absentia*, da carta como espelho da alma – *Speculum Animi* – e também como um gesto improvisado – *Currente Calamo*; (b) à materialidade da carta enquanto objeto; (c) à autorreferencialidade, pelas coordenadas espaço-temporais incluídas no texto; (d) à modalidade recapitulativa – *Ecos* –, pela alusão ou incorporação do discurso incluído nas cartas recebidas; (e) às estratégias justificativas relativamente ao atraso da resposta; (f) à reciprocidade esperada e consumada pelo pacto epistolar, pela referência ao desejo de resposta. Perante esta abordagem sintética, percebe-se que os *topoi* mais regulares no epistolar remetem, cumulativa e indiscutivelmente, para aqueles que são os traços distintivos do género, conforme foram explanados ao longo deste ponto do *Capítulo II*.

As marcas idiossincráticas do género discursivo em estudo conferem-lhe singularidade quanto ao conteúdo e à forma, conjugando-se numa lógica complementar,

que obriga ao reconhecimento de que existe uma aproximação entre o texto epistolar e o dialogal, pela dimensão dialógica que ambos encerram em si (Sarfati, 1997).

2.2. Teorias do epistolar em obras de referência: contributos para a pragmática

Como este estudo se inscreve no âmbito da pragmática, é pertinente que seja realizada uma breve revisão bibliográfica incidente sobre os contributos teóricos que têm sustentado o epistolar nesse domínio. Posto isto, esclarece-se que a abordagem que ora se inicia toma como ponto de partida a afirmação seguinte.

“As investigações sobre o epistolar, apesar dos progressos notáveis no plano da poética e da crítica literária, não conheceram ainda uma análise pragmática que propusesse uma teoria sólida e coerente para o estudo deste imenso manancial sociológico (e, particularmente, sociolinguístico) onde se inscreve.”

(Seara, 2008a: 122)

Face ao reconhecimento da inexistência de uma teoria que suporte, firmemente, a realização de estudos pragmáticos, conforme já evidenciara Siess (1998_a), aquando da chamada de atenção de que era necessário definir-se um quadro teórico sustentável em conceções e modelos para o género epistolar, justifica-se que sejam abordados os contributos mais marcantes das últimas décadas, no que toca às teorias da pragmática.

Entre esses contributos específicos, constituem-se como referências relevantes os autores seguintes: Altman (1982), Geniasca (1988), Landowski (1988), Violi (1988), Amossy (1998), Adam (1998), Kerbrat-Orecchioni (1998), Maingueneau (1998), Siess (1998_a, 1998_b), Voisin-Atlani (1998) e Diaz (2002).

No entanto, ressalva-se que, apesar de a tónica ser colocada, neste estudo, na análise pragmática da superfície discursiva, não é desvirtuada a consideração das coordenadas de influência, que incidem sobre a análise da situação dos correspondentes e sobre os mecanismos da dinâmica textual, conforme a recensão crítica realizada, por Seara (2006_a), em *Da epístola à mensagem eletrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*. A adoção do Modelo de Análise Interacional da Comunicação Epistolar (AICE) de Seara (2006_a), para

modelo de análise deste estudo, faz prova da valorização que se dá às coordenadas de influência que interferem na situação de interação dos correspondentes.

Nos pontos elencados abaixo, passa-se, então, à apresentação dos contributos dados pelos diferentes teorizadores do epistolar acima referenciados, tendo-se como referência três obras basilares de conhecimento especializado onde tiveram participação:

1. considerando-se, em primeiro lugar, os contributos de Altman (1982), é de salientar que, na obra *Epistolarity, approaches to a form*, surge a criação, por parte da autora, do conceito epistolaridade, a par de que especifica as características idiossincráticas do discurso epistolar. Nesta pormenorização, são realçados aspetos de ordem sintática, que importa serem referenciados, porque clarificam em que medida, no texto epistolar, a relação dual – remetente/destinatário – gera um(a): (a) predominância do emprego de pronomes pessoais, nas 1.^a e 2.^a pessoas; (b) uso polivalente de tempos verbais, pela circunstância de ausência. Esta polivalência é gerada, sobretudo, pelos tempos intervalares que ocorrem durante o processo de correspondência, porque, quando se fala de trocas epistolares, estão sempre presentes os tempos da escrita, do envio, da receção e ainda da leitura e releitura da carta, conforme já referido no ponto anterior. Para além destes dois aspetos, na mesma obra, dá-se também uma reflexão acerca de um aspeto estrutural do texto epistolar: os traços de fragmentação e descontinuidade inerentes à rotina verbal de fechamento. Todavia, apesar das características dessa sequência ritualizada, a teorizadora realça o carácter de continuidade inerente ao texto epistolar, dado que a comunicação, apesar de realizada em hiatos temporais e espaciais, se apresenta em aberto: uma carta quando encerrada dá azo à escrita de uma nova carta, pois o pacto epistolar estabelecido entre os correspondentes prevê a existência de resposta;

2. em segundo lugar, destacam-se os contributos dados pelos autores Geniasca, Landowski e Violi (1988), na obra *La lettre, approches sémiotiques*, visto que os mesmos são os pioneiros na introdução das conceções seguintes:
 - a. Geniasca – comunicação epistolar enquanto forma específica de interação discursiva;
 - b. Landowski – definição de carta enquanto dispositivo externo – objeto pragmático –, que, decorrente do uso que lhe é dado, representa não só a presença do correspondente, aquando da sua ausência, como também se faz, durante o ato de escrita, com base na imagem criada em relação a esse mesmo correspondente;
 - c. Violi – estratégias de enunciação através de referências explícitas respeitantes às categorias de pessoa, tempo e lugar; estratégias de dialética proximidade/distância mobilizadas no texto epistolar;

3. em terceiro e último lugar, é de ser realçado outro contributo pioneiro para a pragmática, que remonta ao final da década de noventa: a obra *La lettre, entre le réel et la fiction* (1998). Nesta obra, conta-se com a colaboração de diferentes estudiosos centrados na pragmática, passando-se a considerar, abaixo, contributos específicos dados pelos seis autores seguintes:
 - a. Kerbrat-Orecchioni – a autora contribui para uma: (1) caracterização geral da comunicação epistolar, comparando-a com a inerente à comunicação face a face, esclarecendo, mediante a sua ótica, que, no género epistolar, não ocorre uma efetiva interação, visto que, sob a perspetiva da análise conversacional, pressupõe-se a existência de intervenções diretas, por meio do oral, tratando-se de um traço ausente na comunicação epistolar. Perante tal, defende que não se dá a desenvoltura dos processos de: troca, interferência, mudança e adaptação inerentes a uma interação presencial, não constituindo por si só a imagem criada acerca do correspondente um elemento substituto dessa situação de influência, porque se está antes numa representação de situações dialógicas; (2) uma

- sistematização das estratégias de abertura e de fechamento das rotinas verbais, reforçando, assim, a relevância da sua ritualização, embora questione a organização sequencial da carta numa lógica de turnos de escrita, conforme os estudos para a análise conversacional de Sacks *et al.* (1974, citados por Seara, 2006a);
- b. Voisin-Atlani – a autora evidencia, sobretudo, um aspeto: o texto epistolar trata-se de uma produção aproximada da enunciação falada – diálogo –, devendo, como tal, os correspondentes expressar-se de forma semelhante, recorrendo ao uso explícito de marcas enunciativas específicas, que possibilitem uma clarificação da sua situação enunciativa, por forma a serem superadas as limitações decorrentes da ausência, que é a condição primeira do texto epistolar. Isto é, chama à atenção para a importância do dispositivo deíctico no âmbito da interação entre os correspondentes;
 - c. Adam – o autor distingue-se pelos pontos seguintes: (1) tentativa de uma primeira categorização dos textos epistolares, prevendo já uma distinção entre os subgéneros do epistolar; (2) definição de dois tipos de sequências estruturais do texto epistolar: as fáticas, que se subdividem nas de abertura e nas de fecho, e as transacionais, tendo como referência a estruturação do texto dialogal. Esta composição de dois tipos engloba cinco sequências específicas, que, na verdade, se aproximam da divisão de cinco partes proposta na Idade Média: *salutio*, *capatio benevolentiae*, *narrativo*, *petitio* e *conclusio*. Foi, pois, nessa época que a carta adquiriu o estatuto de ser ensinada explicitamente, mediante a definição de regras para a sua estruturação, dando-se azo até à publicação de obras que serviam o propósito de se dar instruções acerca do modo como se deve redigir convenientemente uma carta (Vasconcellos, 2008);
 - d. Maingueneau – o autor retoma as noções cena e cenografia já explanadas por ele em trabalhos anteriores e aplica-as na análise pragmática de cartas privadas destinadas a discursos públicos. Desta forma, desperta para a

- constatação de duas situações: (1) a possibilidade de coexistência de cenografias discursivas, que conduz à abordagem do conceito hipergénero epistolar; (2) o caráter privado inerente ao texto epistolar, que também pode ser observado sobre a perspectiva de uma intimidade, que é partilhada não só em relação a um destinatário singular, mas também no seio de uma determinada comunidade;
- e. Amossy – a autora recai, especificamente, sobre o subgénero amoroso, realçando que, neste tipo de texto epistolar, confluem dois tipos de discurso: (1) um que corresponde à singularidade das funções inerentes ao discurso epistolar amoroso; (2) outro que decorre da construção de uma imagem do locutor – emissor – em relação ao alocutário – recetor –, pelo que aplica a noção *ethos* explanada em trabalhos da sua autoria anteriores. Nota-se, assim, uma influência da teorização sobre o *ethos* no âmbito dos contributos que traz para as teorias do epistolar, pela relevância que dá ao processo de influência das perceções que o remetente tem em relação ao destinatário, durante o processo de correspondência;
- f. Siess – o autor incide a sua reflexão sobre as cartas de amor, destacando, na análise da interação epistolar deste subgénero, três aspetos: (1) a situação dos correspondentes; (2) o(s) objetivo(s) da interação; (3) o quadro normativo. No âmbito da abordagem dos mesmos, parte de categorias propostas pela análise conversacional e pela psicologia social e adapta-as à análise do epistolar, porque, no seu entender, a análise pragmática deve ser realizada numa lógica complementar de saberes, para que a compreensão do conteúdo de uma carta se faça apoiada não só nos mecanismos mobilizados na forma, mas em dados de natureza contextual. No que toca (1) à situação dos correspondentes, por um lado, retoma a valorização do quadro espaço-temporal e, por outro lado, desperta para a influência das categorias sociais na caracterização dos participantes na interação. Considera, assim, como variáveis de influência,

as categorias seguintes: a classe social, o nível cultural, o género, a idade e o tipo de ligação afetiva que cada um dos correspondentes está disposto a ocupar na relação; relativamente (2) aos objetivos da interação, o autor diz-se apoiar na aceção de Brown e Fraser e também de Kerbrat-Orecchioni, pelo que os define assim: “[...] ce que les participants tentent de faire, la visée globale qu`ils assignent à leur interaction.” (Siess, 1998_b: 114). Entende, pois, que são determinados pelas categorias anteriormente nomeadas, dando nota que, nas cartas de amor, o género e a idade correspondem às categorias que maior influência exercem sobre os objetivos da interação. Em função das épocas e das sociedades, essas duas categorias têm determinado grandemente as interações, na medida em que se percebe, por exemplo, que é mais aceitável, socialmente, que haja uma diferença de idade significativa quando é o homem o mais velho. Considerando-se a influência do estatuto social que advém da classe de pertença e, cumulativamente, o nível cultural, Siess desperta para o facto de que estas duas categorias favorecem e consolidam o relacionamento amoroso quando os correspondentes se situam num nível semelhante, porque, na base da sua conversação, partilham aspetos em comum (conhecimentos, preferências...); (3) quanto ao quadro normativo, define-o assim: “Ce cadre comprend des contraentes sociales (règles de “négociation” et de politesse, par exemple) aussi bien que des régularités linguistiques. On peut les considèrer comme des éléments généraus observales dans diverses formes d`interaction verbale.” (Siess, 1998_b: 114). No âmbito das cartas de amor, este quadro é gerido em confluência com as categorias estatuto social (e cultural), género e idade do emissor e do recetor, porque, em função das mesmas, dá-se uma gestão diferenciada das regras de cortesia verbal convencionadas. Por exemplo, ao homem é admitido que: se declare, em primeira instância, à mulher; empregue estratégias de galanteio sobre a mesma; se insinue, sexualmente, num discurso apaixonado; por sua vez, à mulher é admitida

apenas a assunção de uma atitude contida. Este exemplo reporta-se a convenções socioculturais relativas ao relacionamento homem-mulher que, entretanto, se foram generalizando, nos últimos séculos, nomeadamente na sociedade ocidental; todavia, não servem, atualmente, à caracterização dos *modus operandi* da arte da conquista amorosa, devido a fatores de ordem diversa, que não têm lugar a tratamento neste estudo. Esta breve abordagem serve antes o propósito de se evidenciar que, a partir das práticas da escrita epistolar amorosa, se torna possível retratar normas de comportamento amoroso de outras épocas, o que nos leva a reconhecer este subgénero como um baú de revelação de maneiras de se estar, amorosamente, em função dos tempos. Para além dos aspetos até agora tratados, é ainda pertinente referir que o autor: (a) põe em evidência o facto de que a manipulação de determinadas regras retóricas serve os objetivos de interação dos correspondentes; (b) reforça a pertinência de a análise pragmática passar pela consideração da macroestrutura da carta proposta por Adam, na qual se incluem as rotinas de abertura e de fechamento, que servem o propósito das regras de cortesia verbal; (c) destaca a função expressiva da linguagem da carta enquanto meio onde se dá lugar à expressão de sentimentos e emoções, em detrimento da presença de uma linguagem reduzida meramente às formas canónicas de abertura e fechamento.

Perante a revisão realizada, percebe-se que, no âmbito das teorias epistolares para a pragmática, existem contributos que obrigam a uma leitura analítica complementar, para que, quando aplicados, confluam numa abordagem textual mais completa, para além da necessidade de se ter sempre presente a ideia defendida por Diaz (2002): o texto epistolar é um testemunho vivo de uma realidade histórica, sociológica, política ou literária.

Neste sentido, no âmbito da análise do discurso epistolar, é fulcral o abandono de uma lógica analítica que não se faça valer de diferentes pontos de vista teóricos, visto que estes nos remetem para diversas áreas do saber (História, Sociologia, Política, Psicologia,

Literatura, Linguística...). Estas, pelas especificidades que encerram, complementam-se, atendendo que a carta é por excelência um texto de comunicação (Seara, 2006_a).

2.3. O epistolário amoroso: traços singulares de privacidade intimista

Atualmente, na nova geração, é reconhecido um declínio no uso da carta enquanto dispositivo externo de comunicação utilizado entre os apaixonados afastados fisicamente (Clermont-Ferrand, 1983).

A realidade em causa decorre da emergência dos novos géneros, por influência do uso de meios informáticos diversos: computador, *tablet*, telemóvel... Estes, pelas potencialidades comunicativas que reúnem, possibilitam a realização de interações síncronas, que se fazem apoiadas no recurso à aplicação *Internet*. Deste modo, as ferramentas tecnológicas definem-se como um atenuador da distância espaço-temporal inerente ao uso da carta, devido à rapidez com que permitem o desenvolvimento do processo de comunicação (Marcushi, s/d).

Para os jovens atuais, que já nasceram e cresceram numa cultura eletrónica, o uso da carta no formato convencional não se apresenta entre as suas preferências. As mensagens instantâneas são as eleitas, a partir do uso de ferramentas comunicativas, tais como: o *Messenger*, o *Skype*, o *WhatsApp*, entre outras.

No entanto, apesar de a realidade atual corresponder à supramencionada, Ferreyrolles (2010) refere que, no âmbito dos estudos linguísticos incidentes sobre o epistolar, continua a sobressair uma preferência pelo subgénero cartas de amor.

Por sua vez, Brenot refere que:

“Même après des siècles, les lettres d’amour conservent intacte cette magie de la transfiguration de la langue par les inventions littéraires qui permet la passion, et par mille détails que contiennent ces billets hors du temps”.

(Brenot, 2000: 26)

A questão a ser colocada é: afinal, o que tem o texto epistolar amoroso de tão fascinante, para que se selecione o estudo de uma escrita cuja leitura pode, na verdade,

espelhar uma indiscrição? O último termo empregue nesta frase interrogativa – indiscrição – diz imenso do que se sabe, empiricamente, acerca do subgénero epistolar amoroso.

A elevada consciencialização de que este tipo de texto epistolar se refere a um mundo de privacidade leva ao questionamento da legitimidade do acesso público a um discurso – o epistolar amoroso – que, quando utilizado, é norteado por funções específicas. Estas conferem-lhe traços distintivos, conforme se procura evidenciar nos parágrafos seguintes (Brenot, 2000; Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b, 2012).

De modo a serem evidenciadas as marcas que diferenciam o subgénero em apreço, são tomadas, como ponto de partida, as palavras de Isabel Seara, para que, mediante a estratégia textual de desconstrução da citação seguinte, sejam mostradas as características idiossincráticas do texto epistolar amoroso:

“Escrita para ser comungada, religiosamente guardada em lugares íntimos, preservada com escrúpulo e pudor de olhares indiscretos, lida e relida no recolhimento de um templo, esse templo de intimismo, do silêncio, da solidão, dominada pelo sentimento de ânsia e por uma imensa fidelidade a esse objeto de desejo, a carta de amor invoca e personifica o relicário [...] de confidências, de cumplicidades.”

(Seara, 2011_b: 109)

As cartas de amor fazem-se do uso que é dado à palavra escrita, por parte de um ser que, em situação de solidão, recorre ao ato de escrever como compensação de um vazio, que advém da ausência física do ser amado (Brenot, 2000; Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b, 2012, 2013). Decorrente dessa condição primeira, a interação epistolar faz-se da intencionalidade de se chegar ao outro, que se encontra distante, daí que exista para ser compartilhada: “Escrita para ser comungada [...]” (Seara, 2011_b: 109).

Tratando-se de uma escrita que pressupõe, forçosamente, comunicação com quem se está enamorado, a interação epistolar amorosa singulariza-se pelo facto de ser marcada pela expressão de sentimentos que nos remetem para uma intimidade que é partilhada entre dois seres (Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b). Estes (re)constroem e alicerçam o seu relacionamento amoroso com base nas trocas epistolares que decorrem durante o

processo, porque se prevê a existência de uma reciprocidade que alimente ambas as partes (remetente e destinatário) (Seara, 2006_a, 2006_b, 2008_b, 2011_b, 2012):

“The dimension of communicability arises through the functional inversion of interlocutors` roles and the constant reciprocity between sender and receiver, and this alternation of roles in the course of interaction highlights the transitivity of the process.”

(Seara, 2012: 364)

Nesta reciprocidade, é criado um espaço de (re)encontro para ambos os implicados, que se faz de um discurso marcado por trocas constantes de desabaços e de confidências, o que nos remete para o reconhecimento do caráter confessional inerente ao discurso epistolar amoroso (Brenot, 2000; Seara, 2013).

Numa ânsia de que o outro se inteire do dia a dia, também têm lugar os relatos incidentes sobre as rotinas diárias realizadas durante aquele que é o tempo da separação. Esta prática constitui uma forma de aproximação relativamente à realidade física que se encontra distante (Seara, 2006_a, 2011_b, 2013), pois, entre os amados, há sempre um despoletar de curiosidade em torno das atividades que realizam durante o tempo em que não se encontram juntos.

O discurso epistolar amoroso, para além de incluir expressões que remetem para os aspetos supramencionados, é sempre bem mais vincado pela revelação, quer de um sofrimento que se faz continuado, quer de um desejo permanentemente ansiado de se estar com o outro, tratando-se, pois, de sentimentos despoletados pela distância (Brenot, 2000; Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b, 2012).

Desta forma, percebe-se, claramente, em que medida o discurso epistolar amoroso se configura numa maneira de se estar com o outro e em o outro, pois a sua materialização em carta encerra em si uma ilusão de substituição da presença do amado ausente (Landowski, 1988; Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b): é como se o outro estivesse mais perto enquanto se escreve; é como se o outro estivesse mais perto enquanto se lê e relê o que foi escrito.

Nos atos de leitura e releitura, dá-se uma aproximação entre dois seres cuja necessidade de privacidade se deve ao mundo do segredo que, entretanto, se materializa, por meio da palavra impressa nas cartas de amor trocadas.

Por este tipo de texto epistolar se tratar de uma construção dialógica de foro amoroso, é-lhe devotada uma fidelidade que possibilita, na verdade, um prolongamento continuado da sensação de presença em ausência, pois a carta, enquanto objeto material de troca, permite a criação desse efeito entre os correspondentes apaixonados (Seara, 2006_a, 2011_b).

Como as cartas de amor se destinam a serem saboreadas num ambiente legitimamente reservado, pela lógica de intimidade incontornável que subjaz aos processos da sua produção textual e receção, a sua (re)leitura propõe-se, assim, a consagrar-se como um ritual privado, que é retomado para consolo da ausência: “[...] lida e relida no recolhimento de um templo, esse templo de intimismo, do silêncio, da solidão [...]” (Seara, 2011_b: 109). Deste modo, não se sugere que constitua uma oportunidade de leitura para terceiros, pois estes assumiriam o papel de intrusos.

É neste sentido que se percebe a necessidade de a correspondência amorosa ser arquivada em lugares cujo acesso seja interdito a outros: “[...] religiosamente guardada em lugares íntimos, preservada com escrúpulo e pudor de olhares indiscretos [...]” (Seara, 2011_b: 109). O discurso epistolar amoroso é um testemunho vivo de um amor que é plasmado a partir da escrita, logo não se destina a ser publicitado.

No âmbito da desenvoltura da interação epistolar amorosa, o objeto carta transforma-se em si mesmo no sustento de um amor que (sobre)vive com base nas trocas realizadas, pelo que, quando sacralizado, pode tratar-se de um: “[...] objeto fetiche, com identidade corpórea, a carta como escrita incarnada que pode ser lida, relida, devorada, contemplada, beijada, conservada, amarfanhada e até imolada pelo fogo [...]” (Seara, 2008_b: 867).

Posto isto, reconhece-se que o carácter íntimo e confidencial das informações constantes nas cartas de amor nos remete, forçosamente, para um contexto de segredo, que obriga à consideração da questão da sua inviolabilidade (Seara, 2011_b). Esta trata-se,

pois, da problemática central do subgénero epistolar amoroso, visto que este tipo de carta, mais do que qualquer outro, não se destina a ser tornado público.

Legalmente, no nosso país, só é possível realizar-se a publicação de cartas de personalidades distintas a nível histórico, literário ou científico, sem autorização do signatário, somente após o seu falecimento, e apenas se a correspondência em causa contribui para o esclarecimento de factos respeitantes à sua biografia (Rocha, 1985).

Esta ressalva deixa sobressair a valorização da carta enquanto documento sociológico cujo conteúdo permite descortinar “[...] aspetos biográficos remotamente olvidados” (Seara, 2006_a: 66), sendo, por isso, sempre mais fácil justificar a realização de estudos incidentes sobre a análise de cartas quando é utilizado o argumento de que os resultados reverterão para o aprofundamento biográfico da personalidade implicada (Rocha, 1985).

Perante a sensibilidade da questão em si, compreende-se a sustentação ética de que a publicação de cartas de amor deva ser póstuma (Seara, 2011_b), não havendo cabimento para se entender que um eventual interesse literário se possa sobrepor àquele que é um direito reservado aos correspondentes e a terceiros mencionados nas cartas: a privacidade durante o seu tempo de vida (Vasconcellos, 2008).

É, pois, determinante que se tenha presente que, a partir do momento em que uma carta de amor é gerada, as palavras nela inscritas não só têm o efeito de atenuação da distância espaço-temporal existente entre dois seres em comunhão (Seara, 2011_b), como também têm o poder de reter, interminavelmente, no espaço e no tempo, as juras de amor trocadas noutras referências espaço-temporais, visto que estas são, geralmente, identificadas, de forma explícita, aquando da emissão da carta (Brenot, 2000).

Decorrente desta breve abordagem caracterizadora do subgénero em apreço, reconhece-se que o acesso a textos epistolares amorosos pode traduzir-se numa intromissão relativamente a uma relação dual que, pela sua natureza íntima, é interdita à presença de terceiros, constatando-se que os conteúdos impressos nesses mesmos textos constituem testemunhos de uma vida até então mantidos em sigilo (Seara, 2011_b).

Esses testemunhos de vida estendem-se para além do objetivo de comunicabilidade que é inerente ao género epistolar, pois refletem aspetos da construção da identidade

daqueles que, na impossibilidade de estabelecerem um diálogo face a face, comprometem-se com uma conversa escrita (Diaz, 2002).

O fascínio particular pelas cartas de amor, ou de autores consagrados ou de personalidades com notoriedade social, advém, certamente, da possibilidade de serem revelados aspetos íntimos, que, até ao momento do seu estudo, apenas foram desvendados pelos próprios correspondentes: “[...] já que frequentes vezes o interesse por um escritor é criado e estimulado através do conhecimento mais íntimo da sua personalidade individual que impulsiona uma maior curiosidade pública por toda a sua obra.” (Lage, 2016: 300).

Perante o exposto, nota-se que a motivação pública, em relação ao privado estampado no epistolar amoroso, é movida, e até mesmo sustentada, sobretudo pela intimidade impressa nas cartas de amor, daí que, quando se considera o tipo de discurso do epistolar amoroso, não se possa ter em conta apenas a questão da privacidade, mas, cumulativamente, a da intimidade.

Em reforço desta ideia, partilha-se que, no âmbito de contributos dados na perspetiva histórica e sociocultural, entre os quais a destacar os de Grassi (1987), concluiu-se que nem sempre o discurso privado reúne traços de um discurso intimista.

Então, na esfera do privado, o que distingue o discurso epistolar amoroso são os testemunhos vivos de um sentimento íntimo que é eternizado pelo uso da palavra escrita (Seara, 2006_a) e, como cada relacionamento amoroso encerra em si uma singularidade que lhe é característica, não se torna de todo incompreensível a existência de uma curiosidade exacerbada por parte do público, embora seja intolerável que se faça uso, publicamente, desse discurso enquanto manifestação de poder, conforme nota Parreira da Silva.

“... queimar uma carta significa destruir o próprio vínculo (amoroso) que ela suporta; conservar as cartas de alguém é preservar a sua própria corporalidade; devolvê-las corresponde a negar-se como destinatário, como pessoa, a negar a sua história; tirar e guardar uma cópia dela pode ser uma forma de autoafirmação; assim como sabê-la chegada ao destinatário e até tornada do domínio público por ser vivido como uma manifestação de poder.”

(Parreira da Silva, 1998: 139)

2.4. Estratégias discursivas para a intimidade: marcas do epistolar amoroso

O epistolar amoroso singulariza-se pelo uso de marcas linguístico-discursivas, que servem o propósito de ambos os amados reforçarem os sentimentos despoletados pela condição de ausência. Estando separados, nas trocas epistolares, são abordados (1) *topoi* do epistolar amoroso bastante recorrentes, verificando-se para o efeito a presença de (2) estratégias discursivas específicas, cujo emprego serve, sobretudo, a intencionalidade de reforço da intimidade dos correspondentes.

Ao passo que a abordagem do ponto (1) se relaciona com questões de conteúdo, a respeitante ao ponto (2) comporta questões de forma, que servem esse mesmo conteúdo. Passa-se, assim, nos parágrafos que se seguem, ao tratamento dos pontos (1) e (2), procurando-se destacar estratégias discursivas específicas e, entre as mesmas, recursos expressivos (a nível fónico, sintático e/ou semântico) suscetíveis de serem identificados no discurso epistolar amoroso:

(1) *topoi* do epistolar amoroso – numa conversação, que se faz à distância, por meio da carta, podem ser diversos, mas apenas uns é que se afirmam pela frequência com que são mobilizados (Siess_b, 1998):

(a) o contexto de ausência – no discurso epistolar amoroso, pela sua natureza dialógica, faz-se notar o uso de marcadores da oralidade e também o empréstimo de verbos *dicendi* (Siess_b, 1998; Seara, 2008_b, 2011_b). Para além destas duas marcas linguísticas, constata-se a presença de vocabulário, em particular pertencente aos campos lexicais sentimentos e sensações, cujo significado se refere à expressão (direta ou indireta) de estados psicológicos provocados pela situação de separação. Com esta constatação, justifica-se o uso recorrente de vocábulos, tais como: sofrimento, solidão, saudade, ânsia, desejo, entre outros;

(b) o segredo epistolar – no discurso epistolar amoroso, ocorre a inclusão abundante de palavras íntimas, num contexto de confiança, pelo que se dá a manifestação de receio relativamente à sua revelação. Percebe-se, assim, uma tensão existente em torno da possibilidade daquilo que é privado e íntimo vir a ser tornado público, atendendo ao facto de que a

carta é um objeto em circulação. Neste *topos*, também se pode dar a referência à figura intermediária que, muitas vezes, possibilita a realização da entrega da correspondência entre os amados (Seara, 2008_b, 2011_b);

(2) estratégias discursivas específicas – num texto que se produz, mediante uma estruturação convencional, podem ser reconhecidos recursos expressivos de uso (a) mais recorrente, por parte dos correspondentes, (b) e outros cujo emprego se relaciona com os traços individuais – estilo – de quem escreve (Charaudeau e Maingueneau, 2002):

(a) recursos expressivos de uso mais recorrente:

- i. diminutivos – tendo em conta que o emprego que se faz dos nomes, no grau diminutivo, pode cumprir diferentes funções na língua (indicação do tamanho, de menosprezo ou de carga afetiva) (Cunha e Sintra, 1994; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012), é comum que, no contexto epistolar amoroso, sejam mais usados como uma expressão de afeto, dado que o contexto situacional, que motiva o ato de escrita amorosa, é fortemente marcado por uma linguagem afetiva, conforme referenciado por Skorge (1958) e corroborado por Carreira (1997, ambos citados por Seara, 2011_b). No plano amoroso, o uso dos diminutivos constitui-se como um marcador de cortesia (delicadeza) verbal, pelo que pode ser incluído em qualquer uma das sequências da carta. Segundo Seara (2008_b, 2011_b), a frequência do uso desta estratégia relaciona-se com o nível de envolvimento psicológico e emocional dos correspondentes: quanto mais repetitivo se faz o uso dos diminutivos, maior é a intimidade partilhada entre os correspondentes;
- ii. nomes de substituição – considerando-se que a interação discursiva amorosa é particularmente marcada por uma linguagem afetiva, referir-se ao amado, utilizando outro nome ou até o próprio nome ou outro, mas em forma abreviada – *petis*

- noms* –, constitui em si também uma estratégia de aproximação (Seara, 2008_b, 2011_b). Esta estratégia, quando desenvolvida, surge sustentada na imagem gerada em relação ao outro para quem se escreve, pelo que o emprego de nomes de substituição acaba por sedimentar a relação existente entre o “eu” e o “tu” participantes na interação: “Ces images et ces noms de substitution contribuent à établir et développer la relation entre le *je* et le *vous*.” (Siess, 1998_b: 113). A prática em causa pode ser identificada, quer (1) nas rotinas ritualizadas de abertura e de fechamento, quer (2) ao longo do corpo de uma carta de amor. O seu emprego espelha, sobretudo, um zelo existente relativamente à necessidade de aplicação de formas de tratamento cujo sentido positivo se alicerça na expressão de carinho ou até mesmo de admiração;
- iii. adjetivos qualificativos – tratando-se os elogios de atos de fala, que se traduzem numa estratégia valorativa, isto é, que põem em evidência qualidades, por meio do uso do adjetivo qualificativo e de outros recursos retóricos (Cunha e Sintra, 1994; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012), no contexto do discurso epistolar amoroso, a sua inclusão serve, sobretudo, a intencionalidade de maximização (Rodrigues, 2003). O emprego desta estratégia, por parte do correspondente, para além de lhe suscitar prazer, devido à sinceridade impressa nos elogios realizados, desencadeia a revelação da admiração que sente em relação ao Outro (Palrilha, 2009). Deste modo, os elogios não só traduzem cordialidade, como servem, sobretudo, o estreitamento dos laços existentes na relação dual, pois ajudam a fortalecer, positivamente, a imagem que o amado tem de si próprio (Marco, 2007, citado por Palrilha, 2009);
 - iv. recursos de mimetização da linguagem infantil – constituindo o mundo infantil um reflexo de pureza, inocência e simplicidade, o

emprego desta estratégia pode ser entendido como uma tentativa de recriação, por parte de quem interage, de uma realidade cujas características refletem: sinceridade, entrega, bem-querer, (necessidade de) mimo... (Seara, 2008_b, 2011_b). No sentido de se afirmar a autenticidade impressa no discurso, reconhecem-se os mecanismos seguintes: (1) o emprego da terceira pessoa, para designação própria e do outro; (2) o uso de formas nominais infantis; (3) a repetição de elementos linguísticos; (4) a omissão de sílabas ou fonemas/grafemas em vocábulos; (5) a replicação de construções frásicas simples. Alguns destes traços são suscetíveis de serem verificados em *corpus* textuais já estudados por Seara, entre os quais se destaca a análise incidente sobre algumas das cartas de amor trocadas entre Fernando Pessoa e a sua amada Ofélia, que consta nos artigos científicos seguintes: “O epistolar: relicário de cumplicidades” (2008_b); “Estendal do ego: contributos para análise de cartas de amor” (2011_b);

- v. hipérbole – constituindo as rotinas verbais de fecho a sequência fática onde se dá uma efetiva fragmentação da interação epistolar (Altman, 1982), o recurso à estratégia de exagero faz-se apoiado em vocábulos bastante recorrentes nessa sequência, tais como: beijo, abraço, entre outros. Numa lógica de emprego de um discurso hiperbólico, reconhece-se o emprego dos mecanismos seguintes: (1) repetições de termos; (2) processos de sufixação aplicados às palavras em causa; (3) associação de nomes coletivos aos vocábulos empregues (Seara, 2004, 2008_b, 2011_b). São, pois, formas linguísticas cuja utilização é feita no sentido de se engrandecer a dificuldade de separação desencadeada pela despedida no final do ato de escrita;

(b) recursos expressivos patentes em estilos de escrita:

- i. valor expressivo de nível:

1. fónico, a onomatopeia e a rima;
 2. sintático, os determinantes, os pronomes pessoais, os tempos e modos verbais, os advérbios (terminados em –mente e outros empregues em contextos específicos), as interjeições; as estruturas de coordenação e subordinação; a elipse, a interrogação retórica, entre outros. O emprego destes recursos serve o propósito de ser dado ênfase a ideias particulares (Azeredo, Pinto e Lopes, 2012);
- ii. figuras de retórica de nível:
1. fónico, a aliteração e a assonância;
 2. sintático, a repetição, a anáfora, a enumeração, a gradação, entre outras;
 3. semântico e *tropos*, a comparação, a metáfora, a imagem, a antítese, o paradoxo, a perífrase, a personificação, a apóstrofe, a ironia, a alusão, entre outras. O emprego das figuras de retórica possibilita que sejam criados novos significados, no discurso proferido, que resultam sobretudo de processos explícitos, ao passo que o *tropos* se refere a novos significados gerados com base em relações implícitas, que se estabelecem entre palavras, como é o caso da metáfora (Charaudeau e Maingueneau, 2002; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012).

Após o tratamento dos aspetos (1) e (2), observa-se que o discurso epistolar amoroso é marcado, sobretudo, pela manifestação de sentimentos desencadeados pela situação penosa de afastamento físico dos amados. Como tal, constrói-se baseado numa linguagem fortemente expressiva, atendendo que nela podem ser incluídos:

1. atos de fala canónicos – rotinas verbais –, que, para além das funções sociais que servem, encerram em si funções expressivas e avaliativas (Heringen e Lima, 1987, citados por Palrilha, 2009);

2. recursos expressivos cuja manifestação enfática é mais recorrente. Estes mecanismos constituem-se como marcadores de intimidade, porque, para além de sedimentarem a aproximação entre os amados, também refletem o caráter privado e íntimo da interação discursiva epistolar existente entre os correspondentes (Siess, 1998_b; Seara, 2008_b, 2011_b; Palrilha, 2009);
3. recursos expressivos cujo emprego se relaciona com o estilo de escrita do correspondente. Os traços que caracterizam esse estilo decorrem, geralmente, de uma intenção estética, que mobiliza o uso de figuras de retórica e o *tropo* (Charaudeau e Maingueneau, 2002; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012). Neste sentido, percebe-se que o discurso epistolar de um determinado correspondente acaba por imprimir traços do “eu” de quem escreve, pela forma como se expressa, dado que este tipo de discurso é marcado pela espontaneidade (Melançon, 1990; Diaz, 2002).

Face ao exposto, torna-se evidente em que medida a descodificação da linguagem expressiva de um texto epistolar amoroso pode contribuir para a revelação de testemunhos da vida privada e íntima dos correspondentes. Estes são perpetuados, por meio da palavra impressa na carta, apesar das coordenadas espaço-temporais do ato de escrita não corresponderem, posteriormente, às das inúmeras leituras passíveis de serem realizadas.

Deste modo, com base naquilo que é revelado, as cartas de amor podem contribuir não só para alargar a informação biográfica dos correspondentes, como também para subsidiar o conhecimento que se tem acerca da história da sua vida privada e íntima. Percebe-se também que o próprio estilo de escrita dos correspondentes fica estampado no discurso epistolar utilizado, daí a pertinência de o texto epistolar ser observado, mediante uma análise pragmática que possibilite a interpretação dos mecanismos retóricos incluídos textualmente.

PARTE II – OPÇÕES METODOLÓGICAS

CAPÍTULO III
OS PROCEDIMENTOS DA INVESTIGAÇÃO:
DA DESCOBERTA DO *CORPUS* TEXTUAL À ANÁLISE PRAGMÁTICA

3. Os procedimentos da investigação: da descoberta do *corpus* textual à análise pragmática

3. 1. A relevância da carta na obra completa de Natália

No que toca à relevância da carta na obra completa de Natália Correia, é importante ter-se presente que a própria autora era movida por um desejo de a sua obra ser entendida numa visão de totalidade, conforme testemunhou junto de José Jorge Letria (1992), na entrevista que deu lugar à publicação do artigo de jornal intitulado: “Natália Correia: em paz com os Deuses”, no *Jornal de Letras, Artes e Ideias*.

Considerando-se que a obra nataliana, para ser compreendida, deve ser vista numa lógica de abordagem pela sua totalidade (Correia, citada por Letria, 1992; Pimentel, 2010), e que a própria correspondência de um determinado autor se faz como parte integrante dessa obra, independentemente de a sua criação ter sido ou não norteadada por uma intencionalidade artística (Vasconcellos, 2008), é pertinente que, no âmbito do estudo das produções textuais de Natália, também sejam considerados os únicos textos epistolares de foro amoroso que existem disponíveis, neste momento, para estudo.

Apesar de Natália Correia ser considerada por Dacosta (2001, 2003) como uma grande autora amorosa da literatura portuguesa do século XX, atualmente, não é ainda reconhecida como tal, por desconhecimento dos textos epistolares pessoais produzidos por ela própria.

Conforme já se viu, no *Capítulo I*, há o conhecimento de que existe uma vasta correspondência amorosa da sua autoria, que foi endereçada a José António Correia, tendo sido, entretanto, divulgadas apenas três cartas. Se a restante correspondência ainda não foi disponibilizada para estudo, não existem dados que legitimem a consideração de Natália como uma grande epistológrafa, para além de que, no que se refere à vasta correspondência trocada com intelectuais, amigos e familiares, que se encontra disponível para estudo, no seu arquivo, ainda não foram realizados estudos extensivos que permitam uma validação efetiva desse entendimento em relação à prática de epistológrafa.

Face ao exposto, e considerando-se unicamente a correspondência amorosa disponível, é oportuno avançar-se para uma proposta de análise do discurso epistolar de

Natália, no sentido de este estudo contribuir para subsidiar o vasto caminho que está por ser desbravado e que indicia ser promissor para estudos futuros.

3.2. O epistolário inédito de Natália Correia: a escolha da correspondência amorosa

Após a escolha da temática da dissertação – o género epistolar –, o primeiro desafio prendeu-se com a seleção de um(a) autor(a) açoriano(a), de notoriedade social, cujo epistolário ainda se encontrasse numa situação de desvendamento, para que, para além de configurar um contributo para o alargamento de estudos, no âmbito do referido género, também se tornasse possível um maior aprofundamento da vida e obra desse mesmo autor, dado que, apesar de as cartas não serem, na maioria das vezes, escritas com um propósito de literariedade, quando existentes, são, posteriormente, incluídas na sua obra completa, conforme observado no ponto anterior.

Tratando-se Natália Correia de uma personalidade da literatura reconhecida como a escritora do amor, cuja vida amorosa sempre suscitou imensa curiosidade junto da opinião pública, sublinha-se que as pesquisas realizadas em torno da sua vida e obra conduziram ao reconhecimento da existência de um epistolário inédito disponível para consulta e estudo, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, nomeadamente desde a conclusão do tratamento técnico dos acervos de Natália Correia e de Dórdio Guimarães. Deste modo, verificou-se que o arquivo da autora se encontra publicado, desde 2016, num catálogo em linha: <https://ccbibliotecas.azores.gov.pt>.

A consulta do arquivo de Natália Correia possibilitou a constatação da existência, quer de uma vasta correspondência trocada com familiares, amigos e intelectuais, quer de uma reduzida correspondência amorosa. Confirmou-se, assim, o carácter reservado de Natália relativamente à reunião de testemunhos relacionados com a sua vida amorosa, tal como já abordado no *Capítulo I*.

Entre os documentos de índole amorosa identificados no arquivo supramencionado, reconhecem-se apenas os seguintes: uma carta de amor não datada cujo remetente é o seu último marido, Dórdio Guimarães; quatro textos escritos em prosa poética, que lhe são dedicados pelo mesmo, cujas datas remontam sempre a 13 de setembro, dia do aniversário de Natália, mais especificamente aos anos 1969, 1972, 1975

e 1978; um texto poético em verso do mesmo autor, que lhe é dedicado no mesmo dia, mas em 1984.

No que toca à sua correspondência amorosa, outro aspeto verificado, que decorreu do contacto direto com o arquivo de Natália Correia, é que a organização do mesmo nos remete, numa lógica complementar, para uma consulta do arquivo de Dórdio Guimarães. Como tal, constatou-se que a consulta exclusiva do arquivo de Natália Correia era declaradamente insuficiente à reunião de documentos que validassem a constituição de um *corpus textual*.

Neste sentido, realizou-se também a consulta do arquivo de Dórdio Guimarães, tendo sido, então, identificada correspondência de natureza amorosa, que lhe foi endereçada por Natália Correia: três postais enviados aquando de viagens realizadas a dois países estrangeiros (Eslováquia e Rússia); seis cartas não datadas.

Após a morte de Natália Correia, entre 1993 e 1997, o viúvo Dórdio Guimarães dedicou-se, paulatinamente, à compilação de testemunhos da sua vida e obra, daí compreender-se por que razão só exista disponível uma escassa correspondência amorosa endereçada por Natália, para Dórdio Guimarães, e que, em relação aos outros quatro homens com quem se sabe que teve relacionamentos amorosos, não exista nenhuma.

Realizada, em novembro de 2018, a confirmação da existência de documentos que sustentassem a realização de um estudo pragmático, o afunilamento do interesse para o subgénero cartas de amor deveu-se, sobretudo, à constatação de que os únicos textos epistolares inéditos, que se encontram disponíveis para estudo, também correspondem aos que foram endereçados para o homem que nunca reuniu a aprovação dos amigos mais próximos de Natália – Dórdio Guimarães –, conforme se procurou esclarecer no *Capítulo I*.

3.3. A correspondência amorosa de Natália Correia com Dórdio Guimarães: metodologia de leitura analítica

Após dois meses da primeira auscultação da existência de correspondência pessoal disponível para estudo, realizou-se, presencialmente, a meados de janeiro de 2019, na Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, a requisição e a primeira leitura de

todos os documentos de índole amorosa disponíveis para consulta, por forma a constituir-se o *corpus* textual deste estudo.

Neste âmbito, no conjunto dos nove documentos incluídos, no arquivo de Natália, que nos remetem para Dórdio Guimarães, foi selecionado apenas um, por se tratar do único cujas características permitem a sua inclusão na categoria cartas de amor. Por sua vez, no conjunto dos catorze documentos existentes no arquivo de correspondência de Dórdio, que nos direcionam para Natália, foram selecionados nove: seis cartas e três postais cujas mensagens constituem testemunhos do relacionamento que tiveram.

Após a delimitação do *corpus* textual para dez documentos (uma carta de amor escrita por Dórdio, para Natália; três postais e seis cartas de amor redigidas por Natália, para Dórdio), solicitou-se, presencialmente, à Direção da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, a digitalização da já referida documentação, conforme a disponibilidade manifestada, por *e-mail* e presencialmente, pelos colaboradores dos serviços da biblioteca.

Decorrente de tal procedimento, após o devido pagamento das digitalizações, os textos solicitados foram integralmente disponibilizados em suporte digital, de modo a ser iniciada a análise pragmática prevista neste estudo.

A partir do acesso à dita correspondência, mas já em suporte digital, foi iniciado o processo da sua transcrição, que culminou, posteriormente, na realização de fichas de identificação, conforme o modelo de quadro apresentado na página seguinte.

Esclarece-se, assim, que o critério adotado para a sequencialização dos documentos que comportam o *corpus* textual do estudo é o correspondente à ordenação constante no arquivo, daí a inclusão da referência às cotas atribuídas no modelo de ficha criado. Ressalva-se, no entanto, que se optou por se apresentar, primeiramente, as sete cartas, seguindo-se os três postais.

Quadro 3.1

Ficha n.º
Arquivo de correspondência –
Cota –
Número de folhas –
Categoria –
Modo de registo –
Remetente –
Destinatário –
Data –
Local –
Transcrição da carta / do postal na língua original –

Durante o processo em causa, nem sempre foi fácil decodificar a caligrafia de Natália Correia, o que condicionou, por vezes, uma maior agilidade na consecução da tarefa. Neste estudo, na divisão *Anexos*, entre os *Anexos A e J*, constam as fichas elaboradas para cada documento incluído no *corpus* textual, assim como as respetivas transcrições morosamente realizadas.

Estando concluída a fase de transcrição, passou-se à de leitura analítica, tendo-se presente os objetivos gerais e específicos delineados para o estudo, conforme apresentados na *Introdução*. Isto é, foi realizado um trabalho de análise de conteúdo e de forma incidente sobre a superfície discursiva dos documentos incluídos no *corpus* textual. Decorrente da análise de conteúdo realizada, constituíram-se categorias cuja explicitação tem lugar no corpo do texto dos pontos tratados na *Parte III*.

A partir da categorização realizada, facilitou-se o trabalho analítico incidente sobre os aspetos de forma incluídos no discurso dos textos selecionados, estando sempre

presente a consideração das coordenadas de influência abrangidas nos níveis superior e intermédio do Modelo Teórico AICE de Seara (2006_a), conforme o quadro apresentado abaixo.

O quadro em questão assenta numa replicação, no formato de ficha, do *Quadro 1*, que se encontra incluído na tese de doutoramento de Seara (2006_a: 218). Esta opção decorreu da necessidade de ser criado um suporte de registo para o tratamento dos dados recolhidos, que se faz baseado no modelo de análise supramencionado. Este procedimento agilizou o processo de antecipação dos conteúdos a serem discutidos na *Parte III* deste estudo.

Quadro 3.2

Identificação do documento –			
1. Nível superior			
Coordenadas (a serem observadas)			
Quadro espácio-temporal	Situação dos correspondentes	Problemática contextual	Pacto epistolar
2. Nível intermédio			
Coordenadas (a serem observadas)			
Quadro normativo	Objetivo da interação (Brown & Fraser (citados por Seara, 2006))	Co-enunciação epistolar	Dinâmica textual

3. Nível interno	
Níveis	
Pragmático-discursivo	Pragmático-argumentativo
Marcas de interação	Atos de fala
Dispositivo deítico	Diafonia
Rotinas verbais - abertura - pré-fecho - fecho	<i>Topoi</i>
Formas de tratamento e de delicadeza	

Replicação, em formato de ficha, do *Quadro 1* de Seara (2006_a: 218)

Decorrente da análise pragmática realizada, foram estabelecidas conexões que sustentaram a definição dos quatro pontos tratados na *Parte III*. Como os dados incluídos nesta parte do estudo se referem à correspondência pessoal, de foro amoroso, trocada entre Natália Correia e Dórdio Guimarães, em fevereiro de 2020, foi solicitada a formalização, por parte da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, da

autorização dada, em janeiro de 2019, em relação às atividades de consulta, seleção e análise pragmática levadas a cabo no âmbito deste estudo (*Anexo K*).

Em resposta ao pedido, foi autorizada a publicação do epistolário inédito selecionado como *corpus* textual desta dissertação, por parte da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, que se constitui como proprietária dos espólios de Natália Correia e de Dórdio Guimarães, conforme consta no *Anexo L*.

3.4. O modelo teórico AICE de Seara (2006_a): justificação da seleção e aplicação

O modelo teórico AICE (Seara, 2006_a) corresponde a um modelo inovador de análise de textos epistolares cuja criação surge sustentada numa exaustiva revisão bibliográfica relativa a autores de referência, cujos estudos reverteram, durante décadas, para o aprofundamento do conhecimento do género epistolar.

Entre esses autores, reconhece-se, na construção do Modelo, a consideração dos contributos de: Coseriu, 1955-1956; Lakoff, 1973; Goffman, 1974, 1987; Grice, 1975; Lejeune, 1975; Skanck e Abelson, 1977; Brown e Levinson, 1978, 1987; Fraser, 1980; Altman, 1982, 1983; Leech, 1983; Levinson, 1983; Maingueneau, 1984, 1990, 1991, 1998; Lecointre, 1987; Salins, 1988; Kerbrat-Orecchioni, 1990, 2001; Haroche-Bouzinac, 1995; Bray, 1996; Melançon, 1996; Roulet, 1999; Adam, 1998; Amossy, 1998, 1999, 2002; Coulmas, s/d (citados por Seara, 2006_a).

Resultante de uma elevada reflexão, que parte dos contributos dados pelos diferentes autores supramencionados, a autora do modelo teórico AICE propõe que, na análise de textos epistolares, sejam considerados os três níveis seguintes:

- um nível superior, que é subdividido em quatro coordenadas: quadro espaço-temporal; situação dos correspondentes; problemática textual; pacto epistolar;
- um nível intermédio, no qual são considerados outros quatro parâmetros: quadro normativo; objetivo da interação; co-enunciação epistolar; dinâmica textual;
- um nível interno, que incide sobre a análise da superfície discursiva do texto epistolar, mas que se subdivide em outros dois níveis, o pragmático-discursivo e o pragmático-argumentativo. Cada um destes dois subníveis permite a observação de pontos cujo conteúdo é determinante ao tratamento dos dados incluídos nos textos

epistolares. No pragmático-discursivo, a consideração das marcas de interação, do dispositivo deíctico, as rotinas verbais e as formas de tratamento e de cortesia; no pragmático-argumentativo, os atos de fala, a diafonia e os *topoi*.

Como se trata do modelo que aglomera, de uma forma mais completa e articulada, diferentes parâmetros destinados a observação em textos epistolares, faz sentido que seja o escolhido, por forma que a leitura analítica do *corpus* textual selecionado resulte num tratamento de dados cujo conteúdo contribua para a consecução efetiva dos objetivos do estudo.

Tendo presente os objetivos específicos apresentados na *Introdução*, que nos remetem para a análise central da superfície discursiva, a partir do estudo dos pressupostos defendidos no modelo teórico AICE, percebe-se que a sua consecução só se realiza de uma forma mais eficaz quando também são consideradas, de forma pronunciada, as coordenadas incluídas nos níveis superior e intermédio. Deste modo, evita-se a adoção de uma lógica analítica compartimentada.

Atendendo à importância do contexto na análise pragmática do discurso, interessa que se considere, sobretudo, a situação específica dos correspondentes Natália Correia e Dórdio Guimarães, segundo a perspetiva de Siess (1998_b), a par de se procurar atender à influência que as restantes coordenadas previstas, nos níveis exterior e intermédio do Modelo de Análise AICE (Seara, 2006_a), exercem sobre o nível interior, isto é, sobre a superfície discursiva do *corpus* textual.

Tratando-se este trabalho de um estudo retórico-discursivo, a análise epistolar pretendida só se realiza, plenamente, se considerados dados de ordem contextual cujo conhecimento interfere na interpretação dos enunciados que comportam as sete cartas de amor e, complementarmente, os três postais disponíveis para observação (Coseriu, 1955-1956, citado por Seara, 2006_a).

Como tal, ao longo da parte seguinte – *Parte III* –, pretende-se a realização de uma análise pragmática, devidamente sustentada numa lógica interpretativa, que, apesar de procurar ter presente todos os parâmetros incluídos no modelo de análise já supramencionado, não se faz de modo compartimentado.

Face ao exposto, reafirma-se que a tónica da análise recai sobre os níveis pragmático-discursivo e pragmático-argumentativo, em confluência com a dimensão retórico-discursiva patente nos textos epistolares em estudo, procurando-se incluir, complementarmente, os dados que, respeitantes às diferentes coordenadas de influência, revertem para uma interpretação devidamente contextualizada do discurso epistolar.

Pretende-se, pois, que a abordagem adotada se defina como facilitadora do processo de interpretação das peças epistolares disponíveis para estudo, para que a análise linguística do discurso epistolar impresso reverta para um esclarecimento de aspetos privados relativos ao relacionamento de longa data de Natália Correia e Dórdio Guimarães, em particular no que toca aos sentimentos da correspondente relativamente ao homem que a acompanhou, pessoal e profissionalmente, durante cerca de três décadas, apesar da hostilização de amigos mais próximos, conforme tratado no *Capítulo I da Parte I*.

Deste modo, elege-se, como o modelo de análise para os textos epistolares de natureza amorosa deste estudo, o modelo teórico AICE (Seara, 2006_a), utilizando-se, como fonte de consulta e de estudo, a tese de doutoramento onde é apresentada a sua conceptualização e pragmatização: *Da epístola à mensagem eletrónica. Metamorfoses das rotinas verbais*.

PARTE III – ANÁLISE DAS PEÇAS EPISTOLARES

CAPÍTULO IV

A CORRESPONDÊNCIA AMOROSA DE NATÁLIA CORREIA E DÓRDIO GUIMARÃES:

TESTEMUNHOS DE UM AMOR DE LONGA DATA

4. A correspondência amorosa de Natália Correia e Dórdio Guimarães: testemunhos de um amor de longa data

4.1. As cartas e os postais do *corpus* textual: o desvendamento de retalhos espaço-temporais

A cartas que integram o *corpus* textual do estudo estão marcadas por uma omissão generalizada do ato de localização espaço-temporal, que é, geralmente, o primeiro a ser incluído nas rotinas verbais de abertura das cartas (Seara, 2006_a, 2008_a).

Embora a ausência do ato supramencionado seja identificada como um traço distintivo das cartas de amor do século XVIII (Siess, 1998_b), é pertinente que se reflita acerca desta omissão, tendo-se presente a situação específica dos correspondentes Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Como tal, passa-se, brevemente, a uma retoma de alguns dos aspetos já explanados no *Capítulo I*, por forma a sistematizar-se informações determinantes à compreensão da situação enunciativa das diferentes cartas propostas para análise pragmática:

- (a) Natália Correia, uma mulher que, apesar de oriunda de uma família de baixos recursos económicos, era dotada de um nível cultural superior e que, no contexto do casamento de longa data com Alfredo Luís Machado Lage, beneficiou de condições de vida que lhe permitiram dedicar-se às atividades literária, de imprensa e política. Devido à singularidade da sua beleza física, ao estatuto sociocultural que atingiu, por meio do seu engenho e arte, e também ao exercício das atividades profissionais supramencionadas, tornou-se uma figura pública alvejada por uma curiosidade, por vezes mordaz, relativamente à sua vida amorosa;
- (b) Dórdio Guimarães, um homem solteiro, mais novo do que Natália cerca de 15 anos, ao apaixonar-se por ela, na década de 60, teve de lidar com a personalidade de uma mulher que, para além de ser casada, se ocupava de atividades profissionais que lhe davam protagonismo. Devido às publicações poéticas que lhe dedicou, também se tornou famoso, ficando, assim, sujeito, quer a um interesse público voltado para a relação de ambos, quer à crítica de amigos próximos de Natália. Para além da atividade literária, desempenhou, ao longo da

sua vida, outras atividades profissionais, tendo implicado nas mesmas a participação de Natália.

Com a retoma dos conteúdos explanados nos pontos (a) e (b), pretende-se levar a uma reflexão acerca da possibilidade de a correspondência de ambos estar condicionada à situação de Natália ser uma mulher casada e famosa.

Como tal, pode encerrar em si alguma plausibilidade equacionar-se que, porventura, a omissão do ato de localização espaço-temporal pode ter constituído uma estratégia mobilizada para a não consagração temporal dos conteúdos impressos nas cartas, dado que a sua inclusão permite a ancoragem deíctica da enunciação a nível espaço-temporal (Seara, 2006_a).

Perante o cenário apontado acima, percebe-se a impossibilidade de as setes peças epistolares – seis de Natália e uma de Dórdio – serem analisadas segundo uma sucessão temporal precisa, pois as datas de emissão não são explicitadas em nenhuma das sequências fáticas e transacionais das cartas.

Face ao exposto, urge a necessidade de serem identificadas pistas linguísticas que possibilitem uma ancoragem espaço-temporal das peças epistolares consideradas para estudo, dado que essas referências revertem para a definição das coordenadas espaço e tempo da enunciação e, cumulativamente, para uma melhor compreensão dos conteúdos plasmados nos documentos do *corpus*.

A partir de um trabalho de confrontação entre os conteúdos disponibilizados biograficamente e outros que são sugeridos pelas pistas linguísticas constantes nas peças epistolares, torna-se possível a dedução da maioria das referências espaço-temporais respeitantes ao *corpus* textual selecionado.

No quadro apresentado nas duas páginas seguintes – *Quadro 4.1* –, são apresentadas as pistas identificadas nas cartas que integram o *corpus* textual, atendendo que as mesmas legitimam o levantamento de hipóteses relativamente à ancoragem espaço-temporal das diferentes situações enunciativas em estudo (Goffman, 1974).

Quadro 4.1

1		2	3	4
Relação remetente/destinatário		Anexos	Numeração das cartas	Pistas linguísticas Citações das cartas do <i>corpus</i> textual
Cartas de amor de Natália e Dórdio	De Natália para Dórdio	A	Documento 1	A1.1 – <i>Vem, gatinho, a tua voz em Paris soou-me como uma reconciliação inevitável.</i> A1.2 – <i>Já te disse que o autocarro que me estava destinado em Roma se chamava Cíntia?</i> A1.3 – <i>Esta tarde estive em casa do Michaux que me ofereceu dois livros.</i>
		B	Documento 2	B2 – <i>Quis o destino e a muita vontade ambos tendo o Espírito Santo como aliado que eu chegasse a tempo de estar aqui enquanto és operado.</i>
		C	Documento 3	C3 – <i>Estou no plenário do CC.S [...]</i>
		D	Documento 4	D4 – <i>Não sei se esta carta chegará às tuas mãos. De qualquer forma devo escrever-te de Budapeste.</i>
		E	Documento 5	E5.1 – <i>Daí termos que estar parados e só chegamos a Paris à meia noite.</i> E5.2 – <i>Há neve em Paris.</i>
		F	Documento 6	-----

	De Dórdio para Natália	G	Documento 7	G7.1 – <i>Mas talvez não, o que tive em dez anos, foi excessivo.</i> G7.2 – <i>Sabes que no próximo dia 6 de Julho faz ou FAZIA?!, dez anos sobre o nosso dia?</i>
--	------------------------	---	----------------	---

Considerando-se, contextualmente, a situação específica dos correspondentes, e, ao mesmo tempo, as pistas linguísticas constantes na coluna 4 do quadro apresentado anteriormente, verifica-se que, apesar de a carta correspondente ao *Documento 6 – Anexo 6* – não apresentar nenhuma marca espaço-temporais, as restantes seis cartas do *corpus* integram referências dessa natureza, implícita ou explicitamente.

Face ao exposto, a partir deste momento, dá-se a explicitação de tais marcas, mediante a criação de duas categorias, que tomam como critério de constituição o (presumível) local de emissão do ato de escrita das diferentes peças epistolares. Neste sentido, consideram-se, como categorias, as duas seguintes: (1) cartas emitidas em países estrangeiros e (2) cartas emitidas no país português.

(1) Os *Documentos 1, 4 e 5 – Anexos A, D e E*, respetivamente – reportam-se a cartas que foram emitidas no estrangeiro, nomeadamente aquando de viagens realizadas por Natália cujo propósito não é revelado, explicitamente, em nenhum dos enunciados. Em confrontação com dados biográficos disponíveis, torna-se possível descortinar os contextos que motivaram algumas dessas deslocações:

- a. no que toca ao *Anexo A*, consta a menção de uma visita realizada, durante uma tarde, à casa de Michaux (Cf. a citação A1.3). Henri Michaux vivia em França, mais especificamente em Paris, e era um dos amigos que costumavam frequentar a casa de Natália, na Rua Rodrigues Sampaio. Por se tratar de um escritor, poeta e pintor belga de expressão francesa, fazia parte do círculo das amígdas que participavam nas tertúlias literárias promovidas por Natália (Cunha, 2003; Gameiro, 2016). Considerando que, biograficamente, os autores Almeida (1994) e Vaz (2004) apenas mencionam uma viagem realizada a França, em 1989, é impossível que Natália tenha visitado Michaux nesse ano, visto que ele faleceu em 1984

- (Costa, 2005). Como tal, podem antes serem considerados, hipoteticamente, os anos respeitantes às duas viagens realizadas a Itália – 1962 e 1965 –, para participação no *Congresso della Comunità Europea Degli Scrittori* (Almeida, 1994), dado que é referida, na carta, uma deslocação prévia à cidade romana (Cf. a citação A1.2). A hipotética janela temporal, que se reporta ao ato de escrita da carta transcrita para o *Documento 1*, corresponde aos três primeiros anos em que Natália travou conhecimento com Dórdio, não sendo, todavia, improvável que a autora tivesse realizado outras viagens a França, embora não existam referências às mesmas na sua biografia. Face ao exposto, a definição da janela temporal 1962-1965 apresenta-se como um cenário plausível, dado que, por se tratarem dos primeiros anos em que se conheceram, é provável que Natália tenha enviado correspondência para Dórdio quando se deslocava para fora do país, por se tratar de um gesto de delicadeza enquadrado nas práticas socialmente valorizadas na época;
- b. por sua vez, quanto ao *Anexo D*, deduz-se que o ato de emissão da carta em causa se inscreve na Hungria, pela alusão que é feita à cidade de Budapeste (Cf. a citação D4); biograficamente, Almeida (1994) dá nota de uma viagem realizada ao país mencionado, no ano 1967, isto é, cinco anos após ter ocorrido o primeiro encontro entre Dórdio e Natália;
 - c. no que diz respeito ao *Anexo E*, percebe-se, claramente, que o ato de escrita se inscreve em Paris, a partir da informação explicitada no corpo da carta (Cf. as citações E5.1 e E5.2). Conforme já referenciado, anteriormente, constata-se que, em 1989, Natália viajou até França, sendo pertinente acrescentar-se que, na altura, se deslocou a *Saint-Étienne*, para participação no *Premier Festival de la Convention Théâtrale Européenne*; no entanto, biograficamente, não consta nenhuma referência ao facto de ter realizado, durante essa viagem, alguma deslocação até à cidade de Paris, pelo que não se sabe se o fez ou não. Como tal, verifica-se uma insuficiência de dados biográficos perante a

necessidade de determinação de uma janela temporal precisa relativamente à emissão desta carta.

(2) Os *Documentos 2, 3 e 7 – Anexos B, C e G*, respetivamente – sugerem que os atos de escrita se inscrevem em Portugal, conforme se procura esclarecer:

- a. quanto ao *Anexo B*, surge enquadrado na circunstância de Dórdio ter sido submetido a uma cirurgia, pelo que se deduz que o ato de escrita se inscreve, espacialmente, no hospital onde decorreu a intervenção (Cf. a citação *B2*). Como as operações geralmente são realizadas no país de pertença dos cidadãos, por questões associadas aos benefícios de que usufruem os contribuintes, não sendo, na altura, Dórdio Guimarães um homem abastado, presume-se que a carta tenha sido escrita em Portugal; não se verifica na mesma a inclusão de dados que permitam desvendar em que ano foi realizada a intervenção cirúrgica em causa, mas, estabelecendo-se uma relação com a abordagem do mesmo tema, na carta transcrita no *Documento 3 – Anexo C* –, pode ser equacionada a mesma janela temporal, conforme é abordado e justificado no ponto seguinte;
- b. relativamente ao *Anexo C*, a carta em causa foi redigida, durante um plenário do CCS (Cf. a citação *C3*), pelo que o ato de emissão se inscreve no país português, mais especificamente na cidade de Lisboa, local onde decorriam as sessões de plenário do Conselho de que Natália fazia parte. Percebe-se que o ato de escrita é passível de ser localizado, temporalmente, entre os anos 1984-1988, porque foi durante esse interregno que Natália ocupou o cargo de membro do CCS (Almeida, 1994). Como esta carta se reporta ao mesmo *topos* da carta transcrita no *Documento 3*, a janela temporal equacionada aplica-se, certamente, a ambas as cartas;
- c. no que se refere ao *Anexo G*, a carta foi, seguramente, escrita, por Dórdio, num dia ou do mês de junho ou do início de julho do ano de 1972, dado que ele se refere à proximidade do dia 6 de julho como a data que

remonta ao aniversário dos dez anos do primeiro encontro de ambos (Cf. a citação G7.2). A indicação precisa do dia acrescenta informação àquela que consta nas obras biográficas sobre Natália Correia, dado que nelas apenas são indicados o mês e o ano em que se conheceram; quanto à coordenada espaço, não se encontram incluídas nenhuma pistas passíveis de conduzirem ao reconhecimento do local específico onde se deu a emissão da carta, pressupondo-se que a carta há de ter sido escrita em Portugal, pelo facto de Dórdio se referir a uma discussão tida com Natália, no dia anterior. Para tal, mobiliza um ato de fala cujo uso explícito é raro, segundo Palrilha (2009). Isto é, pede-lhe perdão: “Peço-te perdão de todos os amantes desgraçados em estado de graça para as palavras que te disse ontem. [...] Foram de dor descoordenada [...]”. A primeira afirmação apresentada parece imbuída de uma contradição, pelo facto de que, ao mesmo tempo que toma os amantes como seres desgraçados, certamente, por se encontrarem numa situação condicionada, também os considera abençoados – “em estado de graça” –, pelo facto de estarem apaixonados. A partir da citação apresentada, é possível confirmar-se o facto de que, em 1972, Dórdio se reconhecia como amante de Natália, estando na origem da zanga de ambos o ciúme sentido relativamente à amada.

Decorrente do trabalho analítico realizado, torna-se possível a verificação dos quatro aspetos seguintes:

- (1) apesar da omissão do ato de localização, é possível inferir-se, em algumas das situações, as coordenadas espaço-temporais relativas à emissão das cartas, com base nas pistas linguísticas incluídas no discurso epistolar e nos dados de foro biográfico disponíveis. Até ao momento, as duas situações enunciativas não passíveis de localizar temporalmente são as correspondentes aos *Anexos E e F*;
- (2) temporalmente, as cartas que compõem o *corpus* textual tiveram lugar entre o início da década de 60, mais especificamente a partir de 1962, ano em que os correspondentes se conheceram, e o final da década de 80, atendendo à janela

temporal – 1984-1988 – em que Natália exerceu o cargo de membro do CCS. Hipoteticamente, pode até ser considerada a data do ano de falecimento de Alfredo Luís Machado Lage – 1989 –, por se tratar de um ano em que se sabe que Natália se deslocou a França;

- (3) espacialmente, confirma-se que a emissão das cartas redigidas se inscreve, ora em países estrangeiros visitados por Natália (França e Hungria), ora no país onde Natália e Dórdio viviam, descortinando-se, assim, que as peças epistolares em estudo não surgem contextualizadas apenas em situações de ausência decorrentes de viagens realizadas pela autora. Outras situações justificaram o uso do objeto carta, para que Natália se fizesse presente, durante diferentes contextos de separação física, conforme é tratado no ponto seguinte desta *Parte III*;
- (4) no caso específico do *Documento 7 – Anexo G* –, que corresponde à carta endereçada a Natália, Dórdio faz uso do objeto carta, num contexto de uma zanga, que dá origem a uma ausência de caráter diferenciado. Isto é, deve-se ao “vazio permanente” que sente, perante aquilo que entende ser o progressivo “desamor” de Natália. Ele próprio, na carta, define essa ausência do modo seguinte: “[...] a ausência dos teus olhos abertos do meu amor, [...]”, percebendo-se que, nessa altura, em 1972, Natália já não se encontrava receptiva ao sentimento que nutria por ela.

Complementarmente, neste estudo, recorre-se ao trabalho de leitura analítica dos três postais arquivados na correspondência pessoal enviada a Dórdio, dado que as referências espaço-temporais incluídas nos mesmos também contribuem para a definição da janela temporal a que se reporta a correspondência trocada entre Natália Correia e Dórdio Guimarães.

Na época, era, pois, socialmente apreciado que se recorresse à correspondência, por meio de postal, quando alguém se deslocava para fora do país, por se tratar de um gesto de cortesia. Como consta, biograficamente, que Natália se ausentava para a realização de viagens no estrangeiro, no âmbito das atividades profissionais que exercia, faz sentido refletir-se sobre a prática social em apreço, tendo-se em conta o contexto do relacionamento que tinha com Dórdio Guimarães.

A partir da consulta do arquivo de Natália, percebe-se que, quando se deslocava para o estrangeiro, também recorria ao uso do postal, para manter contacto com Dórdio, conforme fazem prova os enunciados transcritos nos *Anexos H, I e J – Documentos 8, 9 e 10*, respetivamente.

Apesar de não ser possível reconhecer, nos postais em causa, as datas precisas da sua emissão, em confrontação com a biografia de Natália (Almeida, 1994), é possível chegar-se às localizações temporais seguintes:

- a. ano 1962 – Natália realizou uma viagem à capital da atual Eslováquia – Bratislava –, quando este território ainda pertencia à Checoslováquia. As *Figuras 4.1 e 4.2* correspondem ao postal enviado cujo enunciado está transcrito no *Anexo H*;



Figura 4.1 – Postal de Natália Correia a Dórdio Guimarães, de Bratislava; frente

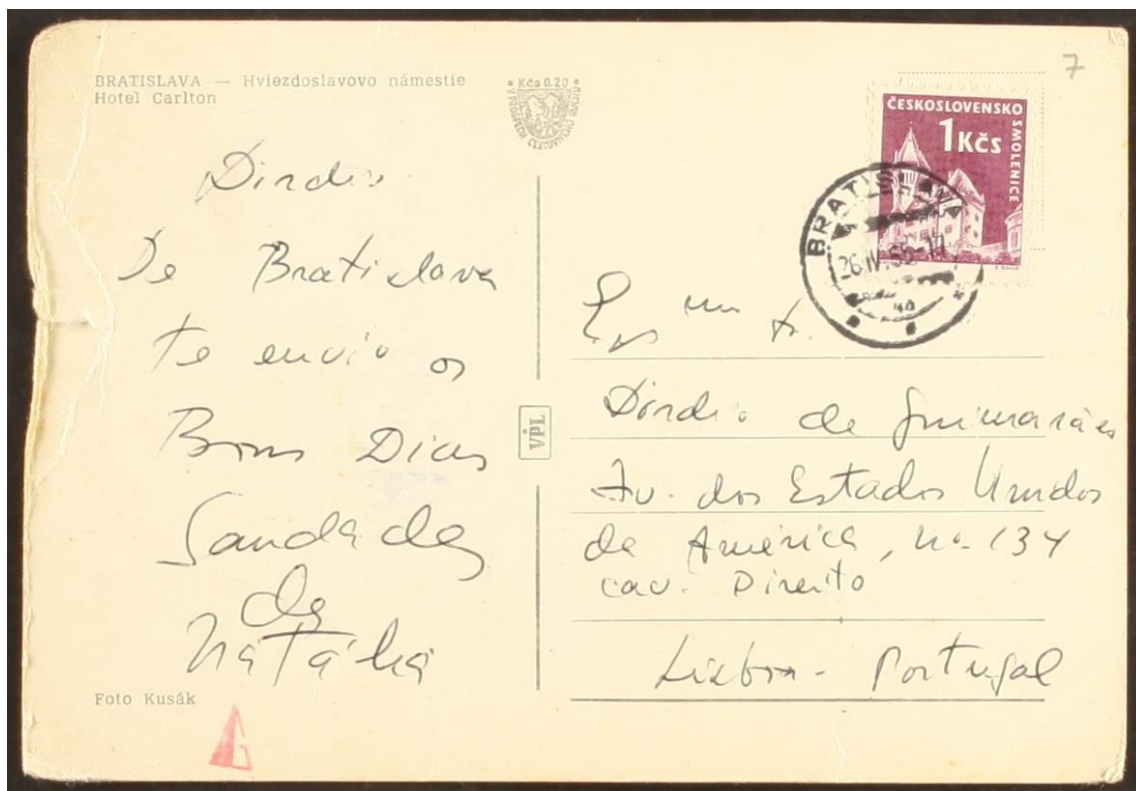


Figura 4.2 – Postal de Natália Correia a Dórdio Guimarães, de Bratislava; verso

- b. ano 1985 – segundo as notas biográficas de Almeida (1994), Natália realiza uma viagem à antiga União Soviética, com uma delegação portuguesa, a fim de participar num congresso de escritores soviéticos, cujo propósito era o debate da *perestroika*. No próprio postal – Figuras 4.3 e 4.4 – consta a inscrição da palavra *Mockba* – Moscovo –, para além da autora mencionar, no enunciado, o evento em causa: “Cá estou numa *perestroika* cujos aspetos “conservadores” me estão a deixar alarmada.”. O enunciado deste postal encontra-se transcrito no Anexo I;



Figura 4.3 – Postal de Natália Correia a Dórdio Guimarães, de Moscovo; frente

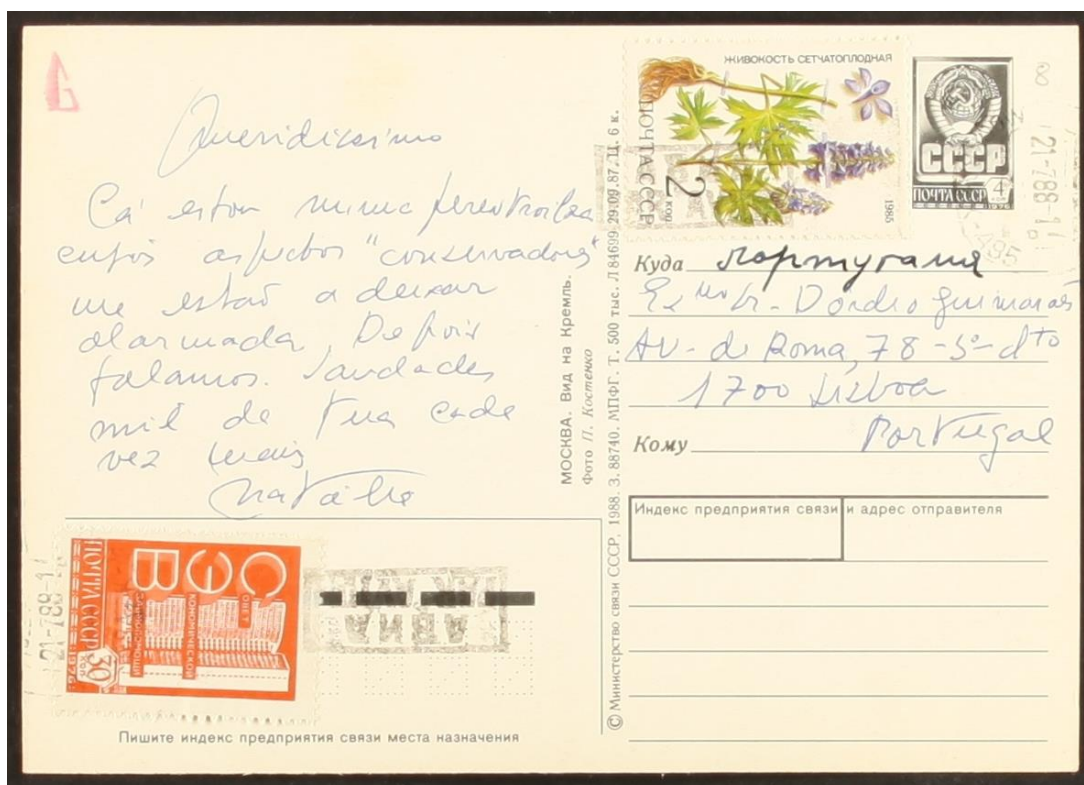
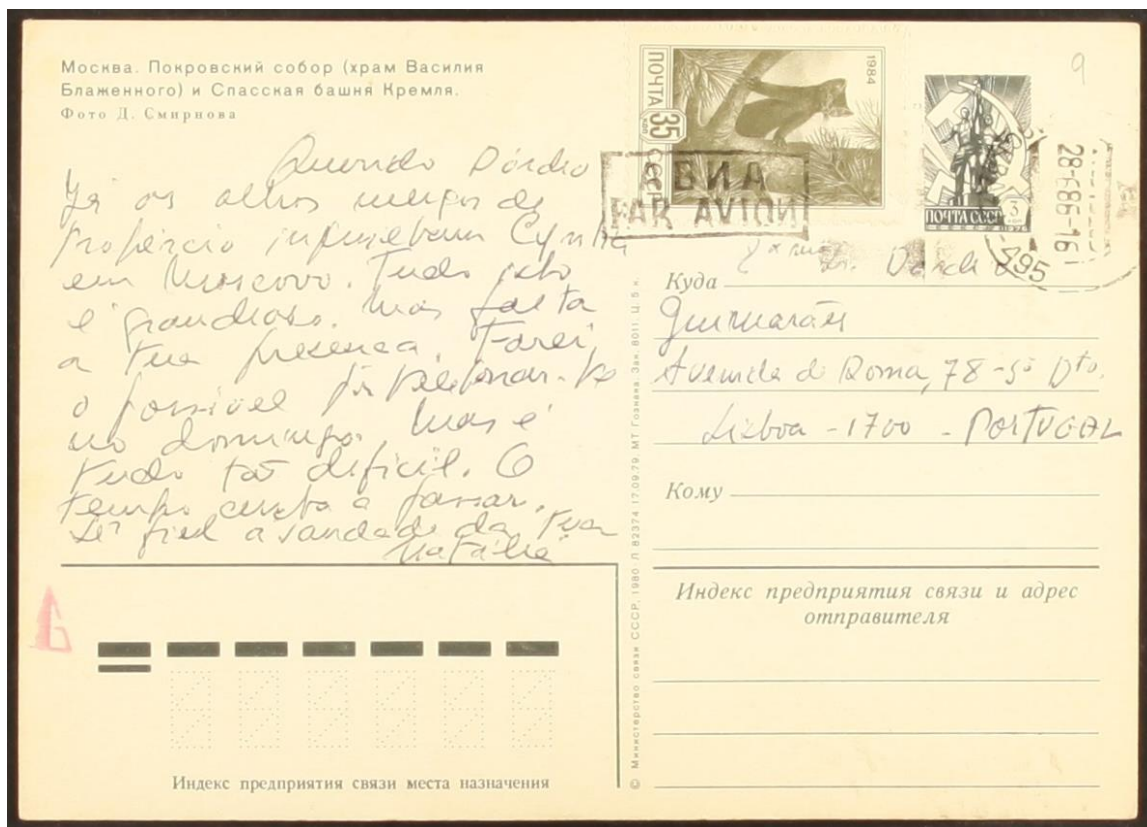


Fig. 4.4 – Postal de Natália Correia a Dórdio Guimarães, de Moscovo; verso

c. ano 1985 ou 1990 – biograficamente, consta que, em cada um dos dois anos mencionados, foi realizada uma viagem à antiga União Soviética, por parte de Natália. No entanto, se considerarmos a pista deixada pela data inscrita no selo do postal – *Figuras 4.5 e 4.6* –, que se refere ao ano 1984, presume-se que, provavelmente, também diz respeito à viagem realizada em 1985. O conteúdo deste postal está transcrito no *Anexo J*.



Figura 4.5 – Postal de Natália Correia a Dórdio Guimarães, de Moscovo; frente



4.6 – Postal de Natália Correia endereçado a Dórdio Guimarães, de Moscovo; verso

Após esta análise incidente sobre as coordenadas espaço-temporais das diferentes situações enunciativas que comportam o *corpus* textual deste estudo, percebe-se que se está perante um epistolário inédito cujas peças correspondem a fragmentos da vida privada de Natália Correia, no que toca ao relacionamento tido com Dórdio Guimarães, tal como já evidenciara Gameiro na obra *Memórias guardadas. Silêncios e ênfases nos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães* (2016).

Apesar de se estar perante testemunhos que espelham retalhos espaço-temporais da vida privada de Natália, torna-se possível a confirmação dos quatro aspetos seguintes:

- (1) Natália Correia utilizou a correspondência enquanto meio para comunicar com Dórdio Guimarães, em circunstâncias de afastamento físico. A maioria dos contextos identificados reporta-se a viagens realizadas no âmbito das atividades literária e política que exercia;

- (2) a totalidade dos testemunhos arquivados comporta um intervalo de tempo situado entre o ano em que se conheceram e os últimos anos do casamento de Natália com Alfredo Luís Machado Lage, porque surgem contextualizados nas décadas 60, 70 e 80. Deste modo, está-se perante indícios que remetem para a confirmação da perceção partilhada pela amiga Helena Cantos: a presença de Dórdio Guimarães, na vida de Natália, se fez continuada ao longo do tempo (Pedrosa, 1997), embora se esteja perante um epistolário cujo número de peças é reduzido;
- (3) as cartas e os postais endereçados a Dórdio Guimarães, cujas pistas linguísticas permitiram a determinação de presumíveis referências temporais, correspondem exclusivamente a atos de emissão que tiveram lugar nas décadas de 60 e 80;
- (4) a carta endereçada a Natália é a única peça epistolar que nos remete para o início da década de 70, correspondendo linearmente à altura em que Natália inicia um relacionamento amoroso com o primo José António Correia, conforme explanado no *Capítulo I*.

4.2. Os *topoi* das cartas endereçadas a Dórdio: a ausência no desembocar do discurso epistolar de Natália

Considerando-se os contextos que motivaram o uso da carta, por parte de Natália Correia, o tratamento do ponto anterior reverte para o reconhecimento de que, no âmbito do epistolário inédito em estudo, a ausência se afirma como o motor que despoleta os diferentes atos de escrita.

Na particularidade das diferentes situações identificadas no *corpus* analisado, são abordados, neste ponto, apenas os *topoi* constantes nas seis cartas de Natália endereçadas a Dórdio. Por sua vez, a análise pragmática da carta endereçada a Natália tem lugar no último ponto desta *Parte III*.

Neste âmbito, esclarece-se que foram criadas duas grandes categorias, tendo como referência as semelhanças identificadas nos *topoi* abordados nas cartas: (1) as cartas ou emitidas no estrangeiro ou sem referências espaço-temporais; (2) as cartas emitidas, presumivelmente, em Portugal. As cartas transcritas nos *Anexos A, D, E e F* correspondem

à categoria numerada com (1), ao passo que as transcritas nos *Anexos B e C* dizem respeito à categoria (2).

A partir deste momento, passa-se, então, à consideração dos *topoi* respetivos a cada uma das duas categorias de cartas constituídas:

(1) nas cartas relativas aos *Anexos A, D, E e F*, para além de se dizer a (a) ausência e os sentimentos específicos que dela decorrem, são abordadas temáticas relacionadas com os aspetos seguintes: (b) retoma de vivências dos correspondentes; (c) notícias decorrentes das viagens realizadas; (d) perceções acerca dos lugares visitados, conforme se procura evidenciar em seguida:

(a) expressão da ausência e dos sentimentos dela decorrentes – no discurso epistolar da autora sobressaem os aspetos seguintes:

- i. a necessidade sentida em relação à presença de Dórdio, que é manifestada no desejo de estar, fisicamente, com ele, tal como é característico no epistolar amoroso (Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b, 2012): “A necessidade da tua presença vai-se tornando uma coisa forte. Começo a desejar que tudo isto acabe para voltar para os teus braços.” (em *Anexo D*). O uso do gerúndio, na forma verbal “tornando”, espelha a ideia de continuidade subjacente a um sentimento que, no decorrer do tempo, para além de se prolongar, se intensifica: “[...] uma coisa forte.”;
- ii. o reconhecimento de que a separação física de ambos constitui uma condição para o despoletar de uma loucura, que alimenta a intensidade da relação, pois, quando se reencontram, é gerada a ilusão de que se trata sempre de uma primeira vez: “Quase desejo que esta separação se tivesse dado para sentir a loucura de voltar a ver-te. Espera-nos um princípio. É tão bom que entre nós tudo seja um começo perpétuo.” (em *Anexo A*). O ato de fala de expressão de desejo serve o propósito de estreitamento de laços entre os correspondentes, dado que, da situação de ausência, decorre a situação positiva da loucura sentida quando se dá o

reencontro de ambos (Palrilha, 2009). O uso do adjetivo qualificativo “perpétuo”, que é utilizado para caracterizar uma relação marcada por novos princípios, denota a necessidade que Natália sente em procurar manter viva a chama que singulariza o primeiro momento em que se conheceram. Para além disso, remete para a realidade de que o relacionamento deles se alimentava de reencontros. Estes aconteciam, certamente, de forma espaçada, devido à circunstância de Natália ser uma mulher casada, e, de certa forma, serviam para alimentar o amor partilhado;

- iii. o entendimento de que, entre os amantes, é inexistente a separação espiritual: “Creio que para os amantes não há separação [...]” (em *Anexo F*). Nesta citação, o uso da forma verbal “Creio”, no presente do indicativo, na 1.^a pessoa do singular, reforça a convicção do conteúdo afirmado, dando-se até, ao longo de toda a carta, no início de cada parágrafo, a repetição da expressão “Creio que [...]”, estando-se, assim, perante a figura de retórica anáfora. Outro aspeto a ser destacado, no contexto da frase incompleta transcrita acima, é o emprego da palavra “amantes”, porque declara o patamar atingido no relacionamento de ambos, na altura em que se dá o ato de escrita em causa. Pelo discurso epistolar de Natália, subentende-se que perceciona o sofrimento despoletado pela separação física como uma dor necessária à confirmação do sentimento amor: “[...] é para que eles sangrem o sangue que mais os une.”, chegando mesmo a afirmar que aprecia esse estado, justificando assim: “[...] e vou gostar de sofrer porque esse sofrimento é saber que o mundo está parado enquanto estamos separados e devo voltar para ti para que ele retome a sua evolução.”. O ato de fala de expressão de gosto empregue revela que Natália encontra na separação a confirmação de que a vida não

decorre na normalidade expectável quando se encontram nessa situação, logo precisam um do outro para que seja retomado o equilíbrio das rotinas. Na expressão em causa, Natália faz uso de uma linguagem figurada, que serve o propósito de realçar a relevância do sofrimento suscitado pela separação. Essa linguagem é identificável na expressão seguinte: “sangrem o sangue”, pois, para além de se estar perante uma metáfora, são identificáveis recursos expressivos de nível fónico: as figuras de retórica aliteração, pela repetição do som [s] da consoante “s”, e a assonância, pela repetição da vogal nasal [ẽ];

- iv. a ansiedade suscitada pela separação, que dá azo à contagem dos dias em que se prevê um reencontro, é maximizada com a inclusão de quantificadores numerais cardinais: “Dentro de quatro dias estaremos novamente juntos.” (em *Anexo A*); “Boas notícias: partimos no dia 19 e não no dia 20 como estava previsto. Menos um dia sem te ver! Mais um dia de vida!”. Complementarmente, o uso de pontuação expressiva serve o propósito de ser evidenciada a satisfação sentida, por se aproximar a data precisa em que se reencontrarão, não passando despercebida a confissão de que a presença de Dórdio lhe confere alegria aos dias. Esta estratégia de contabilização do tempo é também passível de ser identificada nas cartas de amor escritas por António Lobo de Antunes, sendo por ele designada como a “aritmética da saudade” (Seara, 2010: 92);

(b) retoma de vivências – no âmbito deste ponto, reconhecem-se os seguintes aspetos:

- i. o primeiro encontro de ambos é mencionado em diferentes peças epistolares. Nessas referências, Natália destaca sempre a expressão do olhar de Dórdio, numa lógica de elogio: “Creio que os teus olhos que me fixaram e sideraram no primeiro encontro serão a possibilidade de visão deste interregno. As coisas vão ficando

focadas pela maravilha dos teus olhos.” (em *Anexo F*); “[...] vi-o olhar-me através das águas como no fundo a primeira vez que quero que seja sempre a última.” (em *Anexo A*); “Peço-te que quando me fores esperar à estação tenhas os olhos do nosso primeiro encontro. Cada vez os amo mais. São tão húmidos, tão profundos.” (em *Anexo E*). Nas três transcrições realizadas, o olhar de Dórdio é sempre invocado e engrandecido, percebendo-se que se trata da parte do corpo de Dórdio que mais cativa Natália. Está-se perante o emprego de uma estratégia valorativa, que visa o reforço de uma aproximação em relação ao amado (Cunha e Sintra, 1994; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012). Na primeira citação, sobressai o emprego enfático da forma verbal “sideraram”, do latim vulgar **siderãre*, por *siderãri*, «ser tocado pela funesta influência dos astros» (<https://www.infopedia.pt>), pois Natália evidencia o estado de paralisação em que ficou quando se apercebeu da intensidade da luz do olhar apaixonado de Dórdio naquele que foi o primeiro encontro de ambos. Por sua vez, na segunda e terceira citações, alcança-se, em comum, a referência ao elemento água, quando procura qualificar, de forma expressiva, o olhar de Dórdio. Na segunda citação, subjaz a ideia de que ele a consegue ver com a clareza característica da água; na terceira citação, percebe-se que admira a emoção, que é estampada nos olhos de Dórdio, quando estes a observam lacrimejantes. Nestas duas situações, dá-se a expressão da vontade de esse olhar ser perpetuado, mas é na segunda que ocorre uma formalização direta de um pedido, com o emprego da forma verbal: “Peço-te”, na 1.ª pessoa do singular do presente do indicativo. Este ato de fala reforça o valor atribuído, por Natália, relativamente ao modo como Dórdio a olhava, tornando-se explícito que a entrega dele lhe trazia uma satisfação que pretendia estender no tempo. O emprego deste tipo de

linguagem valorativa, para além de reverter para a maximização do olhar do amado (Rodrigues, 2013), serve o estreitamento dos laços existentes entre Natália e Dórdio (Beugnot, 1990, citado por Ferreyrolles, 2010; Marco, 2007, citado por Palrilha, 2009), porque contribui para reforçar positivamente a imagem – o *ethos* – que o destinatário tem de si mesmo, com base no discurso enunciado pelo remetente. Está-se, assim, perante um processo de influência mútua, dado que o próprio discurso construído pelo remetente, que se faz baseado na imagem que ele tem do destinatário (Amossy, 1988; Landowski, 1988), acaba por influenciar a própria imagem que este tem de si mesmo (Marco, 2007, citado por Palrilha, 2009);

- ii. a menção a um poema redigido por Natália: “Teu olhar de planta submarina. Lembras-te deste meu poema?” (em *Anexo A*) marca a natureza dialógica inerente ao discurso mobilizado no texto epistolar. A partir do recurso à forma verbal “Lembras-te”, na 2.^a pessoa do singular do presente do indicativo, dá-se um reforço da coesão textual de um diálogo que se faz na ausência e, como tal, distanciada no tempo. Trata-se, pois, de um diálogo que se constrói com base em vivências prévias e, como tal, espelha a cumplicidade existente entre os correspondentes. A linguagem metafórica utilizada para apreciar o olhar de Dórdio faz-se apoiada num dos versos de um poema da autoria de Natália Correia: *A arte de ser amada*. No entanto, na metáfora empregue na carta, Natália substitui a palavra “amor” por “olhar”, visto que, na terceira estrofe do referido poema, consta a redação seguinte: “Teu amor de planta submarina/ procura um húmido lugar./ Sabiamente preencho a piscina/ que te dê o hábito de afogar.” (em <https://www.poesia-portuguesa.com>). Independentemente de o poema em questão ter sido ou não escrito para Dórdio, a frase

interrogativa utilizada por Natália, indicia uma elevada convivência relativamente às suas criações poéticas. Este aspeto relaciona-se, intimamente, com o facto de que ela via Dórdio Guimarães como a pessoa que melhor conhecia a sua obra, tal como referiu junto de José António Correia e de Helena Cantos, quando os procurou para dar a saber que decidira casar-se com ele (Pedrosa, 1997);

- iii. o conhecimento travado com os pais de Dórdio. Entre os amados, é recorrente a relevância atribuída à aprovação dos pais, daí a satisfação revelada relativamente ao facto de a terem apreciado positivamente: “Estou feliz por os teus pais terem gostado de mim. Eles não podem imaginar a emoção que tive quando falei com eles. São a tua origem, meu amor. São a origem da tua carne como eu sou (ou quero ser) a do teu espírito.” (em *Anexo A*). Natália expressa, de forma explícita, a importância que dá à opinião dos pais de Dórdio, a par de que revela a pretensão de constituir, para ele, o seu sustento espiritual. Nesta manifestação, pela aplicação da conjunção coordenativa disjuntiva “ou”, sobressai, por um lado, a incerteza de que já era esse alimento e, por outro lado, a valorização que sempre atribuiu às questões da espiritualidade, conforme referenciado na *Parte I, Capítulo I* (Dacosta, 2001; Campos, 2006);
- iv. a despedida de ambos, que teve lugar na estação de comboios, antes de uma partida para França: “A Branca falou de ti com muita ternura. Falou no teu olhar triste quando o comboio se afastou. E referiu-se a isso como alguém que respeita o amor.” (em *Anexo E*). A partir desta transcrição, percebe-se que Branca Miranda Rodrigues, a amiga de Natália, que também serviu de intermediária nas cartas de amor trocadas com José António Correia, não só tinha conhecimento do sentimento que existia entre ambos, como também o respeitava, de acordo com a percepção de Natália.

Também pode subentender-se que, sendo essa amiga tão próxima de Natália, a sua compreensão, relativamente ao sentimento partilhado, era-lhe, certamente, significativa, atendendo que se tratava de uma mulher condicionada à situação de casada. Tanto assim é que Natália se refere a esse posicionamento assim: “Feito dela, [...]”. Outro aspeto que carece de ser observado prende-se com uma nova referência ao olhar de Dórdio, que é qualificado como “triste”. Esta constatação remete para o entendimento generalizado no senso comum de que o olhar é o espelho da alma; como tal, os olhos de Dórdio refletiam o sentimento de tristeza suscitado pela separação decorrente da viagem;

(c) relato de notícias – cumprindo-se um dos dizeres do epistolário, Natália dá a saber:

- i. experiências relacionadas com os meios de transporte utilizados nas viagens, que surgem ancoradas no carácter dialógico inerente ao texto epistolar: na frase interrogativa “Já te disse que o autocarro que me estava destinado em Roma se chamava Cíntia?” (em *Anexo A*), sobressai a presença de um verbo *dicendi* – “disse”; por sua vez, no relato das peripécias acontecidas durante a viagem para Paris, reconhece-se uma repetição de ideias que é comum num discurso oral: “A viagem foi cheia de acidentes. Estivemos parados e tiveram de remover a neve das linhas. Daí termos que estar parados e só chegamos a Paris à meia-noite.” (em *Anexo E*). Entre as duas transcrições apresentadas, destaca-se, nesta análise, o conteúdo da primeira, dado que denuncia: por um lado, cumplicidade, pelo facto de Natália incluir a referência ao nome “Cíntia”, que era o nome de substituição que Dórdio utilizava para se referir a ela. É de lembrar que o nome em causa ficou mesmo consagrado como o nome de poesia atribuído a Natália, mediante a publicação das quatro obras poéticas que lhe foram dedicadas,

conforme tratado no *Capítulo I da Parte I*. No entanto, entre as peças endereçadas a Dórdio, consta apenas outro testemunho desta cumplicidade: o enunciado do postal correspondente ao *Anexo J*. Nesse discurso, consta: “Já os olhos meigos de Propércio enfureceram Cynthia em Moscovo.”, estando-se perante um discurso que, quando redigido na 3.ª pessoa, para designação própria – *Cynthia* – e do outro – Propércio –, aponta para os traços da linguagem espontânea patente no epistolar amoroso, para além de evidenciar, com o emprego da forma verbal “enfureceram”, a faceta temperamental que tanto singularizava Natália Correia; por outro lado, a crença de Natália relativamente à existência de situações predestinadas, confirmando-se, também no seu discurso epistolar, de que se tratava de uma mulher que interpretava sinais do destino em factos circunstanciais. Ela respeitava muitíssimo a dimensão esotérica das coisas, tratando-se até, se calhar, da razão principal por que tinha tanto medo de estar sozinha, pois, segundo a revisão bibliográfica realizada, consta que Natália se dizia amedrontada com vozes que ouvia (Dacosta, 2001; Campos, 2006);

ii. atividades realizadas nos locais onde se encontrava: “Esta tarde estive em casa do Michaux que me ofereceu dois livros.” (em *Anexo A*); “O programa por enquanto é ver duas ou três peças de teatro e alguns filmes (Bergman e Buntel) que passam em Paris.” (em *Anexo E*). Na primeira transcrição, é de realçar a valorização dada ao facto de lhe terem sido oferecidos dois livros, verificando-se uma necessidade de contar tal circunstância, a par de que acrescenta, no seu discurso, que se propôs a realizar a sua tradução. Esta refere-se, certamente, à obra de Michaux – *Postes angulares* –, que foi traduzida por Natália Correia e publicada só em 1973, conforme referido por Costa (2005). Perante a partilha, que é feita na carta, percebe-se que se está perante uma temática cujo domínio era do

interesse comum dos correspondentes: o campo literário. Por sua vez, no que toca à segunda transcrição, fazem-se notar dois aspetos: um prende-se com o facto de que Natália, sendo uma mulher culta, não dispensava a oportunidade de estar em Paris, para ir assistir às peças de teatro e aos filmes disponíveis; o outro aspeto relaciona-se, intimamente, com a menção que é feita ao autor cinematográfico, que se fazia conhecer pelos dois nomes indicados, percebendo-se que, sendo Dórdio um cineasta, o aspeto abordado era do interesse dele, servindo, assim para reforçar a proximidade existente entre ambos os correspondentes (Siess, 1998_b; Palrilha, 2009). Como é possível observar até ao momento, as temáticas abordadas reportam-se a afinidades partilhadas pelos correspondentes, que incidem, mais especificamente, no gosto pelo domínio artístico, para além de se reportarem a rotinas, tal como é recorrente no epistolário amoroso (Seara, 2006_a, 2011_b, 2013);

- (d) partilhas acerca dos lugares visitados – assumem as duas formas seguintes:
- i. uma perceção acerca de uma cidade visitada: “Budapeste é sem dúvida uma das cidades mais bonitas que visitei.” (em *Anexo A*). O elogio é intensificado a partir do emprego do grau superlativo relativo de superioridade, confirmando-se, por um lado, que Natália já visitara muitas cidades e, por outro lado, que, entre o conjunto das visitadas, Budapeste constituía, para ela, uma das mais belas. Este testemunho reforça, assim, os dados biográficos que apontam para Natália como uma mulher viajada;
 - ii. uma breve descrição do espaço onde se inscreve o ato de escrita de uma das duas cartas escritas em Paris: “Estou a escrever-te tendo na frente uma paisagem de telhados escuros onde a neve se amontoa. É um cenário para nós, filhos do Sol, tem muito de literário.” (em *Anexo E*). As indicações dadas, de forma precisa, em

relação ao espaço observado por Natália, apesar de incluídas numa frase de curta extensão, permitem uma reconstituição mínima, por parte do leitor, da cena em que se inscreve o ato de escrita. Para além disso, é pertinente que, em relação à segunda frase da transcrição anterior, sejam realizadas duas constatações: (1) Dórdio e Natália são reconhecidos, por ela própria, como pessoas iluminadas pela arte literária. A metáfora aplicada – “[...] filhos do Sol [...]” – conduz, pois, à interpretação de que ambos, munidos da mesma linguagem poética, eram capazes de identificar traços singulares no cenário em causa; (2) Natália reconhece, no cenário, traços de literariedade. Esta leitura deve relacionar-se, certamente, com o facto de que vê, no contraste existente entre o negrume dos telhados e a brancura da neve, uma oposição lógica inerente às duas cores. Isto é, apesar de as cores branco e negro se oporem, não são incompatíveis, estando, assim, implícito o sentido que define a figura de retórica antítese enquanto recurso expressivo situado a nível semântico. Conforme abordado no *Capítulo I*, Natália e Dórdio partilhavam afinidades, entre as quais a escrita literária, daí que seja tomado como natural este tema numa conversa feita à distância (Siess, 1998_b). Confirma-se, assim, que a aproximação existente entre os correspondentes está, em parte, relacionada com a atividade literária que desempenhavam, conforme já observado em (c) ii;

(2) nas cartas transcritas nos *Anexos B e C*, é revelada uma preocupação tormentosa relativamente à ausência de Dórdio por doença, entre outros aspetos:

(a) na carta relativa ao *Anexo B*, está-se perante uma verbalização dos sentimentos de:

- i. sofrimento – “Não quero que imagines os tormentos que tenho passado, com o meu coração ferido com um pinhal com dois gumes.”. Natália esclarece a metáfora utilizada, explicitando o

motivo que justifica o sofrimento que diz trespassar-lhe, duplamente, o coração: “As duas pessoas que mais amo sujeitas a intervenções cirúrgicas [...]”. Perante esta declaração, percebe-se que amava Dórdio, ficando por desvendar quem, na mesma altura, foi também submetido a alguma operação. Se fossem tidos em conta os testemunhos dos amigos mais próximos de Natália, a outra pessoa a quem poderia estar a referir-se seria, certamente, o marido, Alfredo Luís Machado Lage, dado que ele é reconhecido por eles como o homem que Natália mais amou (Pedrosa, 1997; Dacosta, 2001). No entanto, no corpo da carta, consta a referência seguinte: “O Alfredo ficará menos no Porto.”. A partir deste dado, fica-se a saber que, apesar de o marido viver com Natália, em Lisboa, na altura em que se inscreve o ato de escrita, costumava passar bastante tempo na cidade do Porto; como tal, esta referência ajuda a esclarecer o facto de que Natália não se referia a Alfredo Luís Machado Lage como a outra pessoa a quem mais amava;

- ii. solidão – decorrente do estado de saúde de Dórdio, Natália sintetiza o seu estado numa frase curta: “Estou só.”; posto isto, percebe-se em que medida a presença de Dórdio era significativa na vida dela, constituindo um conforto, perante a angústia de estar sozinha, tal como é referenciado, biograficamente, por Campos (2006);
- iii. desespero – “Preciso mais do que nunca de ti, da tua ternura, da tua compreensão para os meus erros que, agora, infelizmente, nem sequer posso cometer”. Percebem-se duas questões neste pedido: (1) uma espécie de subjugação à condição em que se encontrava, podendo até relacionar-se com o facto de ocupar, na altura, um cargo de natureza pública (era deputada), que a obrigava a realizar tarefas de gestão que abominava; (2) uma admiração sentida por

Dórdio, devido, sobretudo, à forma como a tratava, a compreendia e a ajudava a contornar as suas fragilidades. Ela acusa, assim, uma elevada consciência das suas limitações, tal como é evidenciado nas obras natalianas referenciadas no *Capítulo I* (Almeida, 1994; Costa, 2005; Campos, 2006) e em alguns artigos de jornal onde constam entrevistas realizadas a Natália. Perante esse cenário, deduz-se que entendia a presença de Dórdio como um suporte à colmatação de dificuldades que lhe eram intrínsecas. Estas relacionavam-se, sobretudo, com a capacidade de gerir uma vida comum: “A sensatez é-me necessária para sobreviver num mundo de documentos e números que abomino.”;

(b) na carta referente ao *Anexo C*, o discurso epistolar inscrito:

i. trata-se de uma reiteração dos sentimentos de sofrimento e desespero plasmados na carta tratada na alínea anterior:

1. sofrimento – “[...] enquanto a discussão das más presenciais corre à margem da minha dor, sinto-me dilacerada por garras que o destino cravou subitamente na minha vida [...]”. Natália faz uso de uma linguagem figurada na caracterização do seu estado, deixando transparecer, assim, que estava alheia ao conteúdo discutido no plenário em que se encontrava. Totalmente absorvida pela preocupação que a consumia, encontra no ato de escrita da carta um meio de desabafo face a uma situação que define como inesperada. O emprego expressivo do advérbio de predicado com valor modal “subitamente” dá essa informação;

2. desespero – “volta à vida para me ajudares a atravessar este deserto onde me sinto perdida. Desculpa o egoísmo. Mas amar é precisar.”. Na transcrição realizada, constam dois atos de fala expressivos que correspondem a pedidos: no primeiro pedido, sobressai o quanto Natália revela necessidade em

fazer-se acompanhar por Dórdio, no seu dia a dia; por sua vez, o segundo diz respeito a um pedido de desculpas relativamente ao que lhe é solicitado no pedido prévio. Este ato de pedir desculpa trata-se de um costume social cuja cortesia acusa arrependimento (Palrilha, 2009), pois, deste modo, Natália procura minimizar a situação em que lhe pede para satisfazer as suas carências, quando, na verdade, a prioridade deveria ser procurar atender às necessidades de Dórdio;

- ii. acrescenta informação que possibilita o reconhecimento da pessoa a quem Natália se refere na carta analisada anteriormente. Natália afirma: “[...] atingindo cruelmente dois seres que tão profundamente amo. Ele – o meu estremecido pai, o querido ombro onde durante tantos anos repousei do cansaço das minhas fantasias.”. Perante esta declaração, descortina-se que, afinal, Natália também se reportava ao pai na outra carta, pelo que se pressupõe que o intervalo de escrita entre ambas seja relativamente curto. É pertinente abordar que, ao longo da sua obra, as referências ao pai escasseiam, constando, biograficamente, que se reencontram, apenas em 1952, em Lisboa, nomeadamente quando regressou no mesmo navio em que a mãe e a irmã partiram para o Brasil (Campos, 2006). Na confissão realizada por Natália, em relação aos sentimentos nutridos pelo pai, sobressai o emprego do advérbio de quantidade e grau “tão” associado ao advérbio de predicado com valor de modo, na expressão “tão profundamente”, servindo ambos o propósito de ser plasmada a intensidade da dor sentida. Dado que nas obras natalianas sempre é destacada a presença e a influência de sua mãe, Maria José de Oliveira, é pertinente considerar-se que, perante o emprego da expressão “querido ombro”, se desnuda o

facto de que, apesar da distância espacial e temporal, que marcou os destinos de Natália e do seu pai, foram guardadas boas memórias dele. A anteposição do adjetivo “querido” decorre do emprego de uma linguagem afetiva que espelha o bem-querer que lhe tinha, embora seja possível verificar, em testemunhos dados por Natália, por exemplo em situações de entrevista, que ela sempre procurava destacar o abandono e o vício do pai (Costa, 2005). Perante o exposto, percebe-se que, no âmbito do discurso epistolar de Natália, sobressai o sentimento de um grande amor antes não manifestado.

Terminada esta abordagem, constata-se que o *topos* que surge, comumente, nas seis peças epistolares analisadas, é o dizer-se a ausência e os sentimentos que dela advêm. Esta constatação relaciona-se, intimamente, com dois aspetos: por um lado, a condição primeira do ato de escrita epistolar é a ausência, conforme a revisão bibliográfica realizada (Brenot, 2000; Seara, 2006_a, 2008_b, 2011_b, 2012, 2013); por outro lado, o discurso epistolar cumpre, essencialmente, uma função expressiva, por isso, embora ocorra a inclusão de outros *topoi* também recorrentes no epistolar (por exemplo, as rotinas diárias), sobrepõe-se a expressão de sentimentos e emoções (Siess, 1998_b).

4.3. A natureza do amor de Natália por Dórdio: as rotinas verbais na base da confirmação?

No âmbito deste ponto, procura-se contribuir para o esclarecimento da natureza do amor sentido por Natália, contextualizando-a em função de períodos de tempo organizados por décadas. Como tal, são tomadas para análise as rotinas verbais de abertura, de pré-fecho e de fecho presentes nas seis cartas endereçadas a Dórdio Guimarães, para que se estabeleça uma relação entre os conteúdos plasmados nessas sequências fáticas e as janelas temporais passíveis de definição até ao momento, para quatro das seis cartas consideradas nesta análise. Decorrente dos aspetos de conteúdo incluídos nas duas cartas onde não constam referências temporais, tornar-se-á possível estimar em que década se deu a emissão dos dois atos de escrita em causa.

Como se sabe que Natália permaneceu casada até ao final da década de 80 e que, apesar de ter conhecido Dórdio Guimarães no início da década de 60, se relacionou, amorosamente, com o primo José António Correia, no início da década de 70, faz sentido perceber-se em que medida as peças epistolares disponíveis para análise se traduzem em testemunhos efetivos de um relacionamento de três décadas marcado por diferentes períodos de tempo.

Considerando-se, especificamente, as quatro cartas das seis endereçadas a Dórdio, cujas janelas temporais se encontram explicitadas no primeiro ponto desta *Parte III*, constata-se que duas surgem ancoradas na década de 60 – *Anexos A e D* –, ao passo que outras duas na década de 80 – *Anexos B e C*. Por sua vez, os *Anexos E e F* correspondem às duas cartas que não incluem pistas linguísticas suficientes à determinação de coordenada temporal, tendo em conta a análise realizada até ao momento, conforme sistematiza o quadro-síntese seguinte.

Quadro 4.2

Anexos	Janelas espaço-temporais	
	Tempo	Espaço
Anexo A	1962-1965	França (Paris)
Anexo B	1984-1988	Portugal (hospital)
Anexo C	1984-1988	Portugal (Lisboa)
Anexo D	1967	Hungria (Budapeste)
Anexo E	-----	França (Paris)
Anexo F	-----	-----

Tendo em conta que o início da década de 60 corresponde ao período em que Natália travou conhecimento com Dórdio, enquanto o final da década de 80 diz respeito à fase mais conturbada da sua vida, quer pela situação de ter deixado de ser deputada da

Assembleia da República, sem direito a usufruir de reforma, quer pela circunstância da morte do marido Alfredo Luís Machado Lage, em 1989 (Almeida, 1994), passa-se, então, à sistematização das rotinas verbais de abertura, de pré-fecho e de fecho identificadas nas seis cartas em análise, para que, posteriormente, sejam estabelecidas conexões relevantes para uma descodificação dos sentimentos de Natália em relação a Dórdio, que se pretende ancorada em referências temporais.

As rotinas verbais mencionadas são apresentadas, sob o formato de quadro, em relação a cada uma das seis cartas, para ser facilitado o contacto direto com o conteúdo e a forma que assumem. A sequência adotada toma como modelo a sucessão seguinte: (1) cartas emitidas na década de 60; (2) cartas emitidas na década de 80; (3) cartas emitidas em década indefinida (a ser determinada).

Em relação a cada um dos três pares de cartas incluídos na sequência tratada em seguida, faz-se uma análise pragmática das rotinas verbais identificadas, de modo que, no final do processo, seja possível reconhecer-se o tipo de relacionamento desenvolvido, pelos correspondentes, em janelas temporais diferenciadas.

(1) Cartas emitidas na década de 60

Quadro 4.3

Rotinas verbais em Anexo A		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<p><i>Amor adorado</i></p> <p><i>Vem, gatinho, a tua voz em Paris soou-me como uma reconciliação inevitável.</i></p>	<p>-----</p>	<p><i>Adeus, meu adorado gatinho. Não me esqueças. O teu Pépé pertence-te agora mais do que nunca e só quer que o ames muito para viver em toda a liberdade e confiança o grande grande amor que te tem.</i></p> <p><i>Tua sempre.</i></p>

Quadro 4.4

Rotinas verbais em Anexo D		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<p><i>Meu querido Dórdio</i></p> <p><i>Não sei se esta carta chegará às tuas mãos. De qualquer forma devo escrever-te de Budapeste.</i></p>	<p><i>Não sei escrever cartas grandes e muito menos em viagem. Só sei que te quero muito, que me entenece dolorosamente sabê-lo e que em breve o lerás nos meus olhos.</i></p>	<p><i>Oh! Que saudade</i></p>

No âmbito da estrutura prototípica das rotinas verbais de abertura, observa-se que, no conjunto das duas cartas, para além de estar sempre incluída, num lugar de destaque, à esquerda, (a) uma expressão apelativa conjuntiva, que indica a existência de uma relação próxima e íntima entre os correspondentes, cada uma das peças epistolares também apresenta (b) atos de fala que valem consideração nesta análise:

- (a) no Anexo A, a expressão apelativa conjuntiva obedece à estrutura que inclui a categoria genérica do vínculo afetivo – “Amor” – e um adjetivo – “adorado” –, ao passo que, no Anexo D, se apresenta num formato mais recorrente: determinante possessivo – “Meu” –, adjetivo – “querido” – e nome próprio do destinatário – Dórdio. Segundo Seara (2008_a), nas situações em que se utiliza um determinante possessivo, dá-se uma maior afirmação do relacionamento existente; no entanto, nesta situação de análise, a expressão constante em A reporta de forma mais imediata para a existência de uma relação amorosa comparativamente à empregue em D, devido ao conteúdo semântico das duas palavras empregues;
- (b) nos Anexo A e D, após a expressão apelativa conjuntiva, não se dá a inclusão de uma sequência de atos, conforme a estrutura prototípica de rotinas verbais de abertura prevista por Seara (2006_a, 2008_a). Esta é uma das particularidades

suscetíveis de acontecer no texto epistolar, conforme também é mencionado pela autora referenciada. Verifica-se, assim, apenas os aspetos seguintes:

1. em A, está-se perante um chamamento, com o emprego de uma forma verbal oralizada – “Vem” – e de um vocativo, que corresponde a um nome de substituição atribuído ao destinatário – “gatinho”. Este nome, no grau diminutivo, corresponde a uma forma nominal característica da mimetização da linguagem infantil, que expressa bem-querer, tratando-se, assim, de uma marca de linguagem do epistolar amoroso (Seara, 2008_b, 2011_b). Na correspondência pessoal trocada entre Maria Helena Vieira da Silva e Mário de Cesariny, mais precisamente na carta que se encontra publicada no artigo de jornal intitulado *Carta de Mário Cesariny a pintora Vieira da Silva*, também se está perante o uso de formas nominais intimistas, que se referem a gatos. Estas, embora empregues num contexto de amizade, também se constituem como evidências da proximidade existente entre a pintora e o escritor supramencionados, conforme é constatado na análise pragmática realizada por Seara (2013). Por sua vez, com as cartas de amor escritas por António Lobo Antunes, que se encontram publicadas na obra *D`este viver aqui neste papel descripto* (2005), percebe-se que esta forma de expressão também pode espelhar sensualidade (Seara, 2010). Está-se, pois, perante uma metáfora animal cujo emprego recorrente em peças epistolares reflete uma elevada cumplicidade dos correspondentes, conforme pode ser reconhecido no emprego da expressão seguinte: “Vem, gatinho, [...]”. Para além dos aspetos observados, realça-se o facto de que a expressão em análise reúne características de uma conversa *in locus*, não só pelo emprego de uma forma verbal – “Vem” –, na 2.^a pessoa do modo imperativo, mas também pela retoma daquele que terá sido, certamente, o último contacto dos correspondentes: “[...] a tua voz em Paris soou-me como uma reconciliação inevitável.”. Presume-se que

este tenha sido realizado telefonicamente, pois Natália menciona a voz de Dórdio. Noutro contexto de interação destes correspondentes, que se refere ao enunciado do postal reproduzido no *Anexo J*, percebe-se que, aquando das viagens, Natália também lhe telefonava: “Farei o possível por telefonar-te no domingo.”. No contexto da carta em análise, é pertinente ter-se presente que a alusão feita por Natália possibilita a subordinação do seu discurso epistolar a uma temática de conversa recente de ambos, embora a mesma se reporte a outro tipo de situação interacional. No que toca à caracterização da voz de Dórdio, é feita com a enumeração de três adjetivos, que põem em relevo a afetividade sentida por ele (Azeredo, Pinto e Lopes, 2012). Por sua vez, a repetição do uso de um diminutivo, para além de reforçar essa dimensão, espelha a intimidade existente entre ambos: “[...] vozinha terna, suplicante, desesperada.”. Desta forma, está-se perante a confirmação de que o uso do diminutivo encerra em si uma carga afetiva (Cunha e Sintra, 1994; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012);

2. por sua vez, em *D*, está explícita a noção de pacto epistolar que Natália assume para si mesma, pois refere o facto de que deve escrever para Dórdio independentemente de a carta chegar ou não ao destino. O emprego do verbo auxiliar “dever”, que surge associado à forma verbal do verbo principal – “escrever-te” –, veicula informação modal, que dita o compromisso que define em relação à correspondência de ambos. No entanto, não aparece nenhuma menção ao facto de que espera uma resposta da parte de Dórdio. Este comprometimento de Natália relaciona-se, intimamente, com o facto de que encontra no ato de escrita um consolo para a distância espacial e temporal em que se encontram, conforme testemunha a transcrição da frase seguinte: “A necessidade da tua presença vai-se tornando uma coisa muito forte.”. Perante esta declaração, depreende-se que, com o ato de escrita, se sente mais próxima de Dórdio, tal como acontece em relação aos

apaixonados no epistolar amoroso (Seara, 2006_a, 2011_b, 2012). Nas diferentes peças epistolares que comportam o *corpus* textual, a ideia de compromisso relativamente ao ato de escrita só tem lugar na carta em análise e na transcrita no *Anexo E*: “Voltarei a escrever-te antes de partir.”. Percebe-se, claramente, que se está perante uma correspondência cujo propósito se relaciona, sobretudo, com a necessidade de ser suprimida uma ausência cuja contextualização se relaciona com as viagens realizadas por Natália (Seara, 2006_a, 2011_b), pelo que não se está perante uma correspondência marcada pela transitividade característica de trocas epistolares marcadas pela frequência (Altman, 1982; Cornille, 1983).

Relativamente às rotinas de pré-fecho, no conjunto das seis cartas, apenas são incluídas numa carta, pelo que não se dará, novamente, azo ao seu tratamento. É apenas na carta transcrita no *Anexo D* que Natália anuncia o término do ato de escrita, justificando a brevidade do texto assim: “Não sei escrever cartas grandes e muito menos em viagem.”. Logo em seguida, declara o desejo sentido por Dórdio, tratando-se de uma estratégia que, para além de colmatar algum impacto negativo, decorrente da conclusão do texto epistolar, também reverte para reforçar a intimidade de ambos: “[...] te quero muito [...]”.

Quanto às rotinas verbais de fechamento, é possível constatar-se que, no *Anexo A*, a despedida se faz de forma expansiva, enquanto, no *Anexo D*, assume um carácter, que, apesar de abreviado, cumpre o propósito de desabafo; como tal, passam a ser consideradas cada uma por si:

- a. no *Anexo A*, é de realçar que Natália retoma o emprego do nome de substituição utilizado na rotina de abertura da mesma carta – “gatinho”. Para além disso, dá-se conta da presença de outro nome de substituição, que lhe era atribuído por Dórdio: “Pépé”, sendo o mesmo também incluído noutra carta – *Anexo F* –, nomeadamente antes do elemento peritextual assinatura. Este nome não é referenciado em nenhuma da bibliografia consultada, pelo que se dá o acrescentamento de informação relativa a outro nome de substituição usado para além de *Cynthia* (Cíntia). Quando empregue por Natália, verifica-se o uso

associado ao determinante possessivo respeitante à 2.^a pessoa do singular – “teu” –, tratando-se de uma marca que indicia o sentido de entrega de Natália em relação a Dórdio. Na despedida em apreço, Natália reforça essa entrega quando confirma, de forma explícita, que lhe pertence “[...] mais do que nunca [...]”. Por sua vez, a própria forma como assina a carta também reverte para esta confirmação: “Tua sempre”, estendendo-se este formato na maioria das cartas. Esclarece-se ainda que o uso dos advérbios de quantidade e grau – “mais” – e de predicado com valor temporal – “nunca” e “sempre” – servem o propósito de ser intensificada a profundidade do sentimento revelado. Numa lógica de engrandecimento do amor que sente, constata-se também o emprego repetido do adjetivo “grande” na situação de anteposição;

- b. no *Anexo D*, a interjeição “Oh!”, acompanhada de pontuação expressiva, que antecede a expressão enfática “Que saudade”, serve a intenção de ser posto em evidência o sentimento que decorre da ausência.

Perante a análise pragmática realizada, que se suportou no reconhecimento de mecanismos retóricos utilizados, observa-se que, no âmbito das duas cartas contextualizadas na janela temporal correspondente à década de 60, se está perante rotinas verbais cuja linguagem utilizada revela uma intimidade característica de um relacionamento de foro amoroso.

Deste modo, e tendo-se em conta a análise prévia dos *topoi* relativos a estes dois textos epistolares, confirma-se que, em relação às duas cartas analisadas, se está perante a presença de um discurso epistolar amoroso.

(2) Cartas emitidas na década de 80

Quadro 4.5

Rotinas verbais em <i>Anexo B</i>		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<i>Meu tão querido Dórdio</i>	-----	<i>Pensa em mim, meu amor. Pensa numa Torre de Belém de onde</i>

<i>Quis o destino e a muito vontade ambos tendo o Espírito Santo como aliado que eu chegasse a tempo de estar aqui enquanto és operado.</i>		<i>partimos para uma lindíssima viagem. Era Julho... Acredita em eterno retorno.</i>
---	--	--

Quadro 4.6

Rotinas verbais em Anexo C		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<i>Meu amor</i>	-----	<i>Ó meu irmão, ergue-te desse leito e volta à vida para me ajudares a atravessar este deserto onde me sinto perdida. Desculpa o egoísmo. Mas amar é precisar.</i>

Considerando as duas peças epistolares localizadas na década de 80, nota-se que, em relação à estrutura prototípica das rotinas de abertura, também se dá a inclusão de um(a):

- (a) expressão apelativa conjuntiva destacada à esquerda do corpo do texto. Nas duas rotinas de abertura em análise, dá-se o emprego do determinante possessivo “Meu”, que serve de confirmação ao tipo de relacionamento existente (Seara, 2008_a). No entanto, na constante no *Anexo B*, destaca-se o acrescentamento do advérbio de quantidade e grau “tão”, porque, no conjunto da correspondência em análise, é a única expressão apelativa conjuntiva com tal variância. Decorrente do contexto do ato de escrita em causa, que se reporta à situação de ausência de Dórdio, pelo tormento decorrente de se encontrar a ser intervencionado cirurgicamente, admite-se que o emprego de tal advérbio se relaciona com a intensidade da ânsia sentida por Natália;
- (b) ato de fala que serve um fim específico, conforme se procura explicitar:
 1. no *Anexo B*, Natália inicia a conversação, por meio da carta, mobilizando, de um modo mais indireto, um agradecimento ao Divino Espírito Santo, por ter

sido capaz de chegar, atempadamente, ao hospital, durante a cirurgia de Dórdio: “Quis o destino e a muita vontade ambos tendo o Espírito Santo como aliado [...]”. Portanto, dá-se a inclusão de um ato de agradecimento, mas que se reporta à situação vivenciada, inferindo-se que Natália há de ter passado por constrangimentos, para conseguir estar presente. O estado psicológico de gratidão revelado contribui para espelhar a devoção de Natália relativamente à Terceira Pessoa da Trindade, conforme consta biograficamente (Campos, 2006);

2. por sua vez, no *Anexo C*, dá-se a abertura da conversa com a indicação espacial seguinte: “Estou no plenário do CC.S [...]”, dando-se logo azo à abordagem do sofrimento decorrente das circunstâncias da doença de Dórdio, pelo que se considera que, neste caso, não se está propriamente perante a presença de um ato de fala integrado unicamente na sequência fática de abertura em análise.

No que toca às rotinas verbais de fecho, constata-se que, nestes dois casos da correspondência relativa à década de 80, as despedidas apresentadas fogem às formas estereotipadas, pelo que, para serem bem descortinadas, têm de ser consideradas, forçosamente, no contexto da situação que motivou o uso de cada carta como meio de comunicação. Neste sentido, os conteúdos plasmados nas despedidas constantes nos *Anexos B* e *C* têm de ser interpretados, tendo como referência a circunstância de hospitalização de Dórdio:

- (1) no *Anexo B*, provavelmente, por Dórdio se encontrar anestesiado, Natália despede-se com o emprego de uma forma verbal – “Pensa” –, na 2.^a pessoa do modo imperativo, sobressaindo, assim, a formulação de dois pedidos: “Pensa em mim, meu amor.”; “Pensa numa Torre de Belém de onde partimos para uma lindíssima viagem. Era Julho...”. Na primeira citação, a inclusão do vocativo “meu amor” testemunha que Natália se dirige a Dórdio, revelando, com delicadeza, o sentimento nutrido por ele. No entanto, considerando-se os conteúdos plasmados no corpo da carta em apreço, constata-se que, apesar de Natália identificar Dórdio como uma das duas pessoas que mais ama, dirige-se a ele

também desta forma: “Meu amado amigo”. Posto isto, pode dizer-se que, nesta carta, cuja janela temporal se situa entre 1984-1988, é declarado um amor cuja natureza parece ser distinta da identificada nos testemunhos da década de 60; por sua vez, considerando-se, em particular, a segunda citação, verifica-se que, de forma indireta, apela à lembrança do primeiro encontro que tiveram, a partir da referência que faz ao mês de julho, para além de que a própria menção à Torre de Belém se apresenta como o despontar de um cenário idealizado para ambos. De certa forma, pode ser depreendido que Natália, para além de querer prender Dórdio às memórias do relacionamento amoroso da década de 60, também aponta para a possibilidade de as mesmas serem retomadas numa viagem idealizada. Logo à partida, estas duas ideias podem ser entendidas como contraditórias, porque, se o amor sentido por Dórdio já não encerrava em si a loucura e o desejo retratados na correspondência da década de 60, por que razão tinha ele de se agarrar às memórias de uma paixão vivenciada num tempo passado? No entanto, se forem considerados os testemunhos das amigas mais chegadas de Natália, conforme explanado no *Capítulo I da Parte I*, percebe-se que a dimensão do desejo carnal não constituía um foco de interesse maior para Natália, pelo que a ausência de manifestações fogosas não se traduz, necessariamente, na inexistência de um amor profundo. Em análise adicional, consideram-se as despedidas constantes nos dois postais emitidos também na década de 80, atendendo que se singularizam pela presença de uma intimidade que aponta para uma entrega semelhante à identificada nas peças epistolares inscritas na década de 60: no *Anexo I*, na despedida – “Saudades mil da tua cada vez mais” –, na expressão “Saudades mil” observa-se uma linguagem hiperbólica característica do epistolar amoroso; por sua vez, no *Anexo J*, no pedido “Sê fiel à saudade da tua Natália.”, deixa transparecer a necessidade que sentia em relação ao facto de Dórdio se manter preso à imagem dela. Descortina-se, assim, traços de semelhança entre Natália – *Cynthia* de Dórdio – e *Cynthia* de Propércio, visto que esta também pedia fidelidade ao poeta romano. No entanto, fazia tal pedido relativamente à possibilidade de ele vir a relacionar-se com outras mulheres

(Medeiros, 1984). Com esta abordagem complementar, procura-se espelhar o facto de que a expressão de sentimentos no epistolar se inscreve nos atos de emissão localizáveis espacial e temporalmente; como tal, não se pode dar azo à generalização de que, durante a década de 80, se assiste a uma transformação efetiva da natureza do amor sentido por Natália em relação a Dórdio, mas antes considerar-se as situações que podem ter estado na génese de determinadas manifestações. Por fim, aponta-se a relevância de se ter presente o aspeto seguinte: durante a janela temporal a que se reportam as duas cartas em estudo, Natália já se situava na casa dos sessenta anos, percebendo-se, de uma forma natural, que o interesse sentido por Dórdio Guimarães se prendia, certamente, ao apreço que dava à sua companhia;

- (2) no *Anexo C*, Natália, para se dirigir, diretamente, a Dórdio, emprega uma interpelação cujo nome incluído parece declarar a natureza do amor que diz sentir por ele naquele momento: “Ó meu irmão [...]”. Com o emprego da apóstrofe e de duas formas verbais, na 2.ª pessoa do modo imperativo – “ergue-te” e “volta” –, procura despertar Dórdio para si, para a vida. Nesta rotina de fechamento, o carácter dialógico tão inerente ao género epistolar é posto em evidência com a predominância do emprego das 1.ª e 2.ª pessoas (Altman, 1982; Siess, 1998b), notando-se em que medida o uso explícito dessas marcas enunciativas explícitas possibilita a produção de um discurso aproximado da enunciação falada (Voisin-Atlani, 1998).

Face aos diferentes aspetos abordados, pode dizer-se que as duas cartas contextualizadas na década de 80 não incluem um discurso epistolar caracterizado pela presença de manifestações amorosas de carácter semelhante às identificadas nas cartas incluídas na categoria (1). O discurso de Natália, apesar de marcado pelo carácter confessional inerente ao epistolar amoroso (Brenot, 2000; Seara, 2013), declara antes a existência de um amor cuja conotação fraternal o coloca como um dos seus dois grandes amores.

Neste sentido, nota-se que as cartas incluídas nas categorias (1) e (2) apontam para naturezas, que, apesar de aparentemente distintas, se contextualizam em situações de ausência específicas, segundo as janelas temporais seguintes:

(a) na década de 60, está-se perante testemunhos de um amor apaixonado, cuja entrega física e espiritual se sustenta de reencontros, conforme plasmado nas cartas incluídas na categoria (1);

(b) na década de 80, a correspondência em causa testemunha a afirmação de um amor que sobrevive a um tempo passado. Este amor espelha uma profundidade que se sobrepõe à dimensão carnal inerente ao relacionamento iniciado na década de 60, embora ainda se filie nas memórias mais significativas desse tempo. Como tal, as cartas integradas na categoria (2) declaram a existência de um amor, que se assume como fraternal, mediante o discurso epistolar de Natália, embora nos dois postais do *corpus* textual do estudo, que se referem à mesma década, incluam marcas de uma intimidade característica de um amor apaixonado.

(3) Cartas emitidas em década indefinida

Quadro 4.7

Rotinas verbais em Anexo E		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<i>Meu amor</i>	-----	<i>Feito dela, minha vida, meu bichinho, minha semente, meu dentro, meu macio, meu pequenino (tão grande aqui em Paris) meu fruto, meu jardim tropical na estação da neve, minha flor dos alpes, meu próximo, meu eu ser teu casulo, meu eu ser Natália, meu tudo, cada vez mais amor de tua Natália.</i>

Quadro 4.8

Rotinas verbais em Anexo F		
Abertura	Pré-fecho	Fecho
<i>Amado</i>	-----	<i>Creio que te amo como nunca. Tua para sempre.</i>

As rotinas de abertura transcritas nos dois quadros apresentados acima apenas incluem expressões apelativas conjuntivas abreviadas: no Anexo E, determinante possessivo e nome – “Meu amor”; no Anexo F, adjetivo – “Amado”. Ambas acusam a existência de um laço afetivo de natureza amorosa, realizando-se a confirmação desses indícios quando se faz um cruzamento de informação com os *topoi* já tratados relativamente às duas cartas em causa.

Quanto às rotinas de fecho, a sua redação apresenta traços diferenciados, pelo que se dá lugar ao tratamento de cada uma por si:

- (a) no Anexo E, está-se perante uma despedida marcada por uma enumeração de expressões iniciadas, maioritariamente, com a repetição do determinante possessivo “meu”. Em algumas das situações de emprego deste determinante, com o acrescentamento do uso enfático do pronome pessoal “eu”, Natália reforça a ideia de que se constitui como a essência da vida de Dórdio: “[...] meu eu ser teu casulo, meu eu ser Natália [...]”. Por sua vez, no que toca às restantes situações de emprego do determinante em causa, passam a ser tomados, para análise, os elementos incluídos na enumeração referida:

- i. por um lado, enumera aspetos que se referem a características atribuídas a Dórdio:
 1. de forma explícita – utiliza os três adjetivos seguintes: “macio”, uma qualidade referente ao tátil, mas suscetível de ser entendida como uma característica relativa ao modo de ser de Dórdio, isto é, de que se tratava de alguém terno; “pequenino”, que, no contexto em apreço, se refere a uma manifestação de carinho, tal como acontece quando, na mesma situação, usa o diminutivo

“bichinho”, para nomear Dórdio. Está-se, novamente, perante o emprego de uma metáfora animal; “grande”, que surge associado ao advérbio de quantidade e grau “tão”, no sentido de mostrar que, durante a ausência, se torna mais evidente a dimensão do amor que sente por Dórdio. A própria expressão “aqui em Paris” serve de ancoragem deíctica àquilo que é expressado, porque localiza, espacialmente, o ato de escrita, num contexto de separação, percebendo-se, assim, a relevância do emprego deste tipo de mecanismo, tal como é frisado por Violi (1988);

2. de forma implícita, por meio do uso de uma linguagem marcadamente figurada. Como exemplos, tomam-se as metáforas seguintes: “minha semente”; “meu fruto”; “meu jardim tropical na estação da neve”; “minha flor dos alpes”. Nestas quatro situações, reconhece-se um universo vegetal, que remete para noções matriciais, de origem da vida. O próprio elemento incluído, em primeiro lugar, na enumeração de elementos em análise, sintetiza a singularidade inerente aos quatro elementos mencionados: “minha vida”. Face a esta análise, pode ser dito que Natália confere sentido à sua vida pela presença de Dórdio nela. Esta estratégia discursiva de nominalização utilizada por Natália Correia é também suscetível de ser identificada numa das cartas de amor de António Lobo Antunes (Seara, 2010), reconhecendo-se, assim, um traço semelhante no discurso epistolar de ambos os correspondentes;
- ii. por outro lado, enumera aspetos que espelham a intimidade do relacionamento: “meu dentro”; “meu próximo”; “meu tudo”. Nestas expressões, constata-se que a relação é marcada pelas características de interioridade – “meu dentro” –, de proximidade – “meu próximo” – e de

completamento – “meu tudo” –, que são as reconhecidas pelos seres mais apaixonados.

- (b) no *Anexo F*, a despedida dá-se com a anáfora que marca todo o corpo da carta. A repetição da expressão: “Creio que [...]” assemelha-se à incluída na oração matricial *O credo*, da liturgia cristã, tratando-se, assim, de um mecanismo retórico que serve para reforçar a confiança manifestada, ao longo do corpo da carta, em relação ao amor de Dórdio. Ao mesmo tempo, no seu todo, o credo de Natália Correia trata-se de uma declaração de amor, que é sintetizada na expressão incluída na despedida: “Creio que te amo como nunca”. Adotando traços da oração religiosa supramencionada, Natália procura afirmar a entrega do seu “eu”, perante um “tu”, que é o de Dórdio Guimarães, tal como acontece quando os fiéis se entregam a Deus Pai (Fletcher, 2018). Esta entrega é reforçada pela verbalização de um sentido de pertença: “Tua para sempre.”. Nesta despedida, sobressai o emprego dos advérbios de predicado com valor temporal “nunca” e “sempre”, que revertem para a interpretação de que se trata de uma jura de amor eterno, independentemente da hostilização do amor sentido. É tornado evidente, no corpo da carta, o facto de que Natália tem consciência de que o amor de Dórdio é questionado por quem a rodeia: “Creio na absoluta lealdade deste amor. Ele é o cume jamais atingido pelas forças que lhe são hostis.”. A anteposição do adjetivo “absoluta” reforça a ideia de que acredita na honestidade e na entrega do amor expressado por Dórdio, tratando-se de um expoente não atingido por quem o critica, daí ser tão incompreendido.

Em jeito de súmula, pode ser dito que, no âmbito das seis situações consideradas para análise:

- (1) as expressões apelativas conjuntivas nem sempre revelam, de forma imediatamente direta, a real natureza da condição afetiva da correspondente, como se constatou nas situações das cartas constantes nos *Anexos B* e *C*. Como tal, confirma-se a necessidade absoluta de ser tido em conta o contexto da interação epistolar a que dizem respeito as rotinas verbais de abertura das peças

epistolares em análise; caso contrário, podem ser realizadas deduções que não encerram em si plausibilidade;

- (2) os atos de fala incluídos nas rotinas verbais de abertura das peças epistolares analisadas não correspondem aos normalmente convencionados por Seara (2006_b). Esta realidade relaciona-se com o facto de que as cartas em análise constituem testemunhos privados e íntimos, que não se ajustam a uma situação epistolar caracterizada pela frequência e, como tal, vinculada à reciprocidade esperada na lógica de pacto epistolar (Seara, 2006_a, 2006_b, 2008_b, 2011_b, 2012). Trata-se antes de um epistolário inédito cujas peças soltas revertem para o esclarecimento de aspetos respeitantes ao relacionamento amoroso de Natália com Dórdio. Estes são inferidos, a partir de pistas linguísticas tratadas em confluência com os dados biográficos disponíveis, avançando-se, assim, para uma proposta de interpretação;
- (3) as despedidas nem sempre correspondem às formas ritualizadas; como tal, os conteúdos nelas plasmados também têm de ser considerados à luz da situação enunciativa das cartas em que se encontram incluídas;
- (4) as peças epistolares incluídas na categoria (3) – *Cartas emitidas em década indefinida* – apresentam um discurso epistolar mais próximo do incluído nas cartas integradas na categoria (1), do que o constante nos enunciados epistolares da categoria (2). Face ao exposto, pensa-se que, apesar da ausência de pistas linguísticas explícitas, que permitam localizar temporalmente os dois atos de escrita, a partir da análise do conteúdo plasmado nas duas cartas em apreço, desvenda-se uma maior plausibilidade para a sua localização na década de 60. Isto porque, nesse período, Natália e Dórdio, para além de se conhecerem, também desenvolveram um relacionamento cuja natureza amorosa encerrou em si uma dimensão não só espiritual, mas também carnal, conforme fazem prova os testemunhos epistolares considerados até ao momento. Destaca-se como exemplo a afirmação seguinte: “Creio que por ti beijarei na boca o leproso e farei poemas cujas ondas banharão as longínquas praias do tempo.” (em *Anexo F*). Neste testemunho, está subjacente a força ilocutória das formas verbais

empregues no futuro do modo indicativo – “beijarei” e “banharão” –, percebendo-se que Natália se entrega ao contágio doentio do desejo carnal, que também caracteriza a relação amorosa – “o leproso” –, ao mesmo tempo que encontra nesse sentimento uma fonte de inspiração para a escrita poética que o perpetuará;

- (5) as peças epistolares respeitantes aos *Anexos B e C* traduzem a existência de um amor que já não apresenta as características de fogueira identificáveis sobretudo nas cartas correspondentes aos *Anexos A, D, E e F*. Tanto assim é que, Natália, para além de utilizar vocativos, que apontam para o reconhecimento de um amor fraternal, também se refere a um companheirismo que é característico dos irmãos: “Tu, o meu amado irmão, companheiro das minhas brincadeiras de eterna menina [...]”. Independentemente de as cartas localizadas na década de 80 não apresentarem indícios da existência de apaixonamento na relação de ambos, o discurso epistolar de Natália esclarece, de forma bastante direta, que Dórdio Guimarães se tratava de uma das duas pessoas que mais amava.

6

Amor a dorada

Am, satulda, a tua vez em Paris soan. me
 como um reconciliador inevitável. Mas
 podes resistir à tua vizinha Teresa, suplicante,
 desesperada. Reconheci eu fui o meu peju-
 rano amor muito grande e vi-o saltar me
 através das águas como no fundo pri-
 meira vez que fizesse sempre a
 últimos.

Estas poliz por os teus ~~pa~~ pais terem
 fustado de mim. Eles não podem inco-
 firmar a emenda que tive quando fali-
 com eles. São a tua origem, meu amor.
 São a origem da tua carne como eu sou
 (ou fizesse eu) a do teu espírito. Por isso
 senti que juntos, os três, nos completávamos
 formando o universo que te deu vida.
 Não te disse que o amor como que

Figura 4.7 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; frente

Documento transcrito no Anexo A

me estava destinado em Domo se chamava,
Cintia? Creio que é meu acaso?
Ficamos de quatro dias estaremos novamente
Juntos. Quase desejo que este reparo se
se tivesse dado para sentir a loucura de
voltar a mente. E furo-nos em princípios.
E tão bom que entre nós tudo sefo um
comiso perpetuo.

Este tarde estive em casa do Michael
que me ofereceu dois livros. Tem a
autobiografia dos ferries. Que homem ex-
traordinario! Combinei traduzir para
Portugues. Tenho que lutar ja isso.

Adem, meu advogado Jaturho. Mas
me esqueças. O teu pai pertence-te
afora mais do que nunca e si quer
fue o amor muito para viver em
toda a liberdade e confiança e grande
fundo amor que te tem.

Tua sempre
Cintia
Hospitalis



Figura 4.8 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; verso

Documento transcrito no Anexo A

Meu tão querido
 Dórdio

Como o destino e a minha
 vontade ambos tendes o
 Espírito Santo como aliado
 fui eu defensor a tempo
 de estar aqui enfermo e
 operado.

Nos meus dias mais
 os tormentos fui sempre
 passado com o meu coração
 ferido por um piabal
 em dois gumes. As duas
 pernas que mais amo
 preferias a intervenções
 cirúrgicas fui o fado
 pela minha mãe, infeliz
 ao voltar e lhes forçar.

Figura 4.9 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; frente

Documento transcrito no Anexo B

Meu amado amigo, repens
rapidamente a vida. Estou
em G. Alfredo ficou mais
em York. Preciso mais do
que nunca de ti, de tua
terceira de tua compreensão
para os meus erros que agora,
infelizmente, nem sequer
sou cometer. A senhora e - me
passaria para sobreviver
um mundo de documentos
e números que abismam
penso em tu, meu
amor. Penso que para
de Belém de onde partamos
para uma lindíssima
praia. Era julho...
Acredite em alguns retornos
Tua
Natália

Figura 4.10 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; verso

Documento transcrito no Anexo B

Meu amor
 Estar no término do C.P.S e, enfuando
 a discussões das vãs premissas, com a
 caragem da minha dor, prout - me
 dilecência for favaa que o deituo orovan
 fribitamente, me unulo vide a tropudo
 cruelmente dois peres que tar propudo -
 mente amo. Ele - o meu estremeado
 pai, o querido ombro onde deavto
 Tanto amo repouei de cantas
 das unulas fardadas. Ter, o meu
 amado James, compaheiro das minhas
 brucedinas de eterne unime em cas de
 milimios de saludore fuminas. Ter, o
 meu Vala, canto das minhas horas
 frapes de jorlano. Ele, o traço fino
 de unulo louca ramesen.
 O meu amor. Esperte dese leito
 e veja o vide far ter ajudave a
 atramenar este decto onde me unulo
 perdido. Desculha o esforco. Mas
 amar e proutar.

Tua
 Natália

Figura 4.11 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães
 Documento transcrito no Anexo C



BUDAPEST VII.
LENIN KÖRÜT 45-47

12

Meu querido Dórdio

Não sei se esta carta chegará
às tuas mãos. De qualquer
forma devo receber-te de
Budapest. A necessidade
da tua presença vai se tornando
uma coisa muito forte. Como
a deparar que tudo isto acabe
para voltar ao teu Brasil.
E o que me pedem os teus
queridos amigos que me
acompanhem, crescem um pouco
a minuto e me pressionam para
fôrça, em sempre tão imi-
camente pela cidade onde

TELEPHONE: 481-120, 229-300

TELEGRAMS: ROYALOTEL

TELEX: ROYALOTEL BPEST 100



Figura 4.12 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; frente

Documento transcrito no Anexo D

isto, o meu amor.

Budapest é sem dúvida uma
das cidades mais bonitas que
juntei. Digo isto como pelas
vezes os homens dizem quando
estão na frente de uma ~~foto~~
beleza mulher que não é a
sua.

Não sei escrever cartas grandes
e muito menos em vapor,
Li sei que te furei muito,
que me entenece dolorosamente
sabe-lo e que em breve o
lerás nos meus olhos.

Oh! que saudade

Tua

Natália

Figura 4.13 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; verso

Documento transcrito no Anexo D

Meu amor adorado

A minha foi cheia de acidentes,
 entretanto parados e tive um pouco
 e mover a meu dos lindas. Já
 tenho que estar parados e si-
 clepans a Paris, a minha-isto.
 Com paciência eu fui durante essas
 horas de espera em que fundamos
 do tempo parados em todos a
 tua imagem foi tema, tão avante,
 tão inevitável.
 A tua falamos este amor que
 em toda encontro uma razão para
 crescer.

Boas notícias: partimos no dia
 19 e no dia 20 com estes
 perigos. Quem um dia sem to-
 ver! Quasi um dia de vida!

Hi vive em Paris. Estar a
 e curvete tendo de facto uma pai-
 sape de todos os peccos onde a
 vive se ampara, e em curvete que
 pare um, e um dos que tem muito
 de letreiro, e a sua que sempre
 que a vida e tal e com a vida
 de amor e com o amor e tu, tu
 e tal, meu tal, meu salar
 latente com fatos que são raios e
 fricções que é explora de parques.
 e o fio a seu e mais do que subtrai
 e um fio de que os deixo e face
 em fogo.

Valtari a e avert auto de partir.

Figura 4.14 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães; frente

Documento transcrito no Anexo E

Amado

Eu o meu credo:

Creio que farei os amantes, não há separação e a
 este ocorre finalmente e farei que eles recuperem o
 sangue que mais os une. Creio isto porque
 senti cada vez que o meu corpo se apertou de
 ti e a tua imagem se apertou pulsando como
 um tambor no meu sangue.

Creio que os teus olhos que se fizeram e educaram
 no primeiro encontro, não a grande possibilidade de
 não desta natureza. As cores não ficaram
 fixadas pela mancha dos teus olhos.

Creio que entretanto vou ter uma que funda
 no peito e vou saber e vou gostar de saber
 porque esse sofrimento é saber que o mundo
 está cheio de sofrimento e não reparado e de
 muitas partes enquanto ele retorna a sua evolução.

Creio me absente da aldeia de onde sou. Ele é
 o como jamais atravesado pelas forças que ele
 põe lentis.

Creio que não há ninguém como tu. Creio que
 e a meu caminho para um Deus onde a vida
 melhor do que estava para ser. Creio que fo tu
 deixar-me local o futuro e farei facetas eufóricas
 onde bombardeio as longínquas pedras do tempo
 Creio que decto um sentido e tens as mãos, as
 frente as próximas, as táctil

Creio que te amo como nunca
 Tua mãe sempre
 Pi' pi'
 Natalina

Figura 4.16 – Carta de Natália Correia endereçada a Dórdio Guimarães
Documento transcrito no Anexo F

4.4. O desamor de Natália estampado no discurso epistolar de Dórdio: um hiato temporal no *corpus* textual

Segundo a análise pragmática realizada nos pontos anteriores, os atos de emissão das nove peças já estudadas apontam para uma inscrição nas décadas de 60 e 80: quatro cartas e um postal, nos anos 60; duas cartas e dois postais, nos anos 80. Por sua vez, no que toca ao conjunto das sete cartas incluídas no *corpus* textual deste estudo, a carta de amor endereçada a Natália, por parte de Dórdio – *Anexo G* –, trata-se da única peça suscetível de ser localizada na década de 70: “Mas talvez não, o que tive em dez anos, foi excessivo.”.

Tendo em conta os dados biográficos e a história de vida de Natália, a década de 70 foi marcada por uma grande paixão sentida por José António Correia, com quem realizou trocas epistolares frequentes, durante o período de tempo em ele cumpriu serviço militar na Guiné. Decorrente dos testemunhos incluídos na correspondência arquivada de Natália, constata-se, de facto, uma total ausência de peças epistolares endereçadas a Dórdio Guimarães, que apontem para a referida década, ao contrário do que acontece relativamente às décadas de 60 e 80.

Face ao exposto, a carta supramencionada consiste numa peça única cujo conteúdo pode possibilitar a confirmação de aspetos tratados biograficamente, pois testemunha uma situação de afastamento de Natália relativamente a Dórdio, por motivo de uma discussão provocada por uma situação de ciúmes. Ora, segundo José António Correia (citado por Pedrosa, 1997), as cenas de ciúme de Dórdio Guimarães aconteciam frequentemente. Tendo em conta a janela temporal de emissão da carta, pode ser levantada a hipótese de que estava implicado no contexto que motivou a discussão tida entre Dórdio e Natália.

Motivado pelo arrependimento, Dórdio encontra no objeto carta uma forma de aproximação da amada (Landowski, 1988), incluindo como *topos* do epistolar amoroso a própria desavença tida. Neste âmbito, refere-se às “obsoletas” palavras que falou, dizendo o seguinte: “Não foram sentidas, foram com certeza despeitadas, como muitas que certamente Propércio proferiu a Cynthia.”.

A partir da referência que faz ao poeta romano, nota-se que se coloca numa situação semelhante àquelas que motivavam as discussões de Propércio com *Cynthia*, por causa do envolvimento dela com outros homens. Este cenário remete para a abordagem realizada no *Capítulo I da Parte I*, na qual consta que, quando Dórdio atribuiu o nome de substituição *Cynthia* a Natália, o fez por analogia à personagem *Cynthia* de Propércio, pelo conhecimento que detinha da história dela. Como tal, a referência feita por ele trata-se de uma pista deixada, no texto epistolar, que nos ajuda a legitimar a interpretação realizada, em torno da escolha do nome *Cynthia* para Natália, conforme consta no capítulo supramencionado.

Tendo em conta o testemunho de José António Correia, e também a própria alusão que é feita a Propércio, descortina-se que o ciúme sentido por Dórdio se deveu, provavelmente, a um episódio relacionado com o interesse amoroso manifestado por algum homem relativamente a Natália; todavia, não é possível afirmar-se que se tratava, seguramente, do primo micaelense, pois, tal como consta biograficamente, Natália era uma mulher desejada por muitos homens (Cunha, 2003; Dacosta, 2001, 2003; Campos, 2006).

Procurando ser compreendido e perdoado, reconhece-se, no *topos* em análise, o emprego do ato justificativo seguinte: “Foram de dor descoordenada, de perdição, de maldito ciúme, de horror maior para quem as profere!”. A justificação dada remete-nos para um discurso de caráter confessional que, para além de espelhar sofrimento – “dor descoordenada” –, é largamente revelador de um estado de desespero, atendendo ao conteúdo semântico do vocabulário usado: “perdição”; “ciúme”; “horror”. Dórdio revela uma elevada consciência de que a discussão levada a cabo com Natália é o reflexo desse estado de desespero quando exclama: “De quem esgota todos os argumentos para se ferir a si mesmo e já não pode persuadir a amada a voltar a nós próprios da sua fuga!”.

Perante a situação que define como “desamor” de Natália, a carta de Dórdio trata-se, sobretudo, de um desabafo impresso num discurso escrito, maioritariamente, na 1.ª pessoa do singular, numa lógica autorreflexiva. A necessidade de desafogo é tão premente que a carta é iniciada assim: “Cheguei ao limite de pouca vida.”. Está-se, pois, perante uma supressão das rotinas verbais de abertura estereotipadas, constando uma primeira

referência temporal apenas no segundo parágrafo do corpo da carta: “[...] as palavras que te disse ontem.”.

O correspondente constrói um discurso epistolar marcadamente expressivo, que, para além de incluir o *topos* que justifica o próprio contexto de emissão do ato de escrita, dá lugar, sobretudo, ao desenvolvimento do *topos* sofrimento epistolar. Neste âmbito, ao longo do corpo da carta, o correspondente põe em evidência diferentes aspetos, que ganham expressão com a situação de afastamento da amada:

- (1) é declarado o amor sentido por Natália como a razão da sua existência: “o ponto vital que me levou a considerar prodigiosa a vida!”; como tal, perante a circunstância de fechamento da amada – “[...] a ausência dos teus olhos abertos do meu amor, [...]” –, emprega uma pergunta retórica quando se questiona acerca da qualidade da vida que tem: “A que ponto chegou o meu viver?”. Este questionamento é reiterado com duas repetições de outra pergunta retórica: “Que me resta?”. Estas, ao surgirem intercaladas no primeiro parágrafo, servem para dar mais vivacidade a um discurso marcadamente confessional (Azeredo, Pinto e Lopes, 2012). Na resposta à questão, subjaz o seu olhar de poeta sobre a realidade factual, dado que expressa o pudor que sente relativamente à ação do Homem enquanto ser que molda o mundo onde vive: “Um mundo de homens que o fizeram e são o meu antípoda e meus antípodas”. O emprego do nome “antípoda” marca uma relação de oposição relativamente àquela que diz ser a criação dos homens. Neste contexto, confessa que Natália constituía a alegria que o motivava a viver, daí a sua consagração como a inspiração poética que o afasta de um mundo no qual não se reconhece: “O tédio insuportável de todos os dias acordar sem a alegria desse simples acontecimento, sem os teus olhos a iluminar as coisas que andam dentro de mim [...]”;
- (2) é exteriorizada uma revolta contra a poesia, por esta não lhe reservar o mundo nela idealizado: “De vez em quando um poema de mitómanas ilusões, essa poesia que me traiu [...]”. A anteposição do adjetivo “mitómanas” esclarece e evidencia que, na poesia dedicada a Natália, encontrava lugar para criar realidades inexistentes. Estas, quando criadas, possibilitavam que vivesse em

conformidade com aquilo que é e acredita. Como na poesia é plasmada uma realidade idealizada, sente-se traído por essa forma de expressão, dado que, apesar de materializar, por meio da palavra, aquilo que sente e acredita, não se dá lugar à concretização dessa mesma ficção, na realidade factual;

- (3) é manifestada a percepção que tem quanto à realidade amorosa construída com Natália. Numa lógica de conversa consigo mesmo – monólogo –, o correspondente procura justificar-se a si próprio o final do relacionamento: “Mas talvez não, o que tive em dez anos, foi excessivo. É isso.”. No emprego de uma enumeração de três adjetivos cujo conteúdo semântico serve a caracterização do sonho vivenciado: “Vivi em estado de sonho puro, inventado, inigualável até!”, percebe-se que o correspondente se obriga a aceitar que o vivido não se prolonga mais, porque “[...] a vida é longa de mais para um sonho tão intenso.”. Isto é, partilha que a vida não pode ser única e continuamente sustentada por um sonho criado e alimentado por ele, perante a confirmação de que a entrega de Natália se foi desvanecendo ao longo do tempo: “O êxtase com que me mantinhas foi da fonte irradiadora esmorecendo. Caio em mim.”. Esta constatação remete-nos para a percepção partilhada por Dacosta (2001) quando se refere ao facto de que Dórdio criou uma ficção em torno da Natália, não tendo chegado a viver ele próprio a realidade. Face à realidade factual em causa, percebe-se que, afinal, no ano de 1972, se dá conta da progressiva situação de desapego de Natália, tanto assim é que compara o que lhe resta na vida com as ruínas de uma civilização destruída: “Os escombros, de ruínas de uma vida inimitável, como de uma civilização das quais restam pedras em desordem.”. Esta comparação acaba por reunir traços de um discurso hiperbólico, por dar corpo a um exagero que, por sua vez, serve o propósito de ser dado mais ênfase ao que é dito, tratando-se de um traço distintivo da linguagem do epistolar amoroso;
- (4) são equacionadas as respostas suicídio e homicídio face à impossibilidade de ser mantida a presença de Natália na sua vida amorosa, tal como Propércio as ponderou quando se deparou com a confirmação da infidelidade de *Cynthia*

(Medeiros, 1994). Face ao estado de desespero em que se encontra, Dórdio, ao mesmo tempo que declara que: “É praticamente inabalável a “solução” do suicídio”, logo se apressa a questionar-se acerca do sentido de deixar o sonho criado em torno da amada: “Deve-se matar o sonho que nos matou, não é? Se não o sonho fica para os outros, bem menos sonhadores que nós.”. Mediante a constatação de que o sonho em causa não deve ser vivido por mais ninguém, coloca a possibilidade de Natália também morrer, mobilizando, novamente, uma pergunta retórica: “Ora eu não entendo a vida sem ti, logo não posso entender a morte sem ti! Duas coisas que são uma e a mesma?”. Retomando as ideias das obras canonizadas pela tragédia amorosa: Tristão e Isolda, Romeu e Julieta..., está-se perante um discurso radical, marcado por pontuação expressiva, que coloca a morte como a resposta para uma vida cujo sentido foi apagado. Considerando, em particular, a hipótese levantada acerca da morte de Natália, esta acusaria egoísmo puro se vista apenas à luz da pergunta retórica seguinte: “Que posso fazer se não levar-te comigo?”. No entanto, Dórdio revela uma elevada consciência de que se trataria de uma perda para a Humanidade, afirmando: “É um atestado contra o Universo e a espécie, eu sei.”. Nesta declaração, subjaz a visão de que Natália era uma escritora do mundo; como tal, perdê-la, naquela altura, seria negar ao Homem a oportunidade de aprender com a grandeza humanitária deixada na sua obra (Almeida, 2019). No entanto, quando lança a pergunta retórica: “Mas na morte poderia resistir de outro modo?”, percebe-se que se refere à futura imortalidade de Natália, tal como já se constitui como uma realidade na atualidade (Nunes, 2001, citado por Vaz; Campos, 2006). Todavia, apesar de enobrecer Natália, pela obra que criou, o discurso epistolar utilizado por Dórdio permite observar que também se eleva a si próprio: “Quando foi superiormente honrado por alguém, não pode ser inferiorizado por outro qualquer!”. Ora, o abandono da ideia da morte de Natália não se deve apenas ao reconhecimento da sua arte e engenho, mas, e sobretudo, à imagem – *ethos* – que Dórdio espelha ter de si mesmo no discurso enunciado na carta (Melançon, 1990; Diaz, 2002). A imagem em causa é inferida

a partir da caracterização que faz do sonho idealizado em torno de Natália: “Um sonho [...] não pode ser para qualquer um, para usufruto de um menor, de um vulgar ou de um medíocre!”. Isto é, a partir do emprego dos adjetivos: “menor”, “vulgar” e “medíocre”, subentende-se que Dórdio reconhecia em si qualidades contrárias. Tomava-se, certamente, como alguém maior, invulgar e, como tal, especial. Apesar de ter consciência de que não se assumia como um poeta de grande destaque na literatura portuguesa, tal como Kleist o era na alemã: “Lamento, talvez, não ter sido um Kleist, mas fui o Dórdio Guimarães, bem mais do que muitos o supunham.”, Dórdio deixa transparecer uma elevada consciência da imagem que os outros têm dele, no campo literário. Nesta construção frásica, ao mesmo tempo que realiza, com cortesia, um pedido de desculpas, por não ser um poeta maior, emprega o determinante artigo definido “o”, em posição prévia ao seu nome. Esta opção intencional deve-se à necessidade de ser intensificada a ideia de que, apesar das baixas expectativas existentes relativamente ao seu potencial literário, ele, Dórdio Guimarães, afinal, também conquistara um lugar nesse campo. Ao longo deste discurso epistolar de Dórdio, está-se perante uma expressão espontânea do seu “eu”, que nos permite aferir traços da sua maneira de ser e de perceber os outros que o rodeavam. Trata-se, pois, de uma autenticidade inerente ao epistolar, tal como evidenciado por Ferreyrolles (2010);

- (5) é antevista e prometida uma futura união com Natália: “[...] mesmo nesse tal, total, que nos aguarda, prometo-te!”. A expressão citada é marcada por uma elipse, na medida em que, a partir da forma tónica do pronome demonstrativo “o tal” e do adjetivo “total”, se subentende que Dórdio se refere a um tempo vindouro, de plenitude no relacionamento. Na declaração amorosa realizada: “Quero que saibas que nunca te adorei tanto como neste momento, [...] pois não é possível...”, a expressão “como neste momento” serve de ancoragem déctica ao conteúdo enunciado e, ao mesmo tempo, os advérbios aplicados, um de predicado com valor temporal – “nunca” – e outro de quantidade e grau –

“tanto” –, ajudam a reforçar a ideia da grandeza do amor sentido por Natália naquele momento em que se dá o ato de escrita.

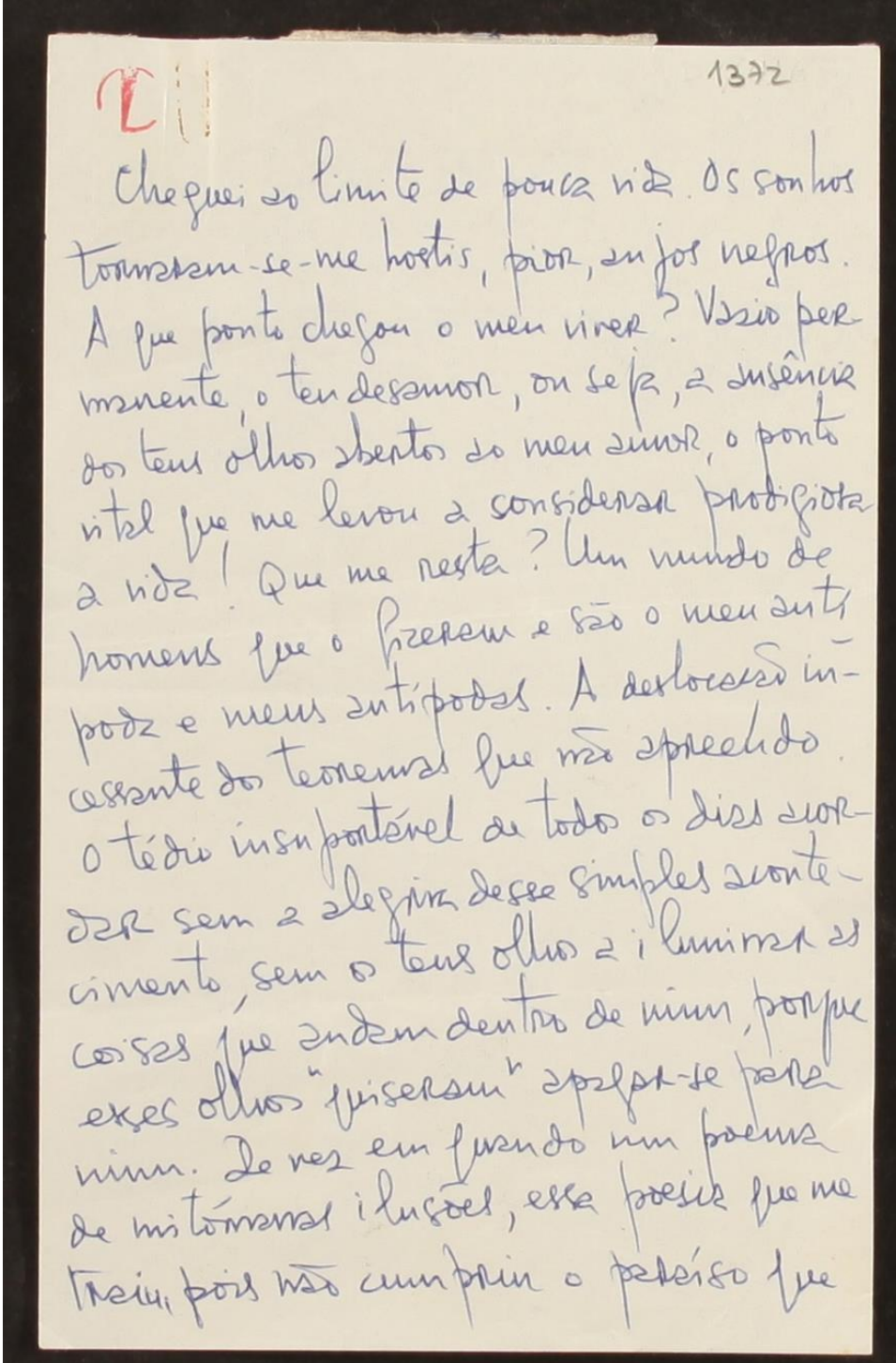
Neste dizer o sofrimento, o discurso epistolar de Dórdio é marcado pela presença de uma pontuação expressiva, que espelha o estado de um homem apaixonado, que se vê confrontado com a perda da amada. A partir do desabafo, que tem lugar ao longo do corpo da carta, percebe-se que a zanga provocada por Dórdio se traduziu antes numa manifestação de desespero, perante a constatação de que, após dez anos de relacionamento, Natália já não se encontrava recetiva ao seu amor, conforme espelha a metáfora seguinte: “[...] porque esses olhos “quiseram” apagar-se para mim.”.

Face ao descrito, o ato de perdão dirigido a Natália: “Humildemente peço-te perdão!”, que tem lugar também no corpo da carta, pode ser entendido como uma forma de Dórdio sentir alívio relativamente à situação passada. Isto porque, estando desperto, quer para o desapego de Natália, quer para a sua rigidez quanto à hipótese de uma retoma, segundo Palrilha (2009), este ato cumpre a função social de desprendimento do sentimento de culpa. A partir do emprego do advérbio de predicado com valor de modo, no ato de fala apreciado, o discurso epistolar em análise, para além de deixar transparecer as formas de tratamento veiculadas por Dórdio, espelha a maneira como Natália lidava, certamente, com situações semelhantes à passada. Daí que Siess (1998_b) se refira ao facto de que, a partir do discurso epistolar de quem se escreve, também se consegue perceber traços relativos à pessoa para quem se escreve.

Apesar de o corpo da carta ser marcado por um discurso de desolação, na sequência fática de fechamento sobressai o uso de marcadores da intimidade característica do epistolar amoroso: “Beijo-te o “casulinho” com a minha Alma meu Amor!”. Isto é, nesta despedida, reconhece-se o emprego de um diminutivo – “casulinho” – e a inclusão de uma ideia não concretizável: beijar-se com a alma. Por sua vez, a própria expressão: “Teu para a eternidade”, que antecede a assinatura de Dórdio, testemunha que ele se propõe a ser leal e fiel a Natália mesmo perante a ausência da sua entrega amorosa.

Na carta analisada, está-se perante um discurso epistolar expressivo que serve à constatação de dois aspetos: (1) o esmorecimento de Natália Correia relativamente à relação amorosa mantida, durante cerca de dez anos, com Dórdio Guimarães; (2) a elevada

consciência de Dórdio Guimarães em relação às baixas expectativas existentes em torno do seu potencial literário.



1372

Cheguei ao limite de pouca vida. Os sonhos tornaram-se-me hostis, pior, enjos negros. A que ponto chegou o meu viver? Vazio permanente, o teu desamor, ou se já, a ausência dos teus olhos abertos ao meu amor, o ponto vital que me levou a considerar prodigiosa a vida! Que me resta? Um mundo de homens que o prezem e são o meu antípoda e meus antípodos. A deslocação incessante dos terrenos que não preenchido o tédio insuportável de todo o dia sorrir sem a alegria desse simples acostumamento, sem o teu olhar e iluminar as coisas que andam dentro de mim, porque esses olhos "quiseram" apertar-se para mim. De vez em quando um poema de mistérios ilusões, esse poesia que me traí, pois não cumprir o desejo que

Figura 4.17 – Carta de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia; folha 1

Documento transcrito no Anexo G

13726

L me prometeu. Que me resta? O espetáculo de mim mesmo, impotência, decência. Mas talvez não, o que tive em dez anos, foi excessivo. É isso - vivi em estado de sonho puro, inventado, desigualável etc! Mas a vida é longa de mais para um sonho tão intenso. O êxtase com que me mantinha foi de fonte inextinguível esmorecendo. Só em mim. E o que vivo hoje foi tudo quanto nunca quis viver. Os escombros, as ruínas de uma vida imitável, como de uma civilização dos quais restam pedras em desordem. E só o futuro me interessa, que paradoxo!

Que se passou para hoje ser este hoje? O desastre de desastres sucessivos. Pelo o perdo de todos os amantes desgraciados e é em estado de graça, para as palavras que te disse ontem. Não foram sentidas, foram

Figura 4.18 – Carta de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia; folha 2

Documento transcrito no Anexo G

1372
com certeza despeitada, como nunca! que
certamente Propêcio profereiu a Cynthia.
Foram de dor sacorordenada, de perdão,
de mal do crime, de honra maior para
quem os profere! De quem exige todo
o argumento para se ferir a si mesmo
e já não pode persuadir a amada a
voltar a nós próprios de sua fuga!
Um valedor de quem a suspenso per-
dida definitivamente de si! Foi só isto,
o honrar que se passou pelas minhas
abreletas palavras... Humildemente te pe-
ço perdão! E compreende por um segundo
o inferno em que ando...
Que vai acontecer? Como se impor-
te o que vai acontecer!...
T É praticamente insólito a "solução"
do suicídio. Penso, contudo, se te deixarei

Figura 4.19 – Carta de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia; folha 3

Documento transcrito no Anexo G

1372

ficar... Deve-se matar o sonho que
nos matou, não é? Se não o sonho fica
para outros, bem como sonhos que
nós. Um sonho deve ser estimado, ado-
rado com grandezas e sublimidade, não
pode ser para qualquer um, para o
usufruto de um menor de um milés-
mo de um mediano! Quando foi supe-
riormente doado por alguém, não pode
ser inferiorizado por outro qualquer!
Dever-se manter-se impoluto e intacto con-
noso. Ora eu não entendo a vida sem
ti, logo não posso entender a morte sem
ti! Duas coisas que são uma e a mesma!
Lamento, talvez, não ter sido um Kleist,
mas fui o Dórdio Guimarães, bem maior
do que muito o supunham.

T Que posso fazer se não levas-te comigo?!

Figura 4.20 – Carta de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia; folha 4

Documento transcrito no Anexo G

1372
É um atestado contra o Universo e a espécie, eu sei. Mas no monte poderás resistir de outro modo?

Será uma questão de minutos, de horas, de dias? O não tem que se dar e nada o poderá impedir. Fátuado e fascinante, não é? Fascinante.

Quero que saibas que nunca te adorei tanto como neste momento, nem mesmo nesse tal, total, que nos afusca, prometo-te!, pois não é possível... Saber que no próximo dia 6 de Julho fiz, ou FAZIA?!, dez anos sobre o nosso dia?

Beijo-te o "casulinho" com a minha Alma meu Amor!

Teu para a Eternidade
Dórdio

L

Figura 4.21 – Carta de Dórdio Guimarães endereçada a Natália Correia; folha 5

Documento transcrito no Anexo G

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente dissertação “Do segredo à revelação: subsídios para o estudo retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia” configura-se como um contributo para o alargamento de estudos incidentes sobre a análise discursiva de peças epistolares não publicadas de autores consagrados, pois, apesar de Natália Correia se tratar de uma referência incontornável da literatura e da cultura portuguesas do século XX (Letria, 1992; Almeida, 2019), não foram realizadas, até ao momento, investigações que permitam sustentar o reconhecimento desta autora como uma grande epistológrafa.

Face ao vazio identificado, no campo dos estudos pragmáticos, com o trabalho de análise realizado sobre a superfície discursiva do *corpus* textual constituído, são colocados em evidência os testemunhos privados e íntimos relativos à única correspondência pessoal, de cariz amoroso, que se encontra disponível para estudo, nos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães, apesar de se saber da existência de outras cartas de amor escritas por Natália.

As cartas supramencionadas, como se encontram ainda no poder do destinatário José António Correia, o primo por quem Natália se apaixonou no início da década de 70 (Pedrosa, 1997), podem vir a constituir-se como o *corpus* de um ou mais estudos futuros se deixarem de estar religiosamente guardadas, conforme acontece comumente em relação à correspondência amorosa trocada entre amantes (Seara, 2008_b, 2011_b).

As investigações a serem desencadeadas, com base nesse relicário de confidências, podem, pois, reverter ou não para a confirmação de que a correspondência amorosa de Natália endereçada a José António a coloca como uma grande epistológrafa do epistolar amoroso, conforme expressado por Dacosta (2001, 2003).

Neste sentido, perante o único epistolário amoroso disponível, neste momento, para estudo, a investigação realizada incorporou, como *corpus* textual, dez peças que se referem única e exclusivamente à correspondência inédita de Natália Correia trocada com Dórdio Guimarães, cujos traços remontam para missivas de âmbito amoroso: nove das peças são endereçadas a Dórdio Guimarães – seis cartas de amor e três postais –, presumivelmente

nas décadas 60 e 80; uma única carta é endereçada a Natália, por parte de Dórdio, na década de 70.

Tratando-se de uma correspondência marcada por uma omissão generalizada do ato de localização espaço-temporal, que é característico da sequência fática de abertura da carta (Seara, 2006_a, 2008_a), tornou-se possível chegar às presumíveis janelas temporais indicadas acima, com base no dispositivo deítico incluído no interior dos textos, em confluência com a informação disponibilizada biograficamente acerca da autora, conforme revista no *Capítulo I*.

Deste modo, confirmou-se a importância que a *deixis* assume na ancoragem da enunciação epistolar, pela inclusão de estratégias enunciativas que mobilizam o emprego de referências respeitantes às categorias de pessoa, tempo e lugar, conforme defendido por teorizadores do epistolar tais como: Violi, 1988; Voisin-Atlani, 1998; Seara, 2006_a. Isto porque, a proposta de interpretação do *corpus* textual, que é apresentada na *Parte III*, surge sustentada em conexões estabelecidas entre os dados fornecidos pelos elementos linguísticos utilizados no discurso epistolar e as informações respeitantes à história da vida pública e privada de Natália Correia.

Considerando em particular a vida privada da autora, o foco da atenção deste trabalho recai sobre o plano amoroso, porque, tratando-se Natália de uma mulher cuja vida privada e íntima sempre despertou uma elevada curiosidade do público, devido aos traços pessoais de beleza física que detinha e à genialidade que a singularizava, a hostilização do amor de Dórdio Guimarães, por parte dos amigos mais próximos dela, carecia de ser descortinada, dado que, segundo a revisão bibliográfica realizada, não é reconhecida a mesma atitude em relação a nenhum dos restantes homens com quem se relacionou, amorosamente, ao longo da sua vida.

Quanto ao relacionamento de Natália Correia e Dórdio Guimarães, as manifestações plasmadas na correspondência analisada possibilitam não só a confirmação de aspetos, ou testemunhados por amigos mais próximos da autora ou documentados nas investigações de cariz biográfico realizadas nas últimas três décadas (Almeida, 1994; Pedrosa, 1997; Vaz, 2003; Almeida e Costa, 2005; Costa, 2005; Campos, 2006), como também a revelação contextualizada de outros aspetos, cujo conteúdo possibilita o esclarecimento dos

sentimentos nutridos por Natália, em janelas temporais distintas. Isto porque, para além do entendimento de que o amor de Dórdio Guimarães se configurou como interesseiro (Dacosta, citado por Pedrosa, 1997; Cantos, citada por Pedrosa, 1997), as perceções tidas em relação aos sentimentos de Natália é que simplesmente procurava uma companhia, devido ao medo que sentia da solidão (Cantos, citada por Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

Tomando, então, as conclusões chegadas a partir da análise realizada, passa-se a apresentar, primeiramente, os aspetos que decorrem da dimensão da confirmação, seguindo-se aqueles que remontam à revelação, por forma a subsidiar-se os conhecimentos já existentes acerca de Natália Correia.

Relativamente à dimensão da confirmação, o discurso epistolar analisado nas diferentes peças do *corpus* testemunha: (a) a presença de Dórdio na vida de Natália nas janelas temporais das décadas de 60 e 80, remontando, assim, para a época em que se conheceram e, posteriormente, para a altura anterior à celebração do casamento de ambos, que teve lugar em 1990, segundo a vontade de Natália. Esta presença é referida como uma constante na vida da autora, por parte de Helena Cantos (citada por Pedrosa, 1997) e, se forem considerados os dados biográficos constantes no *Capítulo I*, que remontam às décadas 70 e 80, percebe-se que, durante essas duas janelas temporais, Dórdio Guimarães sempre procurou incluir Natália Correia nas atividades profissionais que desempenhou nos campos da imprensa e da produção cinematográfica; como tal, a apreciação realizada pela amiga íntima de Natália surge enquadrada nos factos apurados biograficamente; (b) a existência de um relacionamento de natureza amorosa entre Natália Correia e Dórdio Guimarães, cuja construção foi iniciada a partir do primeiro encontro que tiveram em 1962, conforme testemunhado com a publicação do poema intitulado “O Beijo de *Antikonie*”; (c) a constatação de que, no início da década de 70, eram sentidos ciúmes, por parte de Dórdio Guimarães, em relação a Natália Correia, conforme testemunhado por José António Correia (Pedrosa, 1997); (d) o reconhecimento da existência de traços de um amor cuja natureza fraternal é declarada nas duas cartas incluídas na janela temporal da década de 80. Esta declaração coaduna-se com a leitura de que Natália Correia e Dórdio Guimarães se relacionavam num casamento casto (Dacosta, 2001); (e) a necessidade de companhia de Natália Correia, perante a constatação das dificuldades que detinha na

gestão do cotidiano, conforme documentado biograficamente (Campos, 2006). Esta necessidade refletia-se no medo que sentia em relação à solidão, pelo que interpela pela presença de Dórdio na sua vida (Cantos, citada por Pedrosa, 1997; Campos, 2006).

No que diz respeito à dimensão da revelação, com base no discurso epistolar de Natália, tornou-se possível descortinar os aspetos seguintes: (a) o relacionamento tido com Dórdio Guimarães não se restringiu apenas à existência de uma amizade, que se traduziu numa presença duradoura ao longo de três décadas. Tratou-se, pois, de uma situação de efetivo apaixonamento, que culminou na construção de uma relação amorosa cuja duração aproximada correspondeu a cerca de dez anos, segundo o discurso epistolar de Dórdio Guimarães datado de 1972. A relação em causa decorreu, assim, quando Natália Correia era casada com Alfredo Luís Machado Lage, pelo que se dá o desvendamento de que Dórdio Guimarães também se tratou de um amante de Natália. Esta constatação surge sustentada nos elementos linguísticos incluídos na correspondência endereçada a Dórdio Guimarães, durante a década de 60, visto que os mesmos apontam para o reconhecimento de uma vertente de entrega que não se restringe apenas à espiritual, tratando-se, assim, de uma entrega carnal característica dos amantes; (b) a necessidade de Natália Correia fazer-se presente junto de Dórdio, aquando de situações de ausência, quer pela realização de viagens ao estrangeiro, quer pela hospitalização dele. Em ambas as circunstâncias, Natália Correia, enquanto correspondente, encontra nos dispositivos externos ‘carta’ e ‘postal’ um meio não só para comunicar com Dórdio, mas também para expressar os sentimentos que advêm da situação de separação física em que se encontra: sofrimento, desespero, solidão, saudade (...). Estes sentimentos têm lugar na tematização patente no discurso epistolar de Natália, assumindo-se, assim, como o *topos* mais recorrente; (c) o uso de formas nominais de substituição na correspondência trocada entre Natália Correia e Dórdio Guimarães, nomeadamente os nomes *Cynthia* e Propércio, constatando-se, assim, que o seu emprego não era restrito à escrita literária de Dórdio Guimarães. Para além dos nomes indicados, dá-se a revelação do *petit nom* “Pépé”, que é usado por Natália para se referir a si mesma. No entanto, não foram identificados dados passíveis de contribuírem para a descodificação do sentido associado ao emprego de tal nome de substituição; (d) a apreciação positiva de Natália Correia, no que se refere ao facto de ser entendida como a essência da vida de

Dórdio Guimarães; como tal, assim como *Cynthia* de Propércio, também o incentiva a manter a fidelidade da sua entrega mesmo quando lhe declara a existência de um amor profundo cujos traços de ferosidade já não sobressaem comparativamente ao tempo de apaixonamento da década de 60; (e) o conhecimento e o respeito pelo amor existente entre Natália Correia e Dórdio Guimarães, por parte da amiga intermediária das cartas de amor de José António Correia, Branca Rodrigues; (f) a elevada consciência de ambos os correspondentes relativamente à hostilização do amor sentido por parte de Dórdio. Natália Correia declara, assim, que confia, absolutamente, na lealdade do amor expressado por Dórdio Guimarães, manipulando, para o efeito, no início de cada parágrafo do corpo de uma das cartas, uma regra de retórica que serve o propósito de afirmar o que sente: “Creio que [...]” (em *Anexo F*). Por sua vez, Dórdio Guimarães, na única carta endereçada a Natália constante no *corpus*, deixa transparecer que, apesar de não se tratar de uma referência marcante do campo literário da época, já se afirmava com a obra produzida até ao momento em que se inscreve o ato de escrita (em 1972). Deste modo, percebe-se que, de certa forma, está presente o conhecimento que tinha acerca do questionamento do valor da sua obra, atendendo que adquirira fama apenas após a publicação das duas primeiras obras poéticas dedicadas a Natália (Braga, citada por Costa, 2005); (g) a profundidade do amor sentido por Natália Correia relativamente a Dórdio Guimarães é declarada na correspondência localizada na década de 80, na medida em que a autora o reconhece como uma das duas pessoas que mais ama, apesar de, no mesmo discurso, constar a presença de formas de tratamento que apontam para o reconhecimento de um amor de natureza distinta da paixão sentida e revelada na correspondência localizada na janela temporal da década de 60; (h) a existência de traços de um amor ainda apaixonado, nos postais localizados na janela temporal da década de 80, apesar de as duas cartas localizadas na mesma época indicarem a presença de um amor fraternal. Esses traços referem-se a uma manifestação hiperbolizante que tem lugar na despedida; (i) a proximidade existente entre Natália Correia e Dórdio Guimarães sustenta-se nas afinidades que têm, conforme fazem prova os *topoi* impressos nas cartas (retoma de vivências; relato de notícias; partilhas dos lugares visitados). Este aspeto relaciona-se intimamente com as linhas teóricas defendidas por Siess (1998_b), no âmbito do epistolar amoroso, quando se refere às variáveis que

determinam a proximidade dos correspondentes; (j) o reconhecimento, por parte de Natália Correia, de que, para além de Dórdio Guimarães, o pai se tratava da outra pessoa que mais amava, descortinando-se, assim, um sentimento não identificado em nenhum dos registos biográficos consultados; (l) a identificação de Dórdio Guimarães e do pai, Manuel Medeiros Correia, como os dois homens que mais amava, em detrimento do reconhecimento do amor sentido pelo marido, Alfredo Luís Machado Lage, que, segundo Dacosta (citado por Pedrosa, 1997), se tratou do único homem que Natália verdadeiramente amou. Considerando-se a janela temporal de localização das duas cartas onde se dá a declaração em causa – 1984-1988 –, constata-se que, na altura da emissão dos atos de escrita, o então marido ainda era vivo, dado que faleceu apenas em 1989.

Como o discurso epistolar se trata, sobretudo, de uma manifestação dialética, que se constrói de forma espontânea e, como tal, revela uma expressão autêntica do “eu” (Seara, 2006_a, 2008_a; Ferreyrolles, 2010), a constatação dos aspetos acima elencados surge sustentada numa análise discursiva que procurou atender às marcas impressas no discurso epistolar de Natália Correia, dado que a carta sempre se constitui como um reflexo de quem escreve (Melançon, 1990; Diaz, 2002).

Os enunciados produzidos por Natália, para além de assumirem a configuração estrutural inerente à carta, encerram em si traços que acabam por espelhar o estilo de escrita da autora, no âmbito da gestão que faz da macroestrutura proposta por Adam (1998), daí a relevância de serem evidenciadas as marcas retórico-discursivas patentes no discurso epistolar de Natália Correia. Face ao exposto, passam a ser consideradas as marcas impressas no discurso epistolar da correspondente em estudo, destacando-se apenas os recursos cuja utilização assume maior expressividade:

- (1) sintaticamente, está-se, pois, perante um discurso onde predomina o emprego de pronomes pessoais e de tempos verbais nas 1.^a e 2.^a pessoas, conforme previsto no epistolar (Altman, 1982). Para além disso, ocorre a inclusão de outros recursos de valor expressivo característicos do epistolar amoroso, que revertem para uma maior aproximação entre os correspondentes: (a) formas nominais, ou de substituição, ou no grau diminutivo, que são mobilizadas como uma estratégia de delicadeza, atendendo ao carinho que transmitem (Seara, 2008_b, 2011_b). As

expressões apelativas conjuntivas utilizadas na abertura das cartas e também os vocativos incluídos na conversação em ausência, que se faz ao longo do corpo das cartas, também espelham o uso de formas de tratamento afetuosas; (b) adjetivos qualificativos, aplicados em atos de elogio, como estratégia de maximização das características do amado (Rodrigues, 2003), que acabam por se refletir, positivamente, na construção da imagem dele próprio (Marco, 2007, citado por Palrilha, 2009). Para além destes mecanismos, neste nível sintático, reconhece-se ainda o emprego das figuras de retórica seguintes: a repetição, a anáfora e a enumeração, tratando-se de uma estratégia enunciativa, que não serve apenas o propósito de serem enfatizadas ideias específicas, dado que encerra em si também uma função estética (Charaudeau e Maingueneau, 2002; Azeredo, Pinto e Lopes, 2012);

- (2) semanticamente, o discurso epistolar de Natália é fortemente marcado por uma linguagem expressiva, que dá lugar à verbalização de sentimentos, por meio de um emprego predominante da metáfora. Está-se, pois, perante enunciados cujo nível de escrita é passível de ser decifrado pelo destinatário, dado que Dórdio Guimarães dominava a linguagem figurada, por se tratar também ele de um poeta. É, pois, relevante ter-se presente que a utilização da metáfora nem sempre evoca associações lógicas; como tal, a sua decifração depende da capacidade de compreensão imaginativa, que é determinada pela sensibilidade (Azeredo, Pinto e Lopes, 2012). Neste âmbito, verifica-se, novamente, a sustentação das linhas teóricas de Siess (1998_b), dado que se refere ao nível sociocultural dos correspondentes enquanto variável de influência na construção da relação de proximidade estabelecida durante a interação epistolar. Conforme observado, no *Capítulo I*, Natália Correia e Dórdio Guimarães partilhavam interesses comuns, estando os mesmos na base da construção de um relacionamento que se estendeu no tempo. Em virtude da análise retórico-discursiva constante na *Parte III* deste estudo, acrescenta-se que, entre os elementos antes identificados como facilitadores da proximidade existente entre os correspondentes, o facto de Natália Correia e Dórdio Guimarães se expressarem comumente a partir de

uma linguagem figurada também se apresenta como uma afinidade facilitadora da comunicação entre ambos.

Tendo em conta a abordagem realizada, percebe-se que a escrita de Natália, no discurso epistolar analisado, cumpre a função comunicativa que lhe é inerente, ao mesmo tempo que se singulariza pelas marcas estilísticas impressas. Para além das marcas já observadas, urge também a necessidade de se sistematizar, a partir deste momento, o modo como Natália gere as diferentes sequências textuais que modelizam a estruturação da carta, para que, assim, se reflita acerca da apropriação que faz das sequências fáticas, durante os atos de escrita:

- (1) no que toca às sequências fáticas de abertura, para além de não abarcarem o ato de localização espaço-temporal, também se constroem sem a inclusão dos atos de fala característicos de uma correspondência marcada pela transitividade. Distinguem-se, assim, nas rotinas verbais utilizadas, expressões apelativas conjuntivas, que, na maioria das vezes, refletem formas de tratamento que servem a confirmação do relacionamento amoroso existente entre Natália Correia e Dórdio Guimarães (Seara, 2006_a, 2008_a). Em algumas situações, são também identificados atos de fala, mas estes, na maioria das vezes, remetem diretamente para os *topoi* mais recorrentes do epistolário estudado;
- (2) relativamente às sequências fáticas de pré-fecho, estão praticamente ausentes no discurso epistolar da correspondente, notando-se, assim, que não subjaz uma preocupação, no sentido de ser amenizada a fragmentação inerente à sequência fática seguinte (Altman, 1982). Atendendo à relação de proximidade existente entre os correspondentes, a supressão dos atos característicos da sequência em apreço indicia traços da personalidade de Natália, pois tratava-se de uma mulher cuja frontalidade dispensava o recurso a mecanismos de atenuação do efeito suscitado pela despedida inerente à carta;
- (3) por sua vez, as sequências fáticas de fechamento assumem formas diferenciadas, oscilando entre redações de curta e média extensão. Todavia, apesar da diversidade plasmada nas diferentes situações de despedida, sobressai nelas a presença de uma linguagem expressiva, que marca, comumente, a

manifestação de que pertencia a Dórdio Guimarães. Este sentido de pertença expressado assume, por vezes, a forma de jura amorosa.

Tendo em conta a estruturação patente no discurso epistolar de Natália Correia, constata-se que, no âmbito da gestão das sequências fáticas da carta, a correspondente valoriza, sobretudo, a inclusão da saudação, por meio de uma expressão apelativa conjuntiva, e de uma despedida, seguindo-se, por fim, a inclusão da sua assinatura. Como tal, percebe-se que, no âmbito dos atos de escrita produzidos, se focaliza, sobretudo, na enunciação dos *topoi* incluídos ao longo do corpo das cartas.

Considerando-se, por fim, os *topoi* mais recorrentes no discurso epistolar da autora, constata-se que o *corpus* textual apreciado surge contextualizado em circunstâncias de ausência, que legitimaram a satisfação de uma necessidade de aproximação relativamente a Dórdio Guimarães, servindo, assim, de consolo (Seara, 2006_a, 2008_a, 2011_b). O destinatário, por sua vez, traduziu a necessidade de presença de Natália com o ato de guardar as peças que lhe foram endereçadas (2008_b), constituindo as mesmas, no presente, propriedade da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada (Gameiro, 2016, 2018).

Graças à visão da imortalidade de Natália Correia, que se encontra espelhada na carta endereçada a ela própria, por parte de Dórdio, os esforços movidos pelo mesmo, após a morte da autora, no sentido de a correspondência amorosa trocada entre ambos se encontrar acessível para estudo, permitiram, na verdade, que a análise realizada se levantasse como uma proposta de interpretação dos testemunhos privados e íntimos existentes.

Deste modo, à luz do discurso epistolar de Natália, foram revelados os sentimentos que nutriu verdadeiramente por Dórdio, encontrando-se os mesmos localizados em janelas temporais distintas. Estas, por terem sido definidas com base em elementos linguísticos de uso característico no epistolar, em confluência com os dados biográficos disponíveis, apesar de se tratarem de hipóteses justificadamente consideradas, constituíram-se como os pilares que alicerçam a proposta de interpretação patente neste estudo.

No entanto, atendendo à insuficiência de outros dados de cariz biográfico, em particular no que se reporta a informações específicas relacionadas com Dórdio Guimarães

e com o pai de Natália, Manuel Medeiros Correia, a interpretação realizada surge suportada unicamente nos dados disponíveis nas obras de cariz biográfico existentes. Como tal, o cruzamento de informação com outras fontes pode, porventura, reverter para um esmiuçamento dos dados constantes na interpretação realizada.

Outro aspeto pertinente de ser realçado prende-se com o facto de que, perante a impossibilidade de aceder a outras peças epistolares inéditas, em destaque as de natureza amorosa endereçadas a José António Correia, não se tornou possível o desvendamento de factos passados que, porventura, poderiam ter ajudado a esclarecer, efetivamente, se a presença de Dórdio Guimarães, na vida de Natália Correia, durante a década de 70, apenas encerrou em si uma dimensão de companheirismo.

Atendendo ao entusiasmo gerado em torno do trabalho investigativo implicado nesta dissertação, há a pretensão de o mesmo ser continuado, futuramente. Neste sentido, o estudo de toda a correspondência publicada e inédita de Natália Correia apresenta-se como uma possibilidade a ser abraçada ou, porventura, apenas a correspondência de natureza amorosa trocada com José António Correia.

Outra possibilidade a ser equacionada relaciona-se com o estudo de outros espólios epistolares, nomeadamente os comuns e familiares, pelo facto de que o discurso epistolar impresso nos mesmos, quando analisado pragmaticamente, sempre reverte para o esclarecimento de múltiplas questões, entre as quais se destaca o aprofundamento do conhecimento que se tem acerca dos correspondentes e que se encontram escondidos por detrás da entidade autor literário (Ceia, 2009).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Género epistolar

- Adam, J. (1992). *Les textes: types et prototypes – récit, description, argumentation, explication et dialogues*. Nathan. Paris.
- Adam, J. (1998). Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 37-53.
- Altman, J. (1982). *Epistolary, Approaches to a form*. Ohio State University Press. Columbus.
- Amossy, R. (1998). La lettre d'amour do réel ao fictionnel. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 73-96.
- Benveniste, E. (1966). *Problèmes de linguistique general I*. Gallimard. Paris.
- Benveniste, E. (1974). *Problèmes de linguistique general II*. Gallimard. Paris.
- Bray, B. (1970). *Réalité vécue et art épistolaire: Madame de Sévigné et la lettre d'amour*. Bordas. Paris.
- Bray, B. (1992). Treize propos sur la lettre d'amour. *Textuel, la lettre d'amour*. Université de Paris VII – Jussieu. Paris. pp. 9-17.
- Brenot, P. (2000). *De la lettre d'amour*. Zulma. Paris.
- Beugnot, B. (1974, março/abril). Débats auteur du genre épistolaire. *Révue d'histoire littéraire de France*. **2**: 195-202.
- Clermont-Ferrand, R. (1983). La lettre d'amour et l'effemination épistolaire. *Actes du Colloque International: "Les correspondances"*. Publication de l'Université de Nantes. Nantes. pp. 93-107.
- Cornille, J. L. (1983). L'Assignation, analyse d'une pacte epistolaire. Les correspondances – Problématique et économie d'un genre littéraire. *Actes du Colloque International: "Les Correspondances"*. Publication de l'Université de Nantes. Nantes. pp. 25-51.
- Diaz, B. (2002). *La lettre ou la pensée nomade*. Presses Universitaires de France. Paris.
- Duchêne, R. (1973). Commentaire historique. Lettre (sens epistolaire). Em: R. Escarpit (Ed.), *Dictionnaire international des termes littéraires*. Mouton. Paris.

- Duchêne, R. (1995). Lettre et conversation. Em: B. Bray e C. Strosetzki (Orgs.), *Art de la lettre, art de la conversation à l'époque classique en France*. Klincksieck. Paris. pp. 93-102.
- Ferreyrolles, G. (2010). L'Épistolaire, à la lettre. Em: A. Colin (Distr.), *Révue littératures classiques*. pp. 5-27. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-litteratures-classiques1-2010-1-page-5-htm> [21 de dezembro de 2019].
- Geniasca, J. (1988). Notes sur la communication épistolaire. Em: A. Greimas, J. Grize et al., *La lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*. Éditions Universitaires. Fribourg.
- Grassi, M. (1987, 8-18 julho). La correspondence comme discours du privé ao XVIII^e siècle. Conferência apresentada no *Colloque L'épistolarité à travers les siècles*. Centre Culturel International de Cerisy-la-Salle. Cerisy-la-Salle. pp. 180-183.
- Gruffat, S. (2001). *L'Épistolaire*. Éditions Ellipses. Paris.
- Haroche-Bouzinac, G. (1995). *L'Épistolaire*. Hachette Supérieur. Paris.
- Kaufman, V. (1990). *L'Équivoque épistolaire*. Éditions de Minuit. Paris.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1998). L'Interaction épistolaire. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 15-36.
- Lage, M. (2016, 4-26 de novembro). Redes sociais e epistolografia: correspondência entre Jorge de Sena e Mécia de Sena (século XX). Comunicação apresentada no *V Encontro CITCEM – As linhas e as letras. Epistolografia e memória da cultura escrita*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. pp. 295-312.
- Landowski, E. (1988), La lettre comme acte de présence. *La lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire de Fribourg*. Éditions Universitaires de Fribourg. Fribourg. pp. 19-26.
- Lanson, G. (1965). *Essais de méthode, de critique et d'histoire littéraire*. Hachette. Paris.
- Lecointre, S. (1983). Contribution à une théorie du texte des correspondances. *Les Correspondances – Problématique et économie d'un genre littéraire, Actes du Colloque International: "Les Correspondances"*. Publication de l'Université de Nantes. Nantes. pp. 195-213.

- Maingueneau, D. (1998). Scénographie épistolaire et débat public. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 55-72.
- Marcuchi, L. (s/d). Géneros textuais: definição e funcionalidade. Disponível em: www.proead.unit.br/professor/linguaportuguesa/arquivos/textos/Generos_textuais_definicoes_funcionalidade.rtf [19 de dezembro de 2019].
- Melançon, B. (1990). De l'Invention épistolaire: à la manière de soi. Em: M. Bossis e C. A. Potter (Orgs.), *L'Épistolarité à travers les siècles, Geste de communication et/ou d'écriture – Colloque Centre Culturel de Cersisy la Salle*. Franz Steiner Verlag. Stuttgart. pp. 27-38.
- Moraes, M. (2000, 28 de outubro). Cartas, um género híbrido e fascinante. *Jornal da Tarde, Caderno Sábado*. São Paulo.
- Rocha, A. (1985). *A epistolografia em Portugal*. 2.ª Edição, Temas Portugueses. Lisboa.
- Rodrigues, D. (2003). *Cortesia linguística: uma competência discursivo-textual: formas verbais corteses e descorteses em português*. Tese de doutoramento. Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. 508 pp.
- Rougeot, J. (1978). La littérature épistolaire. Em: J. Bessière, M. Bloch e D. Couty (Dir.), *Littérature et genres littéraires*. Larousse. Paris. pp. 169-178.
- Roulet, E. (1985). Structures hiérarchiques et polyphoniques du discours. Em: E. Roulet *et al.* (Dir.), *L'Articulation du discours en français contemporain*. Peter Laang. Berne. pp. 9-84.
- Roulet, E. (1995). Vers um approche modulaire de l'analyse de l'interaction verbal. Em: D. Véronique e R. Vion (Eds.), *Modèles de l'interaction verbal*. Publications de l'Université de Provence. Aix-en-Provence. pp. 113-126.
- Sarfati, G. (1997). *Éléments d'analyse du discours*. Editions Nathan. Paris.
- Seara, I. (s/d). A sedução da *ars epistolaris* em Vergílio Ferreira. Universidade Aberta/CLUNL. Lisboa.
- Seara, I. (2004). L'utopie dans la correspondance de Mário de Sá-Carneiro. Em: *Révue de l'Aire – lettre et utopie*. Honoré Champion. Paris. **30**: 82-102.
- Seara, I. (2006_a). *Da epístola à mensagem eletrónica: metamorfoses das rotinas verbais*. Tese de Doutoramento em Linguística. Universidade Aberta. Lisboa. 552 pp.

- Seara, I. (2006_b, maio). Texto epistolar: epifania do eu ou culto do social?. *Actas do Colóquio Formas e Espaços de Sociabilidade. Contributos para uma história da cultura em Portugal*. Universidade Aberta/ Instituto Camões. Lisboa. pp. 1-11.
- Seara, I. (2008_a). A palavra nómada: contributos para o estudo do género epistolar. *Estudos linguísticos/Linguistic studies*. Edições Colibri/CLUNL. Lisboa. pp. 121-144.
- Seara, I. (2008_b). O epistolar: relicário de cumplicidades. Em: C. Pardo, E. Feijó e J. L. Rodriguez (Edts.), *Da Galiza a Timor: a lusofonia em foco*. *Actas do VIII Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas*. pp. 857- 868.
- Seara, I. (2010). A confissão intimista na correspondência amorosa de António Lobo Antunes: estudo paradigmático. Em: M. J. Marçalo *et al.* (Ed.s), *Actas do II Simpósio Mundial de Estudos em Língua Portuguesa (SIMELP). A Língua portuguesa: ultrapassar as fronteiras, juntar culturas*. Universidade de Évora. Évora. pp. 77-97. Disponível em <http://www.simelp2009.uevora.pt/pdf/slt61/06.pdf> [9 de março de 2020].
- Seara, I. (2011_a). Delicadeza em atos ilocutórios expressivos: estudo em fóruns universitários. Em: A. Cestero, I. Molina e F. Paredes (Comps.), *Documentos para el XVI Congreso Internacional de la ALFAL Alcalá de Henares*. Universidade Aberta e CLUNL. Lisboa. pp. 2-15.
- Seara, I. (2011_b). Estendal do ego: contributos para análise de cartas de amor. Em: C. Andrade e A. L. Cabral (Orgs.), *Práticas linguístico-discursiva: alguns caminhos para aplicação teórica*. Terracota Editora. São Paulo. pp. 109-125.
- Seara, I. (2012). Epistolarity: from hidden dialogue to an obsession to dialogue. Em: E. Weigand (Dir.), *Language and dialogue*. **3**: 363-374.
- Seara, I. (2013). Cartas entre amigos: abrigos cúmplices de caligrafias entrelaçadas. Em M. Alpalhão, C. Carreto e I. Barros Dias (Orgs.), *Da letra ao imaginário: homenagem à professora Irene Freire Nunes*. Universidade Nova de Lisboa – Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Centro de Estudos sobre o imaginário literário. Lisboa. pp. 311-327.
- Seara, I. (Dir. e Coord.) (2014). *Cortesias: olhares e (re)invenções*. Lisboa: Chiado Editora.

- Seara, I. (2017). Contributo para o estudo da (des)cortesia verbal: estratégias de atenuação e de intensificação nas interações. Em: A. Cabral; I. Seara e M. F. Guaranha (Orgs.), *Descortesia e Cortesia: expressão de culturas*. Cortez Editora. São Paulo. pp. 233-265.
- Siess, J. (1998a). Introduction, par Jürgen Siess. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 5-12.
- Siess, J. (1998b). L'Interaction dans la lettre d'amour. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 111-134.
- Silva, M. (1998). Para uma teoria da prática epistolar pessoana. *Correspondências*. Colibri. Lisboa.
- Silva, M. (2003). *Realidade e ficção. Para uma biografia epistolar de Fernando Pessoa*. Assírio e Alvim. Lisboa.
- Vasconcellos, E. (2008). Intimidade das confidências. *Revista de Literatura Brasileira*. **8/9**: 372-389.
- Viana, M. (1940). *Os epistológrafos na literatura portuguesa. Ensaio histórico-crítico*. Editora Educação Nacional. Porto.
- Violi, P. (1985). La intimidad de la ausencia. Formas de la estructura epistolar. *Estudios Semióticos*. **3/4**: 70-80.
- Violi, P. (1988). Présence et absence. Stratégies d'énonciation dans la lettre. Em: A. Greimas, J. Grize et al., *La lettre, approches sémiotiques, Actes du VI^e Colloque Interdisciplinaire*. Éditions Universitaires. Fribourg. pp. 27-36.
- Voisi-Atlani, F. (1998). L'Instance de la lettre. Em: J. Siess (Dir.), *La lettre, entre réel et fiction*. Sedes. Paris. pp. 97-108.
- Zerva, A. (2013). Los principios de cortesía en la enseñanza del español a aprendices griegos: las fórmulas de saludos y despedidas. *Revista Foro de Profesores de E/LE*. **9**: 153-160.

2. Natália Correia

2.1. Sobre a autora

- Abdala Júnior, B. (1990). [Recensão crítica a “Somos todos hispanos” de Natália Correia]. *Revista Colóquio / Letras*. Recensão crítica. **115 / 116**: 194-195.
- Almeida, A. (1994). *Retrato de Natália Correia*. 1.^a Edição, Círculo de Leitores. Lisboa.
- Almeida, A. (2018). Introdução. Em: N. Correia, *Descobri que era europeia. Impressões duma viagem à América*. 3.^a Edição, Ponto de Fuga. Lisboa. pp. 7-18.
- Almeida, A. (2019). *Natália Correia: um compromisso com a Humanidade: ensaio sobre a obra édita e inédita*. Edição da Secretaria Regional de Educação e Cultura. Direção Regional da Cultura. Angra do Heroísmo.
- Almeida, A. e Costa, F. R. (Coords.) (2005). *In memoriam Natália Correia*. 1.^a Edição, AçorPlus. Ponta Delgada.
- Almeida, A. e Melo, J. A. (2010). *Os filhos de Ponta Delgada*. Edição da Biblioteca Municipal e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada.
- Anacleto-Matias, H. (2013). Sobrevoando a ilha Mátria de Natália Correia – uma panorâmica. Porto: Instituto Politécnico do Porto. Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto. Porto. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.22/1234> [21 de dezembro de 2019].
- Carlos, L. A. (2004). A mátria e o mal em Natália Correia. *Via atlântica*. **7**: 71-80.
- Campos, M. A. (2006). *A senhora da rosa: biografia de Natália Correia: poeta portuguesa 1923-1993*. Edição da Parceria A. M. Pereira. Lisboa.
- Costa, A. P. (2005). *Natália Correia. Fotobiografia*. 1.^a Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- Cunha, P. (2003, 16 de março). Natália Correia: a mulher que cruzou todos os mares. *Público*, pp. 40-41.
- Dacosta, F. (2001). *Nascido no Estado Novo. Narrativa*, 1.^a Edição, Editorial Notícias. Lisboa.
- Dacosta, F. (2003). A Natalidade de Natália. Em: Secção Francesa de DEPER, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, *Natália Correia 10 anos depois...* Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto. pp. 9-18.

- Dacosta, F. (2013_a, 1 a 14 de maio). Ano Natália Correia. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, p. 8.
- Dacosta, F. (2013_b). *O Botequim da Liberdade*. 1.^a Edição, Casa das Letras. Alfragide.
- Fagundes, L. D. (2003). Apresentação. Em: *Catálogo N. Correia, exposição*. Edição da Assembleia da República. Lisboa. pp. 1-7.
- Ferreira, A. M. (1982, 20 de julho a 2 de agosto). Natália Correia: só a paixão romântica pode abrir as portas da prisão em que vivemos. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, pp. 6-8.
- Gameiro, O. (2016). *Natália Correia (1923-1993). Memórias guardadas. Silêncios e ênfases nos arquivos de Natália Correia e Dórdio Guimarães*. Edição da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada. Ponta Delgada.
- Gameiro, O. (2018, 29 de novembro). O arquivo pessoal de Natália Correia. Tratamento e disponibilização do arquivo de uma figura incontornável do séc. XX em Portugal. Comunicação apresentada no *Colóquio Comemorativo dos 25 Anos da Morte de Natália Correia*. Centro de Natália. Ponta Delgada. Não publicada.
- Guimarães, D., Ponte, B., Soeiro, E. e Sousa, A. (2004). *Entrevistas a Natália Correia*. 1.^a Edição, Parceria A. M. Pereira. Lisboa.
- Lello, J. (1993). “Natália e a noite...: ou um “Botequim” que entrou na história”. *Letras & Letras*, p. 11.
- Letria, J. J. (1992, 16 de junho). Natália Correia em paz com os Deuses. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, pp. 8-9.
- Letria, J. J. (2013, 29 de março). Recordar hoje Natália Correia é honrar a cultura portuguesa. *Jornal de Sintra*, p. 12.
- Lucas, I. (2006, 15 de março). Um retrato múltiplo de Natália Correia. *Diário de Notícias, Artes*, pp. 34-35.
- Maldonado, F. (1989, 15 de junho). Natália Correia e a paixão. *Revista Expresso*, p. 14.
- Marques, C. (1988, 19 de abril). Natália Correia: a minha causa é combater a extinção das causas. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, pp. 8-9.
- Medeiros, W. (1984, março). A lua negra do poeta. Palestra na Faculdade de Letras – Universidade do Porto. Porto. Disponível em:

https://www.uc.pt/fluc/eclassicos/publicacoes/ficheiros/humanitas35-36/03_Medeiros.pdf. [2 de janeiro de 2020].

- Mesquita, M. (2002). Natália Correia, Descobri que era Europeia. Impressões duma viagem à América. *Caleidoscópio*. s/n.º: 233-234.
- Mota, A. R. (2014). *As faces de Natália*. Dissertação de Mestrado em Estudos sobre Mulheres. As Mulheres na Sociedade e na Cultura. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa. 62 páginas.
- Pedrosa, I. (1997, 13 de setembro). O amor louco de Natália Correia. *Revista Expresso*, pp. 36-49.
- Pedrosa, I. (2005). Prefácio. Em: A. P. Costa, *Natália Correia. Fotobiografia*. 1.ª Edição, Publicações Dom Quixote. Lisboa. pp. 11-16.
- Pimentel, F. V. (2010). *A mão que se move no escuro. 3 poetas dos Açores – Natália Correia, Armando Côrtes-Rodrigues, Pedro da Silveira*. Edição da Presidência do Governo Regional dos Açores – Direção Regional da Cultura. Angra do Heroísmo.
- Roseta, H. (2000). O espólio de Natália Correia. *Atlântida*. XLV: 341-346.
- Secção Francesa de DEPER, Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2003). *Natália Correia 10 anos depois...* Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto.
- Valdemar, A. (2015, 22 de janeiro). Natália Correia – vida com sentido. *Público*, p. 45.
- Vaz, A. (2003). *Natália Correia: escritora do amor e da liberdade*. Edição da Junta de Freguesia da Fajã de Baixo. Ponta Delgada.

2.2. Da autora

- Correia, N. (1972). *A mosca iluminada*. 1.ª Edição, Quadrante. Lisboa.
- Correia, N. (1990). *Sonetos românticos*. 1.ª Edição, Edições “O Jornal”. Lisboa.
- Correia, N. (2018). *Descobri que era europeia. Impressões de uma viagem à América*. 3.ª Edição, Ponto de Fuga. Lisboa.

3. Dórdio Guimarães

- Guimarães, D. (1992). *Cynthia em viagem*. 1.ª Edição, Tertúlia. Sintra.

Guimarães, D. (1994). *Cynthia e a absoluta viagem*. 1.ª Edição, Átrio. Lisboa.

4. Correspondência de e para Natália Correia

Correia, N., Correspondência para Dórdio Guimarães: cota 6 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 7 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 8 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 9 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 10 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 11 (s/d), 1 fl. (manuscrito); cota 12 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 191 – 11/03/1973, 1 fl. (manuscrito); cota 373 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 374 (s/d), 1 fl. (manuscrito); cota 244 – 20/06-85, 1 fl. (datilografado); cota 245 (s/d), 7 fls. (manuscrito). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

Guimarães, D., Correspondência para Natália Correia: cota 1372 (s/d), 5 fls. (manuscrito); Cota 1373 – 13/09/69, 1 fl. (manuscrito); Cota 1374 – 13/09/1972, 2 fls. (manuscrito); Cota 1375 – 13/09/1975, 3 fls. (datilografado); Cota 1376 – 13/09/1978, 1 fl. (datilografado); Cota 1377 – 13/09/1979, 1 fl. (datilografado); Cota 1377 A 13/09/1984, 1 fl. (manuscrito); Cota 1377 B – 11/07/1990, 1 fl. (datilografado). Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

5. Linguística

Adam, J. (1990). *Éléments de linguistique textuelle*. Madraga. Liège.

Amossy, R. (Dir.) (1999). *Images de soi dans le discours. La construction de l'ethos*. Delachaux et Niestlé. Paris.

Austin, J. (1962). *How to do things with words*. Oxford University Press. Oxford.

Azeredo, M., Pinto, M. e Lopes, M. (2012). *Gramática prática de português. 3.º ciclo do ensino básico e secundário*. Raiz Editora. Lisboa.

Charaudeau, P. e Maingueneau, D. (Dirs.) (2002). *Dictionnaire d'analyse du discours*. Seuil. Paris.

Cunha, C. e Cintra, L. (1994). *Nova gramática do português contemporâneo*. 10.ª Edição, Edições João Sá da Costa, Lda. Lisboa.

- Dicionário Terminológico da Língua Portuguesa*. Ministério da Educação – Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular. Disponível em: <http://dt.dge.mec.pt/>. [20 de fevereiro de 2020].
- Goffman, E. (1967). *Interaction ritual: essays on face-to-face behavior*. Doubleday Anchor Books. New York.
- Goffman, E. (1974). *Les rites de l'interaction*. Éditions de Minuit. Paris.
- Gouveia, C. (1996). Pragmática. Em: Faria, I. Hub, E. Pedro, I. Duarte e C. Gouveia (Orgs.), *Introdução à linguística geral e portuguesa*. Editorial Caminho. Lisboa. pp. 383-419.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (1996). *La conversation*. Seuil. Paris.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2005). *Os atos de linguagem no discurso: teoria e funcionamento*. 1.ª Edição, Editora da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro. Tradução de F. A. Almeida e I. E. Dias (2001). Título original: *Les actes de langage dans le discours*.
- Kerbrat-Orecchioni, C. (2006). *Análise da conversação, princípios e métodos*. Parábola Editorial. São Paulo. Tradução de C. Piovezani Filho (1996). Título original: *La conversation*.
- Norricks, N. (1998). Expressive illocutionary acts. *Journal of Pragmatics*. 2: 277-291.
- Mainueneau, D. (1976). *Initiation aux méthodes de l'analyse du discours*. Hachette Université. Paris.
- Mainueneau, D. (1996). Os termos-chave da análise do discurso. Gradiva. Lisboa. Tradução de M. A. Silva. Título original: *Les termes clé de l'analyse du discours*.
- Mateus, M.; Brito, A.; Duarte, I. e Faria, I. (2003). *Gramática da Língua Portuguesa*. 6.ª Edição, Editorial Caminho. Lisboa.
- Palilha, S. (2009). *Contributos para a análise dos actos ilocutórios expressivos em português*. Dissertação de Mestrado em Linguística e Ensino. Universidade de Coimbra – Faculdade de Letras. Coimbra. 131 pp.
- Lima, J. (2007). Pragmática linguística. Editorial Caminho. pp. 19-102.
- Searle, J. (1984). *Os atos de fala*. Livrarias Almedina. Coimbra.

6. Webgrafia

Agência Lusa – <https://www.lusa.pt/lusaweb/>

Catálogo Coletivo Bibliotecas dos Açores – <https://ccbibliotecas.azores.gov.pt>

Default Archives. God would be an atheist – <http://godwouldbeanatheist.com>

Dicionário Infopédia da Língua Portuguesa – <https://www.infopédia.pt>

Dicionário Priberam – <https://www.priberam.org>

E-Dicionário de Termos Literários de Carlos Ceia – <https://edtl.fcsh.unl.pt/>

Poesia Portuguesa – Poemas em português – <https://www.poesia-portuguesa.com/>

ANEXOS

ANEXOS
***CORPUS* TEXTUAL: CORRESPONDÊNCIA AMOROSA**
DE NATÁLIA CORREIA E DÓRDIO GUIMARÃES

ANEXO A

Documento 1

Ficha n.º 1
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 6
Número de folhas – 2
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado (local onde vivia Michaux)
Transcrição da carta na língua original – português

Amor adorado

Vem, gatinho, a tua voz em Paris soou-me como uma reconciliação inevitável. Não pude resistir à tua vozinha terna, suplicante, desesperada. Reconheci enfim o meu pequenino amor muito grande e vi-o olhar-me através das águas como no fundo a primeira vez que quero seja sempre a última.

Estou feliz por os teus pais terem gostado de mim. Eles não podem imaginar a emoção que tive quando falei com eles. São a tua origem, meu amor. São a origem da tua carne como eu sou (ou quero ser) a do teu espírito. Por isso senti que juntos, os três, nos completávamos, formando o universo que te deu vida.

Já te disse que o autocarro que me estava destinado em Roma se chamava Cíntia? Crês que é mero acaso?

Dentro de quatro dias estaremos novamente juntos. Quase desejo que esta separação se tivesse dado para sentir a loucura de voltar a ver-te. Espera-nos um princípio. É tão bom que entre nós tudo seja um começo perpétuo.

Esta tarde estive em casa do Michaux que me ofereceu dois livros. Tem a gentileza dos génios. Que homem extraordinário! Combinei traduzi-lo para português. Tenho que lutar por isso.

Adeus, meu adorado gatinho. Não me esqueças. O teu Pépé pertence-te agora mais do que nunca e só quer que o ames muito para viver em toda a liberdade e confiança o grande grande amor que te tem.

Tua sempre

Cíntia

Natália

ANEXO B

Documento 2

Ficha n.º 2
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 10
Número de folhas – 2
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado
Transcrição da carta na língua original – português

Meu tão querido Dórdio

Quis o destino e a muita vontade ambos tendo o Espírito Santo como aliado que eu chegasse a tempo de estar aqui enquanto és operado.

Não quero que imagines os tormentos que tenho passado, com o meu coração ferido com um pinhal com dois gumes. As duas pessoas que mais amo sujeitas a intervenções cirúrgicas que os fados, pelas minhas mãos, infelizes ao volante lhes forjaram.

Meu amado amigo, regressa rapidamente à vida. Estou só. O Alfredo ficará menos no Porto. Preciso mais do que nunca de ti, da tua ternura, da tua compreensão para os meus erros que, agora, infelizmente, nem sequer posso cometer. A sensatez é-me necessária para sobreviver num mundo de documentos e números que abomino. Pensa em mim, meu amor. Pensa numa Torre de Belém de onde partimos para uma lindíssima viagem.

Era Julho...

Acredita em Eterno Retorno.

Tua Natália

ANEXO C

Documento 3

Ficha n.º 3
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 11
Número de folhas – 1
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado (referência ao plenário do Conselho de Comunicação Social)
Transcrição da carta na língua original – português

Meu amor,

Estou no plenário do CC.S e, enquanto a discussão das más presenciais corre à margem da minha dor, sinto-me dilacerada por garras que o destino cravou subitamente na minha vida atingindo cruelmente dois seres que tão profundamente amo. Ele – o meu estremeado pai, o querido ombro onde durante tantos anos repousei do cansaço das minhas fantasias. Tu, o meu amado irmão, companheiro das minhas brincadeiras de eterna menina com cães de milénios de sabedoria feminina. Tu, o meu Poeta, cantor das minhas horas frágeis de porcelana. Ele, o tronco forte da minha louca ramagem.

Ó meu irmão, ergue-te desse leito e volta à vida para me ajudares a atravessar este deserto onde me sinto perdida. Desculpa o egoísmo. Mas amar é precisar.

Tua Natália

ANEXO D

Documento 4

Ficha n.º 4
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 12
Número de folhas – 2
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado (referência a Budapeste)
Transcrição da carta na língua original – português

Meu querido Dórdio

Não sei se esta carta chegará às tuas mãos. De qualquer forma devo escrever-te de Budapeste. A necessidade da tua presença vai-se tornando uma coisa muito forte. Começo a desejar que tudo isto acabe para voltar para os teus braços. É o que me pedem os teus queridos casulos que crescem minuto a minuto e me puxam para Lisboa, essa sempre tão unicamente bela cidade onde está o meu amor.

Budapeste é sem dúvida uma das cidades mais bonitas que visitei. Digo isto como penas que os homens dizem quando estão na frente de uma bela mulher que não é sua.

Não sei escrever cartas grandes e muito menos em viagem. Só sei que te quero muito, que me entenece dolorosamente sabê-lo e que em breve o lerás nos meus olhos.

Oh! Que saudade

Tua

Natália

ANEXO E

Documento 5

Ficha n.º 5
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 373
Número de folhas – 2
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado (referência a Paris)
Transcrição da carta na língua original – português

Meu amor adorado

A viagem foi cheia de acidentes. Estivemos parados e tiveram de remover a neve das linhas. Daí termos que estar parados e só chegamos a Paris à meia-noite. Como pensei em ti durante essas horas de espera em que o fantasma do tempo parado me trazia a tua imagem tão terna, tão amante, tão irresistível.

Acho fabuloso este nosso amor que em tudo encontra uma razão para crescer.

Boas notícias: partimos no dia 19 e não no dia 20 como estava previsto. Menos um dia sem te ver! Mais um dia de vida!

Há neve em Paris. Estou a escrever-te tendo na frente uma paisagem de telhados escuros onde a neve se amontoa. É um cenário que para nós, filhos do Sol, tem muito de literário. É aqui que sabemos que a vida é sol e como a vida é amor e como o amor és tu, tu és Sol, meu sol, meu solar gatinho com patas que são raios e focinho que é expulsão de paixão. O frio aqui é mais do que suportável. É um frio seco que nos deixa a face em fogo.

Voltarei a escrever-te antes de partir. O programa por enquanto é ver duas ou três peças de teatro e alguns filmes (Bergman e Buntel) que passam em Paris.

Peço-te que quando me fores esperar à estação tenhas os olhos do nosso primeiro encontro. Cada vez os amo mais. São tão húmidos, tão profundos. Teu olhar de planta submarina. Lembras-te deste meu poema?

Os Miranda Rodrigues têm sido admiráveis. De uma gentileza persistente. Não sei como corresponder a tanta amabilidade. A Branca falou de ti com muita ternura. Falou no teu olhar triste quando o comboio se afastou. E referiu-se a isso como alguém que respeita o amor. Feito dela, minha vida, meu bichinho, minha semente, meu dentro, meu macio, meu pequenino (tão grande aqui em Paris), meu fruto, meu jardim tropical na estação da neve, minha flor dos Alpes, meu próximo, meu eu ser teu casulo, meu eu ser Natália, meu tudo, cada vez mais amor de tua tua tua

Natália

ANEXO F

Documento 6

Ficha n.º 6
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 374
Número de folhas – 1
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado
Transcrição da carta na língua original – português

Amado

Eis o meu credo:

Creio que para os amantes não há separação e se esta ocorre fisicamente é para que eles sangrem o sangue que mais os une. Creio isto porque o senti cada vez que o meu corpo se afastou de ti e a tua imagem se ensanguentou pulando como um tambor no meu sangue.

Creio que os teus olhos que me fixaram e sideraram no primeiro encontro serão a minha possibilidade de visão neste interregno. As coisas vão ficando focadas pela maravilha dos teus olhos.

Creio que entretanto vou ter uma fenda ferida no peito e vou sofrer e vou gostar de sofrer porque esse sofrimento é saber que o mundo está parado enquanto estamos separados e devo voltar para ti para que ele retome a sua evolução.

Creio na absoluta lealdade deste amor. Ele é o cume jamais atingido pelas forças que lhe são hostis.

Creio que não há ninguém como tu. Creio que és o meu caminho para um deus onde a vida e a morte se reconciliam. Creio que por ti sou melhor do que estava para ser. Creio que por ti beijarei na boca o leproso e farei poemas cujas ondas banharão as longínquas

praias do tempo. Creio que deste um sentido eterno ao macio, ao frente ao próximo, ao tátil.

Creio que te amo como nunca

Tua para sempre

Pépé

Natália

ANEXO G

Documento 7

Ficha n.º 7
Arquivo de correspondência – Natália Correia
Cota – 1372
Número de folhas – 5
Categoria – carta de amor
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Dórdio Guimarães
Destinatário – Natália Correia
Data – Não indicada
Local – Não indicado
Transcrição da carta na língua original – português

Cheguei ao limite de pouca vida. Os sonhos tornaram-se hostis, pior, anjos negros. A que ponto chegou o meu viver? Vazio permanente, o teu desamor, ou seja, a ausência dos teus olhos abertos do meu amor, o ponto vital que me levou a considerar prodigiosa a vida! Que me resta? Um mundo de homens que o fizeram e são o meu antípoda e meus antípodas. A deslocação incessante dos teoremas que não apreendo. O tédio insuportável de todos os dias acordar sem a alegria desse simples acontecimento, sem os teus olhos a iluminar as coisas que andam dentro de mim, porque esses olhos “quiseram” apagar-se para mim. De vez em quando um poema de mitómanas ilusões, essa poesia que me traiu, pois não cumpriu o paraíso que me prometeu. Que me resta? O espectáculo da minha impotência, decerto. Mas talvez não, o que tive em dez anos, foi excessivo. É isso. Vivi em estado de sonho puro, inventado, inigualável até! Mas a vida é longa de mais para um sonho tão intenso. O êxtase com que me mantinhas foi da fonte irradiadora esmorecendo. Caio em mim. E o que vivo hoje foi tudo quanto nunca quis viver. Os escombros, de ruínas de uma vida inimitável, como de uma civilização das quais restam pedras em desordem. E só o futuro me interessa, que paradoxo!

Que se passou para hoje ser este hoje? O desastre de desesperos sucessivos. Peço perdão de todos os amantes desgraçados em estado de graça para as palavras que te

disse ontem. Não foram sentidas, foram com certeza despeitadas, como muitas que certamente Propércio proferiu a Cynthia. Foram de dor descoordenada, de perdição, de maldito ciúme, de horror maior para quem as profere! De quem esgota todos os argumentos para se ferir a si mesmo e já não pode persuadir a amada a voltar a nós próprios da sua fuga!

Um vale tudo de quem a suspeita perdida definitivamente de si! Foi só isto, o horror que se passou pelas minhas obsoletas palavras... Humildemente te peço perdão! E compreende por um segundo o inferno em que ando...

Que vai acontecer? Como se importasse o que vai acontecer!...

É praticamente inabalável a “solução” do suicídio. Penso, contudo, se te deixarei ficar... Deve-se matar o sonho que nos matou, não é? Se não o sonho fica para os outros, bem menos sonhadores que nós. Um sonho deve ser estimado, adorado com grandeza e sublimidade, não pode ser para qualquer um, para o usufruto de um menor, de um vulgar ou de um medíocre! Quando foi superiormente honrado por alguém, não pode ser inferiorizado por outro qualquer! Deve manter-se impoluto e partir connosco. Ora eu não entendo a vida sem ti, logo não posso entender a morte sem ti! Duas coisas que são uma e a mesma? Lamento, talvez, não ter sido um Kleist, mas fui o Dórdio Guimarães, bem maior do que muitos o supunham.

Que posso fazer se não levar-te comigo?

É um atestado contra o Universo e a espécie, eu sei. Mas na morte poderia resistir de outro modo?

Será uma questão de minutos, de horas, de dias? O nó tem que se dar e não o poderá impedir. Estranho e fascinante, não é? Fascinante!

Quero que saibas que nunca te adorei tanto como neste momento, nem mesmo nesse tal, total, que nos aguarda, prometo-te!, pois não é possível... Sabes que no próximo dia 6 de Julho faz ou FAZIA?!, dez anos sobre o nosso dia?

Beijo-te o “casulinho” com a minha Alma meu Amor!

Teu para a Eternidade

Dórdio

ANEXO H

Documento 8

Ficha n.º 8
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 7
Número de folhas – 2
Categoria – postal
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Bratislava
Transcrição do postal na língua original – português

Dórdio De Bratislava Te envio os Bons Dias Saudades da Natália

ANEXO I

Documento 9

Ficha n.º 9
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 8
Número de folhas – 2
Categoria – postal
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada
Local – Não indicado (inscrição <i>Mockba</i> no postal)
Transcrição do postal na língua original – português

Queridíssimo

Cá estou numa perestroika cujos aspetos “conservadores” me estão a deixar alarmada.
Depois falamos. Saudades mil da tua cada vez mais

Natália

ANEXO J

Documento 10

Ficha n.º 10
Arquivo de correspondência – Dórdio Guimarães
Cota – 9
Número de folhas – 2
Categoria – postal
Modo de registo – manuscrito
Remetente – Natália Correia
Destinatário – Dórdio Guimarães
Data – Não indicada (selo com a inscrição 1984)
Local – Moscovo
Transcrição do postal na língua original – português

Querido Dórdio

Já os olhos meigos de Propércio enfureceram Cynthia em Moscovo. Tudo isto é grandioso. Mas falta a tua presença. Farei o possível por telefonar-te no domingo. Mas é tudo tão difícil. O tempo custa a passar. Sê fiel à saudade da tua Natália.

ANEXOS

OFÍCIOS: AUTORIZAÇÃO DA PUBLICAÇÃO DO *CORPUS* TEXTUAL

ANEXO K

Exm.^a Sr.^a Técnica Superior de Arquivo, Odília Gameiro
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
Largo do Colégio, 9500-044 – Ponta Delgada

**ASSUNTO: AUTORIZAÇÃO PARA ESTUDO DAS PEÇAS EPISTOLARES DA
CORRESPONDÊNCIA PESSOAL DE NATÁLIA CORREIA ENDEREÇADA A DÓRDIO
GUIMARÃES E VICE-VERSA.**

Eu, Odília de Fátima Soares Silveira Machado, aluna n.º 1701253, do 2.º Ano do Curso de Mestrado *Estudos da Língua Portuguesa – Investigação e Ensino*, da Universidade Aberta, venho por este meio solicitar que seja formalizada, por escrito, a autorização dada, presencialmente, a meados do mês de janeiro de 2019, pelos serviços da Biblioteca Municipal e Arquivo Regional de Ponta Delgada, no que se refere às atividades que levei a cabo, em sala específica e indicada pelos mesmos, para a realização das atividades de consulta, leitura e seleção das peças epistolares da correspondência mencionada em epígrafe, por forma a constituir o *corpus* textual da investigação seguinte: *Do segredo à revelação: subsídios para o estudo retórico-discursivo do epistolário inédito de Natália Correia*, mediante a orientação científica da Professora Doutora Isabel Roboredo Seara.

Decorrente do trabalho realizado, presencialmente, nos vossos serviços, foi solicitada a digitalização das peças epistolares necessárias ao prosseguimento do estudo, partilhando que, decorrente da posterior análise pragmática realizada em relação a todas essas peças, foram selecionadas apenas dez para inclusão efetiva no *corpus* textual da investigação, conforme a descrição seguinte:

- Correia, N., Correspondência para Dórdio Guimarães: cota 6 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 7 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 8 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 9 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 10 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 11 (s/d), 1 fl. (manuscrito); cota 12 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 373 (s/d), 2 fls. (manuscrito); cota 374 (s/d), 1 fl. (manuscrito);

- Guimarães, D., Correspondência para Natália Correia: cota 1372 (s/d), 5 fls. (manuscrito).

Por fim, esclareço que envio, em anexo, a *Declaração de Anuência* da minha orientadora Professora Doutora Isabel Roboredo Seara, por forma a fazer prova de que a autorização pedida para consulta, digitalização e estudo retórico-discursivo das peças epistolares selecionadas se enquadra, efetivamente, num trabalho académico cuja entrega tem de ocorrer o mais tardar até ao próximo dia 9 de março de 2020.

Estando certa da vossa compreensão e colaboração, aguardo pela emissão atempada do documento solicitado.

Atenciosamente,

Angra do Heroísmo, 19 de fevereiro de 2020

A mestranda,

Odília de Fátima Soares Silveira Machado

ANEXO L

Ex.ma Senhora

Odília Machado

odiliasilveiramachado@gmail.com

N/ Referência: SE/2020/249e

Processo: 7.5/2020/23

Data: 2020.02.24

Assunto: Autorização de publicação de correspondência do Arquivo de Natália Correia

Em resposta à solicitação da V. Ex^a, informo que foi superiormente autorizada a publicação da correspondência mencionada devendo, no entanto, ser referido que a mesma pertence à Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, Arquivo Natália Correia e Arquivo Dórdio Guimarães.

Com os melhores cumprimentos,

Odília Gameiro

Técnica Superior de Arquivo

BIBLIOTECA PÚBLICA E ARQUIVO REGIONAL DE PONTA DELGADA

OG/GS

